



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

VICTOR NOJOSA DE OLIVEIRA

**QUINTO IMPÉRIO: DA RUPTURA À CONVERGÊNCIA DAS ORDENS
SUPRASENSÍVEIS E SENSÍVEIS EM ANTÔNIO VIEIRA**

**FORTALEZA
2023**

VICTOR NOJOSA DE OLIVEIRA

QUINTO IMPÉRIO: DA RUPTURA À CONVERGÊNCIA DAS ORDENS
SUPRASENSÍVEIS E SENSÍVEIS EM ANTÔNIO VIEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Filosofia. Área de concentração: Ética e Filosofia Política.

Orientador: Prof. Dr. Evanildo Costeski.

FORTALEZA
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- O52q Oliveira, Victor Nojosa de Oliveira.
Quinto Império : da ruptura à convergência das ordens suprassensíveis e sensíveis em
Antônio Vieira / Victor Nojosa de Oliveira Oliveira. – 2023.
113 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte,
Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Fortaleza, 2023.
Orientação: Prof. Evanildo Costeski.

1. Quinto Império. 2. suprassensível. 3. sensível. I. Título.

CDD 100

VICTOR NOJOSA DE OLIVEIRA

QUINTO IMPÉRIO: DA RUPTURA À CONVERGÊNCIA DAS ORDENS
SUPRASENSÍVEIS E SENSÍVEIS EM ANTÔNIO VIEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, do Instituto de Cultura e Arte - ICA da Universidade Federal do Ceará - UFC, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Filosofia. Área de Concentração: Ética e Filosofia Política.

Aprovada em: 24/05/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Evanildo Costeski. (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Luis Carlos Silva de Sousa
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Lucio Álvaro Marques
Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).

Deus em primeiro lugar.

Aos meus pais, Antonio de Freitas e Zuleide Nojosa.

À minha esposa, Osineide Ferreira. Às minhas filhas, Ester dos Santos e Rebeca dos Santos.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Ceará, onde desenvolvi toda a minha formação intelectual desde 2012;

Aos meus pais Antonio Freitas de Oliveira e Zuleide Nojosa de Oliveira que, com zelo, apoio e muito afeto contribuíram de forma crucial para a formação dos meus valores;

À minha esposa, Osineide Ferreira do Santos Nojosa, que não tem medido esforços para estar ao meu lado, inclusive abrindo mão de diversos objetivos de ordem pessoal.

Às minhas filhas, Ester dos Santos Nojosa e Rebeca dos Santos Nojosa, que são as razões e as fontes que me motivam a não desistir dos meus objetivos;

Ao meu estimável orientador Evanildo Costeski, que com sua sensibilidade filosófica, agudeza teórica e espírito crítico, tem sido um referencial para todos os orientandos.

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) pelos 24 meses de bolsa-auxílio;

Ao meu amigo Maílson Bruno de Queiroz Carneiro Gonçalves, por toda a sua disposição em contribuir com dicas metodológicas preciosas.

E a todos que de forma direta e indireta contribuíram intelectualmente para fortalecer a maturidade teórica desse trabalho.

Um pigmeu sobre um gigante pode ver mais que ele. Pigmeus nos reconhecemos em comparação daqueles gigantes que olharam antes de nós para as mesmas Escrituras. Eles sem nós viram muito mais do que nós pudéramos ver sem eles, mas nós, como viemos depois deles e sobre eles, pelo benefício do tempo vemos hoje o que eles viram, e um pouco mais (VIEIRA, 2015b, p. 147).

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apontar o conceito de Quinto Império em Antônio Vieira como a única instância promotora capaz de instaurar no cosmo a plena unidade entre o mundo sensível e suprassensível. O equilíbrio cósmico havia sido fraturado pela intromissão do pecado original e o processo de renovação da totalidade compreenderá a transformação das temporalidades de conformidade com a Providência do Ser divino sem prejuízos para o exercício da liberdade humana, pois os seres humanos são integrados ao Ser divino em uma relação de recíproca correspondência. Nesse sentido, o Quinto Império é concebido como um paradigma presente no horizonte de expectativa e impele o sujeito humano para o fluxo permanente e ininterrupto do vir a ser. Buscamos, assim, compreender que o Quinto Império promoverá a fusão ontológica de todas as coisas no Ser divino. Para tanto, a opção metodológica dessa investigação se fundamenta em interpretações exegéticas de questões centrais presentes em várias obras de Vieira, pois nossa pesquisa privilegia um *locus* temático e não centra suas análises em uma obra específica. Também realizamos uma revisão bibliográfica de comentadores especialistas no pensamento do Padre Antônio Vieira que certamente lançaram luz hermenêutica para várias questões intrigantes. Concluímos que a expansão da restauração que será ordenada pela instauração da quinta monarquia aglutinará também as dimensões naturais, sociais e políticas.

Palavras-chave: Quinto Império; suprassensível; sensível.

ABSTRACT

The present work aims to point out the concept of Fifth Empire in Antônio Vieira as the only promoting instance capable of establishing in the cosmos the full unity between the sensitive and suprasensible world. The cosmic balance had been fractured by the intrusion of original sin and the process of renewing totality will comprise the transformation of temporalities in accordance with the Providence of the divine Being without prejudice to the exercise of human freedom, since human beings are integrated into the divine Being in a relationship of reciprocal correspondence. The expansion of restoration will also bring together the natural, social and political dimensions. In this sense, the Fifth Empire is conceived as a paradigm present on the horizon of expectation and impels the human subject towards the permanent and uninterrupted flow of becoming. We seek, therefore, to understand that the Fifth Empire will promote the ontological fusion of all things in the divine Being. Therefore, the methodological option of this investigation is based on exegetical interpretations of central issues present in several of Vieira's works, as our research favors a thematic locus and does not center its analyzes on a specific work. We also carried out a bibliographical review of expert commentators on the thought of Father Antônio Vieira who certainly shed hermeneutical light on several intriguing questions. We conclude that the expansion of the restoration that will be ordered by the establishment of the fifth monarchy will also bring together the natural, social and political dimensions.

Keywords: Fifth Empire; supersensible; sensitive

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	METAFÍSICA DO TEMPO, DO FUTURO E DA HISTÓRIA	13
2.1	Tempo e providência	14
2.2	A natureza do tempo histórico	23
2.3	Futuro(s) e liberdade	37
3	DA NATUREZA À ORDENAÇÃO SÓCIO-POLÍTICA	49
3.1	Natureza e sacralidade	49
3.2	Cosmologia e influxo astral	55
3.3	Arranjo dos seres na ordem sócio-política	64
4.	INSTAURAÇÃO DO QUINTO IMPÉRIO	76
4.1	Os dados tipológicos e alegóricos do conceito de Quinto Império	76
4.2	Quinto Império e regeneração cósmica como devir	84
4.3	Quinto Império e plenitude	92
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
	REFERÊNCIAS	108

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo expor uma investigação ordenada sobre o conceito de Quinto Império: da ruptura à convergência das ordens suprassensíveis e sensíveis em Antônio Vieira, a partir de uma elaboração categorial fundamentada numa pesquisa interna à obra do autor. Como ponto de partida, optamos em adotar uma temática que tem como pano de fundo uma metafísica presente no pensamento do Padre Antônio Vieira, e que está sistematizada em várias obras.

O cerne dessa perspectiva consiste na concepção de que existe uma unidade estabelecida e ordenada que perpassa as instâncias sensíveis e suprassensíveis e que, embora o pecado original tenha implicado em desordem, desequilíbrio e caos, o Quinto Império haverá de ser a estratégia ontológica capaz de restaurar a unidade fragmentada pelo impacto da improbidade.

A nossa investigação postula analisar, de um lado, com base no pensamento do autor, os efeitos provocados pelas rupturas que atingiram o cosmo e, do outro, pontuar quais são as providências metafísicas capazes de regenerar a criatura e a criação.

O primeiro capítulo, “Metafísica do tempo, do futuro e da história”, apresenta os atributos metafísicos das questões temporais e atemporais. Mais precisamente, os objetos dessa abordagem serão o tempo, o futuro e a história. É preciso acrescentar que o capítulo será subdividido em três subtópicos: 1) “Tempo e Providência”, cujo objetivo é apresentar um projeto teleológico que converterá providencialmente todas os gêneros temporais à ordem temporal sublime que havia sido colapsada pela expulsão do primeiro casal do Éden. Nesse ponto, desenvolveremos a ideia vieirina de que somente a Providência fará, mediante a lógica teleológica, o projeto do Ser divino se cumprir; 2) “A natureza do Tempo Histórico”, que procura dar concretude ao futuro e não centra sua análise somente no passado como objeto de verificação, ou seja, indicaremos que a história vieiriana, a despeito de conter aspectos transcendentais, pode ser feita no Ser pela correspondência humana também. Nesse caso, estaremos diante de uma concepção de história que em certa medida se aperfeiçoa. A ideia foi procurar no conjunto das premissas do Padre Antônio Vieira a fundamentação de que a história tem uma finalidade e que seus sinais são demonstráveis na memória, na retórica e na escrita. Daí a razão pela qual Vieira lançou mão das metáforas, das analogias e

das profecias como elementos que explicitariam a primeira verdade metafísica por analogia, proporção e proporcionalidade. Pela natureza do problema analisado, esse subtópico faz uma abordagem de que, concomitante ao aperfeiçoamento da história, a humanidade crescerá em humanização; 3) “Futuros(s) e Liberdade”, que discute e analisa o futuro como instância materializadora em que se efetivará a ordem quinto imperial. Procuraremos compreender as características otimistas do futuro em Vieira e a dinâmica operada pelo Ser divino na supervisão do futuro contingente e incontingente. Verificaremos a problemática e a tensão entre liberdade humana e Presciência Divina.

O segundo capítulo, “Da Natureza à Ordenação Sócio-Política”, analisa a concepção de Vieira sobre a natureza e seu aspecto sacral, o cosmo e a teoria das influências dos astros na Terra, e termina ressaltando os desdobramentos desses movimentos no campo social e político. A partir de três tópicos, faremos a exposição desses problemas: 1) “Natureza e Sacralidade”, procura abstrair o significado mais profundo da visão vieirina de que o mundo é ontologicamente sagrado. Para tanto, serão elencadas as diferenças essenciais entre as determinações sobrenaturais e as naturais. Além disso, pretendemos mostrar que essas diferenças não provocam antagonismos, ao contrário, para Vieira, haverá a convergência entre esses elementos, o que resultará na plena unidade ontológica de todas as coisas do Céu e da Terra. De forma ainda preliminar, o que poderíamos observar é a aproximação que Vieira estabelece com as novas concepções e métodos da ciência Moderna; 2) “Cosmologia e Influxo Astral”, inicia com uma breve demonstração das características do cosmo vieiriano e faz um esforço de interpretação para elucidar alguns elementos que compõe a formação das dimensões supralunar e lunar. Nessa perspectiva, essa seção também procurou demonstrar a relação providencial do Ser divino na instrumentalização dos astros como sinais legitimadores dos seus propósitos; 3) “Arranjo dos Seres na Ordem Sócio-Política”, trabalha fundamentalmente a natureza da relação entre o mundo celeste e o mundo terrestre. Além disso, faremos uma exposição do pensamento de Antônio Vieira com relação a sua Filosofia Política. Serão objetos desse esforço o conceito de Estado, a soberania do povo, as prerrogativas do rei no exercício do poder, dentre outros elementos.

O terceiro capítulo, “A Instauração do Quinto Império”, discorrerá sobre a natureza e a forma como o Padre Antônio Vieira desenvolveu e fundamentou o

conceito de Quinto Império mundial. Seguindo o mesmo formato dos capítulos antecedentes, esse também terá três divisões: 1) “Os dados exegéticos do conceito de Quinto Império”, parte da análise Bíblica, ou seja, delinearemos os caminhos teóricos pelo qual Vieira foi amarrando o fundamento arquitetural do Quinto Império. Nessa mesma direção, trabalharemos o entendimento vieiriano das profecias contidas nos textos Sagrados. Além da investigação de cunho exegético e hermenêutico, aglutinaremos o impacto que alguns movimentos provocaram no contexto e criaram as condições favoráveis para a disseminação das utopias. Para o caso de Vieira, estamos especificamente nos referindo ao sebastianismo e ao joanismo; 2) “Quinto Império e Regeneração Cósmica como Devir”, dissertará sobre a renovação que o Quinto Império vai propiciar à humanidade. Esse evento promoverá a superação cósmica e ontológica de todas as coisas. Também abordaremos a vitória final sobre toda transitoriedade dos tempos e dos reinos que foram provocadas pelo pecado original. Essa expectativa estará reservada para o tempo *kairológico* do Ser divino.

É nesse sentido que procuraremos pontuar os atributos do devir, razão pela qual Vieira mantém o primado da esperança e do otimismo com relação ao futuro da humanidade; 3) Quinto Império e Plenitude”, exibirá a extensão do Quinto Império, que não se limitará à questão supraterrena, pois fundirá ontologicamente todos os espaços e todos os tempos. Ainda analisaremos a inclusão da humanidade no infinito e a solução definitiva para a tensão entre a dimensão terrena e supraterrena. Na verdade, em termos mais abrangentes, elencaremos a extensão integradora da plenitude quinto imperial na natureza humana, na ordem física, política, histórica e na promoção do bem e no futuro.

A presente pesquisa oportunizará a compressão e a organização do pensamento epistemológico vieirino, considerando o seu contexto e objetivando a atualização conceitual de modo a contribuir para a relevância das discussões no âmbito acadêmico. A abordagem metodológica se ocupará de expor o pensamento do autor e sua significação dentro de um quadro mais geral que encadeie um sistema coeso e lógico. Somente assim, poderemos problematizar o conceito de convergência entre as instâncias sensíveis e suprassensíveis. Analisaremos em que medida o conceito de unidade ontológica abrange a conexão do cosmo em uma totalidade.

Por fim, nossas ponderações têm como propósito colaborar com as

pesquisas vieirinas, trazendo subsídios para ampliarmos as discussões e as problematizações no campo da metafísica. Expressões como, “união das vontades”, “corpo místico”, “cabeça do reino”, “bem comum”, dentre outras, são representações que evidenciam a admissão das realidades que transcendem a experiência sensível e que busca a razão primeira do Ser.

2 METAFÍSICA DO TEMPO, DO FUTURO E DA HISTÓRIA

Veremos que, para o Padre Antônio Vieira¹, o conceito de metafísica está fundado na infinidade e intrinsecamente atrelado à ação política; ao exercício da vontade; às leis; às ordens atemporais e temporais; dentre outros elementos. Nessa direção, a Providência divina implantará o Quinto Império, cujo propósito será formar uma vontade unificada: uma espécie de corpo místico, onde o Ser divino deverá unificar todas as ordens temporais, naturais e as vontades individuais, fazendo com que a criatura e a criação participem da sua substância metafísica em sua plenitude.

Assim sendo, as verdades eternas são significadas nos fluxos e determinações temporais e são perfeitas no Ser divino². Essas verdades abarcam

¹ Nasceu em 6 de Fevereiro de 1608 em Lisboa. Em 1609, seu pai partiu para o Brasil com a incumbência de ser escrivão da Baía. Em 1612, ele retornou a Portugal para levar sua família para o Brasil. Em 1613/14, Vieira embarcou com a família para a cidade de Salvador da Baía, capital do Estado do Brasil. Já em 1615 estudou Humanidades no Colégio jesuíta e em 5 de Maio de 1623, com 15 anos de idade, entrou para o Colégio dos Jesuítas, onde inicia o seu noviciado. Foi ordenado sacerdote em 1635, após ter concluído os estudos de Retórica, Filosofia e Teologia. Em 1654, Vieira proclamou o Sermão de Santo Antônio aos Peixes e logo na sequência retornou a Portugal para solicitar proteção para os índios e maior autonomia para a Companhia de Jesus frente aos poderes das autoridades governamentais. Em 1658, Vieira escreve *Esperanças de Portugal Quinto Império do Mundo*. Ele ainda enfrentaria muitos embates diante dos colonos, que conseguiram expulsar do Maranhão a Companhia de Jesus em 1661. Diante dessa problemática, ele regressa a Lisboa e, nesse contexto, foi exilado para a cidade do Porto. E, como se não bastasse, a Inquisição passa a lhe investigar iniciando os interrogatórios em 21 de junho de 1663 em Coimbra. Um dos objetivos dos inquisidores era censurar a ideia de Quinto Império, divulgada no texto *Esperança de Portugal: Quinto Império do Mundo*. E a acusação consistia em: judaísmo; a suspeita em relação a um texto denominado *Clavis Prophetarum*; a apropriação das ideias de Bandarra; e a defesa de uma redenção cósmica e universal dos gentios, além da implantação do Quinto Império. Entre 1663 a fevereiro de 1664, o Padre Antônio Vieira foi submetido a 9 exames. Nesse mesmo ano, no mês de abril, ele inicia a produção de sua defesa e se estende até setembro de 1665. Esses documentos foram denominados de proféticos: *História do Futuro* e a *Apologia das coisas profetizadas*. Antônio Vieira foi para o cárcere, de onde produziu sua *Defesa Perante o Tribunal do Santo Ofício*. O jesuíta enfrentou mais 21 exames em 1666. Continuou preso até a sentença ser lavrada em dezembro de 1667. Nesse momento turbulento, Vieira fez uma petição ao Conselho Geral de Coimbra e Clemente X o livra da condenação. O Padre Antônio Vieira morre em 1697, sem concluir a *Clavis Prophetarum*, no colégio dos jesuítas, Salvador, Baía.

²Para Vieira, a identidade do Ser (Deus), causa de todas as coisas, é indeterminada. Os seres são desdobramentos e reflexos do Ser por *atribuição*. Na *proporção*, os seres possuem atribuição do Ser que é proporcionalmente diferente. Já o juízo organiza e opera conceitos fundados na analogia do Ser e destaca as categorias possíveis. Os seres interagem de conformidade com leis eternas que estabelecem o imperativo da ordenação. Na cadeia dos entes existe uma hierarquia e todos têm o seu lugar. Cada criatura é dotada de substância metafísica e são semelhantes por atribuição da mesma Causa. A atribuição, a multiplicidade e a medida da interação ontológica do Ser na essência dos entes, são ordenadas por categorias de espécies. Na obra *Teatro do Sacramento*, Alcir Pécora discorre muito bem sobre essa questão: “Mas se isso repugna a uma lógica antiescolástica, bem contrário é o sentimento do Padre Vieira diante dessa noção: ser e não-ser é a sua grande questão. Noções como semelhança, similitude, participação, analogia, interessam-lhe justamente pelas dificuldades que opõem a uma precisa definição de contornos entre o que é do Ser divino e o que é do universo criado – não, claro, que Vieira negue a diferença entre eles, o que ele nega é a definição de limites que procurem dissolver a concomitância misteriosa entre as ordens, as “dificuldades”

todas as modalidades de tempos: tanto do passado, como do presente e do futuro. Elas podem ser compreendidas a partir de figuras imperfeitas que demonstram analogamente suas diversas determinações contingentes, díspares e comuns e estão presentes nos instantes da ordem temporal com a finalidade de instaurar um projeto uno na história e no futuro.

2.1 TEMPO E PROVIDÊNCIA

O Padre Antônio Vieira foi um teísta cristão que acreditava no criacionismo providencialista: perspectiva fundada na ideia fundamental de que a criação possui uma ordenação que é assegurada, preservada e mantida pelas interferências do Ser divino. A criação é consubstanciada por duas formas de lei: a divina e a natural. Enquanto a primeira expressa a vontade de Deus, a segunda aponta para o bem mantém a luz da Graça divina é intrínseca na alma; coopera no discernimento dos projetos providencias e na distinção do bem e do mal; estabelece valores universais, legitimando assim a participação de todos na universalidade; e encaminha o adequado exercício do livre arbítrio para exprimir atitudes eticamente corretas. Podemos elencar uma terceira lei que, igualmente às anteriores, visa contribuir com o bem comum: a lei positiva, também denominada de leis dos homens, que abstrai da lei divina e natural seu estatuto funcional e centra seus esforços para a consolidação da política, da sociedade e promove a subordinação de todos ao universal operando simultaneamente nos sujeitos a efetiva ampliação do bem comum.

Um dado a considerar aqui diz respeito ao impacto provocado pelo pecado original na totalidade da criação, em que, nesse drama, a razão humana desenvolveu uma inabilidade de, por si só, alcançar a redenção. Diante dessa condição, somente nos méritos eficazes do sacrifício vicário de Cristo é que a humanidade poderá receber todo suporte para sua redenção. Para Vieira, a lacuna deixada pelo pecado pode ser atenuada, caso o homem obedeça às três leis citadas. Entretanto, a energia moral que opera a obediência também ficou danificada, e nesse caso, a razão natural necessita de luz e auxílio da Graça.

É bem verdade que o desastre do pecado não inviabilizou totalmente a

modernas do tomismo aqui entrevistas são os trunfos com que conta a sua retórica afiada na concepção sacramental do mundo” (2008, p. 135).

comunidade humana de viver em irmandade e de desfrutar da Graça que propicia o desenvolvimento do comportamento humano, porém, a vontade humana, que é inerente à capacidade racional e que fornece a condição para o discernimento dos apelos das três leis contidas na alma como lampejos divinos, foi machada pelo pecado.

Para conter as marcas efêmeras e triviais do pecado original, as leis positivas precisavam: voltar-se para a regularização do comportamento social; estabelecer punições; efetivar a justiça; implementar o sumo bem na sociedade; e realçar tudo o que havia restado de virtuoso na natureza humana; porém, a harmonia, a fraternidade e a unidade cosmológica foram quebrantadas. Os impérios não conservaram o equilíbrio, e a segregação contribuiu para a fragmentação dos vínculos humanos, o que repercutiu na descaracterização da sociedade natural, ou seja, a humanidade havia dado provas de que submeter-se ao estado de natureza não havia sido suficiente para garantir a vitória sobre a improbidade.

Está claro, obviamente, que o cosmo passou a depender de algo sublime para experimentar a redenção plena, e como um dos efeitos brutais do pecado original foi a expulsão de Adão e de Eva do Éden: lugar de fixação do Infinito, a vida humana foi reduzida à tríplice morte: a espiritual; a somática e a eterna. O Padre Antônio Vieira compreende que somente a Providência do Ser divino será capaz de conectar a humanidade à ordem temporal primeira. Partindo dessa premissa, compreendemos que a Graça e a Providência divina estabelecerão a conexão metafísica e auxiliarão o ser humano, exigindo sua participação na construção e no aperfeiçoamento do tempo.

Em Vieira, o tempo, ente criado, é efeito e ícone da Primeira Causa e possui substância metafísica, e embora possua uma dimensão histórica, não se submete à imposição da história, pois suas modalidades são desiguais: exatamente porque são gêneros similares e não idênticos. Nesse sentido, não há uma repetição dos modos temporais no tempo. Essa dinâmica desigual do tempo coloca a humanidade diante do futuro como um horizonte ainda não realizado. *Na Chave dos Profetas*³, Vieira diz:

³ A *Clavis Prophetarum*, foi a obra mais importante que Vieira construiu ao longo de toda sua extensa vida e ficou inacabada. As questões abordadas tratam de temas ligados a: esperança no retorno de um príncipe Encoberto; a derrota dos turcos; a conquista da Terra Santa; a instauração do Quinto Império mundial que durará mil anos; dentre outros. Na coletânea *Cartas de Lisboa: Cartas da Baía* há uma correspondência, de 27 de junho de 1669, em que Vieira escreve a Sebastião de Matos e

É que neles nem “dia” significa “dia”, nem “hora” significa “hora”, ou “semana” significa “semana”, da mesma maneira que nem “ano” significa “ano”, ou “século” significa “cem anos”, ou o próprio “tempo”, que é de significação indefinida, significa “tempo indefinido”, mas sim “definido” (VIEIRA, 2014a, p. 352).

A aparente não realização imediata do tempo providencial não implicará em pulverização do programa divino, pois a Providência implantará em todas as temporalidades suas determinações. A instauração fenomênica do Quinto Império expressará essa dinâmica entre Providência, tempo, história e futuro. É nesse sentido que a doutrina da Providência Divina foi fundamental para reafirmar a concepção de Vieira de que o Ser divino não somente domina o tempo, mas conduz a história. Existe uma relação essencial entre o acontecer e o tempo oportuno da sua efetivação mediante o tempo providencial. Os seres humanos são condicionados à diferença e ao instante do tempo, ao passo que o Ser divino administra o tempo de forma inteligente de conformidade com seu plano. Na obra *A Plenificação da História em António Vieira*, Paulo Borges expõe essa questão:

Aliás, tal como a verdade destes acontecimentos essenciais, oculta nas suas profecias, só no tempo oportuno providencialmente se revelou, analogamente entende Vieira haver uma sua continuidade essencial por desvelar que, embora prefigurada nas Escrituras, só o tempo providencial da sua emergência manifestará. Se há, em Deus, uma contenção no desvelamento do seu plano, humanamente traduzida por uma exaltação da sua beleza e maravilha, é ainda ao nível da humanidade que «a diferença dos tempos» é imagem da economia divina, compondo as situações privilegiadas para o seu desocultamento. Tais situações oportunas, evidentemente corresponde à «undécima hora» da parábola evangélica, manifestam o excesso da destinação temporal e da condição óptica relativamente às aptidões do saber, no que respeita à inteligência dos planos da Providência (BORGES, 1995, p. 95).

Sousa dizendo que: “Estando eu em Lisboa todo aplicado à força de Castela e Portugal ma tiraram das mãos, querendo que, em lugar de palácios altíssimos, me ocupasse em fazer choupanas, que são os discursos vulgares que até agora se imprimiram” (VIEIRA, 2014d, p. 516). Para Vieira, a *Clavis Prophetarum* era os seus “palácios” e os Sermões eram às “choupanas”. Recentemente após 300 anos o manuscrito original da *Clavis Prophetarum*, escrito pelo Padre António Vieira, foi descoberto e apresentado no anfiteatro da Faculdade de Letras em Lisboa. O documento foi exibido em Roma na Universidade Pontifícia Gregoriana. Na verdade, segundo o site Vatican News o documento foi encontrado por: “especialista em literatura apocalíptica e investigadora principal do Centro de História da Universidade de Lisboa; e Arnaldo Espírito Santo, professor emérito da Faculdade de Letras, responsável por uma edição crítica do livro III da ‘Clavis’”. Por ocasião da apresentação na Faculdade o padre Nuno da Silva Gonçalves, reitor da instituição ressaltou que: “Estou certo de que apresentar em 2022 este manuscrito de António Vieira é motivo de satisfação para todos nós: pelo valor do manuscrito em si mesmo e porque o seu autor, Vieira, é uma figura luso-brasileira por excelência; uma figura capaz de continuar a juntar as duas margens do Atlântico”. Ver: Manuscrito original do padre António Vieira, apresentado em Lisboa. Vatican News, Lisboa, 31, maio 2022. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2022-05/manuscrito-original-padre-antonio-vieira-apresentado-em-lisboa.html>. Acesso em: 03/06/2023.

Para o Padre Antônio Vieira, a Providência articula-se com os fluxos contínuos dos tempos e tem repercussão na trama histórica e o “benefício do tempo” expressa-se através do seu significado e sentido, que são filtrados e estabelecidos pela peneira do presente. Sendo assim, é possível, no tempo existencial de Vieira, compreender os comunicados divinos de maneira muito mais clara do que os próprios profetas que as anunciaram. É nesse sentido que Vieira utiliza a metáfora do pigmeu o do gigante⁴ na obra *História do Futuro*:

Um pigmeu sobre um gigante pode ver mais que ele. Pigmeus nos reconhecemos em comparação daqueles gigantes que olharam antes de nós para as mesmas Escrituras. Eles sem nós viram muito mais do que nós pudéramos ver sem eles, mas nós, como viemos depois deles e sobre eles, pelo benefício do tempo vemos hoje o que eles viram, e um pouco mais (VIEIRA, 2015c, p. 147).

Vieira diz que os benefícios do tempo e da Providência incluíram a colaboração e a participação dos homens em seu aperfeiçoamento. Ora, é interessante notar que mesmo o Ser divino sendo “Senhor dos tempos”, estabeleceu uma margem na ordem temporal para o exercício da vontade humana. As expressões: “cavaram” e “varreram”, evidenciam o esforço empreendido e a correspondência de muitos homens no exercício do discernimento dos mistérios temporais. Para Antônio Vieira, a partir desse empenho acumulado, a compreensão desses enigmas seria mais clara e eficiente, pois muitos empecilhos já haviam sido removidos, ou seja, a construção epistemológica do conceito de tempo estava rumando para bases inerrantes. O que é preciso ter em vista, porém, é que está muito claro no pensamento de Vieira que o tempo, além de beneficiar, também

⁴ A ilustração dos pigmeus e dos gigantes é atribuída a Bernardo de Chartres (†c.1124), um filósofo platônico francês. Provavelmente essa metáfora objetiva a relevância de abstrair verdades a partir do acúmulo de informações anteriores e que não poderiam ser desprezadas. Segundo Étienne Gilson, na obra *O espírito da filosofia medieval*, o contexto em que Bernardo viveu foi marcado pela difusão de estudos e debates que objetivavam o resgate de pensadores clássicos: “Que resta então, na atitude dos mestres medievais, que nos ofende ou que nos incomoda? Nada, talvez, a não ser sua modesta docilidade em se instruir sobre a filosofia antes de trabalhar para o seu progresso. Se isso é um crime, eles o cometeram, e não há remédio. Eles acreditaram que a filosofia não pode ser obra de um homem, qualquer que seja o gênio dele, mas que, como a ciência, ela progride por meio da paciente colaboração das gerações que se sucedem, cada uma das quais se apoiando na precedente, para superá-la. “Somos como anões nos ombros de gigantes”, dizia Bernardo de Chartres. “Vemos mais coisas que os antigos, e mais distantes, mas não é nem graças à acuidade da nossa vista, nem pelo elevado da nossa altura, é apenas por eles nos carregarem e nos alçarem com sua estatura gigantesca” (2020, pp. 519-520). Assim como Bernardo ressaltou a relevância dos intelectuais do seu tempo comprando-os com os sábios da Grécia e de Roma, Vieira ao lançou mão da mesma metáfora para reforçar sua disposição para estabelecer um diálogo com a efervescência do conhecimento de sua época”.

convoca os homens para serem seus cooperadores, no entanto, o Ser divino sempre estará no comando de todos os lances temporais:

De maneira que, resumindo toda a resposta da objeção, digo que descobrimos hoje mais, porque olhamos de mais alto; e que distinguimos melhor, porque vemos de mais perto; e que trabalhamos menos, porque achamos os impedimentos tirados, porque todos os que cavaram neste tesouro e varreram esta casa foram tirando impedimentos à vista; e tudo isto por benefício do tempo ou, para o dizer melhor, por providência do Senhor dos tempos (VIEIRA, 2015c, p. 155).

O tempo vieirino tem dois hemisférios: o hemisfério superior e visível, o passado; e o hemisfério inferior e invisível, o futuro. Entre esses dois hemisférios, no meio, permanecem os horizontes do tempo. Aqui, o conceito de tempo é diametralmente oposto à ideia de tempo cujas premissas partem do passado. Em Vieira, a análise adequada do tempo, do ponto de vista metodológico, deve partir do presente para o futuro e do futuro para o presente. Até mesmo a cognoscibilidade do tempo só pode ser captada na sua própria efetivação, precisamente no exato instante do seu acontecer onde se entrelaçam os hemisférios (passado e futuro) e na sequência desentrelaçam-se, incidindo e gerando instantaneamente um novo horizonte: o futuro, instância das novidades, das novas regiões e novos habitantes:

O tempo (como o mundo) tem dois hemisférios: um superior e visível, que é o passado; outro inferior e invisível, que é o futuro. No meio de um e outro hemisfério ficam os horizontes do tempo, que são estes instantes do presente que imos vivendo, onde o passado se termina e o futuro começa. Desde este ponto toma seu princípio a nossa *História*, a qual nos irá descobrindo as novas regiões e os novos habitantes deste segundo hemisfério do tempo, que são os Antípodas do passado (VIEIRA, 2015c, p. 67).

Nessa lógica, em que o presente é a instância onde o futuro se descortina e o passado se estanca, o homem, quando corresponde ao divino, pode ser protagonista na construção do futuro na medida em que desenvolve a sensibilidade necessária para discerni-lo, e só é possível sondá-lo no Ser divino, pois Ele é quem revela os seus segredos. Diferentemente da condição humana, o Ser divino que não está condicionado ao tempo e tampouco ao espaço, faz com que o passado, o presente e o futuro sejam eternos “agora”. Daí a razão porque o Seu Decreto sempre será consistente.

Maria Abrão na obra *Lembra-te do futuro: a teologia de António Vieira à luz da História do Futuro*, diz que Vieira, invertendo os polos da história tradicional,

que tenta compreender o futuro a partir do passado, parte do futuro para desvelar o presente, portanto: “a atualização do desígnio de Deus atualiza a ação humana e a torna efetivamente contemporânea. Ela faz com que o homem pertença ainda mais a seu tempo” (2012, p. 89). Esse processo de atualização pode ser verificado em uma passagem da *História do Futuro*:

[...] diz o Apóstolo São Paulo que “acomodou Deus e repartiu os séculos conforme os decretos da Sua palavra, para que das coisas invisíveis se fizessem visíveis”. Por onde não é muito que tanta parte do mundo e as gentes que o habitavam estivessem ignoradas e invisíveis por tantos séculos, e que depois chegasse um século em que se descobrissem e fossem visíveis. E assim como, corrida esta cortina, se descobriram e manifestaram as terras e gentes de que tinham falado os profetas, assim se entenderam e descobriram também os segredos e mistérios de suas profecias. Destas terras ultramarinas, encobertas e incógnitas falava Isaías [...] (VIEIRA, 2015c, p. 216).

Para os gregos, o movimento do tempo tem um caráter eterno, permanente, insubornável e constante. O tempo grego segue um movimento circular e funda um eterno retorno sem espaço para alterações, nessa lógica, os fatos são repetitivos. Para os romanos, o conceito de tempo atravessa o tempo dos deuses, o tempo político, o tempo do calendário, dentre outras concepções. No cristianismo, o tempo é mensurado de forma linear e progressiva, portanto, é um tempo ascendente. Em Antônio Vieira, temos uma renovação no conceito de tempo, que além de passar, projeta-se na direção da plenitude. Nesse ponto, vale destacar o que disse Manoel Cândido Pimentel na obra *De chronos a kairós: Caminhos filosóficos do Padre Antônio Vieira*:

O estudo comparativo dos textos que formam o corpus profético facilmente convence do valor crítico da ciência condicionada para a função da profecia e da exegese profética no pensamento de Vieira, tanto quanto para a ponderação do valor ontológico do tempo no papel que aí desempenha, tempo que não é linear, nem circular, nem espiral, cuja matriz teórica deve ser procurada no único tempo capaz de satisfazer a intelecção do agir de Deus na História: não é linear à semelhança do tempo histórico, típico das doutrinas do progresso indefinido ou das doutrinas que se finalizam no ouro das idades; não é circular como o tempo do eterno retorno; não é espiral a caminho de um coroamento por continuidade ou por se fazer a dialética de um transito em aberto (PIMENTEL, 2008, p. 77-78).

Devemos notar, a partir do texto citado, que o tempo tem um *telos*. O conceito espiral do tempo sugere sua progressividade e seu caráter não cumulativo. Já a ideia linear de tempo aponta para uma sucessão contínua de eventos objetivando um suposto “progresso indefinido”. E o tempo cíclico tem sua dinâmica

direcionada para o eterno retorno. Em Vieira, temos uma premissa de tempo que extrapola os horizontes da ideia de linearidade; para dizê-lo ainda com mais propriedade, o tempo é ascensional, considerada a sua elevação para alcançar uma instância superior, ou seja, o tempo vieirino é *Kairológico*:

O tempo em Vieira é assuntivo. O tempo da assunção não é cursivo nem recursivo, movimentos que de algum modo supõem continuidade, o ascenso ou o descenso, ou a experiência fenomenal e quantitativa de *chronos*. Situa-o melhor a noção grega de *Kairós* (καιρός). O tempo de Vieira é o tempo *kairológico* como *tempo oportuno*: por ele se explica a súbita realidade do instante em ruptura com os tempos crônicos, a imprevista erupção do divino no tempo da História. No instante *Kairótico* recolhe-se o sopro divino que torna possíveis a anunciação e a teofania. O tempo assuntivo é ainda o tempo próprio da saudade e igualmente o da esperança (PIMENTEL, 2008, p. 78).

Na medida em que o tempo vai se descortinando, os horizontes futurísticos, que são passáveis de apreensões concretas, vão se efetivando. No *Sermão de Quarta-Feira de Cinza* Vieira diz: “[...] porque tudo o que vive neste mundo é o que foi, e o que há de ser. Só Deus é o que é; mas por isso mesmo. Por isso mesmo: notai” (2015c, p.101). Os eventos condicionados são insuficientes para explicar qualquer relação de causa e efeito previamente operado no interior do tempo. Por outro lado, os acontecimentos não podem excluir o Ser divino e não são autônomos em cada instante. Por esta razão, o instante *Kairótico* abarca qualquer modalidade temporal. A partir dessa perspectiva *kairótica*, Vieira utiliza a figura dos dois espelhos para mostrar o conceito de tempo: os dois espelhos defronte exibem a dinâmica dos tempos que se foram e que não de ser:

Nesta mesma roda natural das coisas humanas, descobriu a sabedoria de Salomão dois espelhos recíprocos, que podemos chamar do tempo, em que se vê facilmente o que foi, e o que há de ser [...]. “Que é o que foi? Aquilo mesmo que há de ser. Que é que há de ser? Aquilo mesmo que foi”. Ponde estes dois espelhos um defronte do outro, e assim como os raios do Ocaso ferem o Oriente e os do Oriente o Ocaso; assim por reverberação natural, e recíproca, achareis que no espelho do passado se vê o que há de ser, e no futuro o que foi. Se quereis ver o futuro, lede as histórias, e olhai para o passado; se quereis ver o passado, lede as profecias, e olhai para o futuro. E quem quiser ver o presente para onde há de olhar? Não disse Salomão; mas eu o direi. Digo que olhe juntamente para um, e para outro espelho. Olhai para o passado, e para o futuro, e vereis o presente. A razão, ou consequência é manifesta. Se no passado se vê o futuro, e no futuro se vê o passado, segue-se que no passado, e no futuro se vê o presente; porque o presente é futuro do passado, e o mesmo presente é o passado do futuro (VIEIRA, 2015c, p. 110).

O tempo vieiriano será fenomenológico, o que é atestado pela realização histórica do Quinto Império. Será uma eclosão cósmica sem precedentes e um

tempo oportuno. Borges notou exatamente essas pistas no pensamento de Vieira: a revelação de um tempo concludente; um tempo com potência para ato quinto imperial; um tempo redentor; um tempo que se fará historial; e um todo teleológico:

Tornar-se-á assim bem explícito o lugar central que uma meditação sobre o tempo e sobre a sua dimensão histórica ocupa na obra de Vieira. No tema particular que aqui estudamos, apercebe-se como todo o dinamismo constitutivo e estruturante e fenomenológico Quinto Imperial se possibilita a partir de uma temporalização que, de Deus para o homem, toda a história manifesta como um integral tempo oportuno e decisivo para que o homem nele se divinize. Poderíamos dizer que o *tempo*, e excelsamente o das potencialidades Quinto Imperiais, é o aspecto que mais relevantemente assume, para a inteira humanidade e para cada homem, o Dom, único e supremo, da Redenção. O Sacrifício de Deus, no e pelo Homem, é criador de tempo, mas de um tempo que, na mesma pletora de possibilidades de se fazer *história*, é já todo orientado ao Fim que naquele mesmo Sacrifício se inicia. A temporalização que emerge a partir do Acto redentor, como tempo de Deus para o homem, é já refluxo que para o Fim original a cada momento aumentando torna, na exacta medida da cumulação de decisões essenciais pelas quais a aparência do tempo meramente humano se dissolve na essência do que sempre é em e para Deus, assim divinizando o assumi-lo até às últimas consequências (BORGES, 1995, p. 99).

A continuar nessa direção, o Ser divino tem uma vontade que está oculta e que será compartilhada com a comunidade humana, porém, essa partilha acontecerá providencialmente no tempo *kairológico* a partir dos próprios parâmetros estabelecidos pela ordem e disposição da sua Providência. O certo é que há uma gerência divina agindo no mundo cuja sabedoria humana jamais será capaz de capturá-la mediante a sua própria sabedoria. Em outras palavras, nenhuma hermenêutica elaborada pela inteligência humana será capaz de abstrair o verdadeiro significado do programa providencial do Ser divino, pois um dos instrumentos utilizado por Deus para desvelar os seus segredos é a imposição do próprio tempo: o tempo é a verdadeira chave hermenêutica de descortinamento do projeto divino. Ainda na *História do Futuro*, é digno de nota a seguinte passagem:

O que se descobriu é um segredo escondido a todos os séculos passados: *sacramenti absconditi a saeculis in Deo*; porque costuma Deus ter algumas coisas encobertas e escondidas por muitos séculos conforme a ordem e disposição de Sua providência [...] porque não bastam as forças da sabedoria e entendimento criado, ainda que seja de um anjo e de muitos anjos, para conhecer os segredos de Deus, enquanto Ele quer que estejam encobertos e escondidos. Finalmente, quando se descobriu, foi no século que o mesmo Deus tinha predefinido e determinado: *secundum praefinitionem saeculorum*; porque quando chega o tempo determinado e predefinido por Deus para que Seus segredos se descubram e conheçam no mundo, só então, e de nenhum modo antes, se podem manifestar e entender. Assim que pode um sujeito menor que todos descobrir e alcançar o que os grandes e eminentíssimos não descobriram, porque esta ventura não é privilégio dos entendimentos, senão prerrogativa do tempo (VIEIRA,

2015c, p. 149).

O fato de Deus ter planos ocultos não significa que o seres humanos devam desenvolver uma visão hostil e estranhada em relação a Ele. Antônio Vieira deixou claro que o programa providencial visa revelar os do futuro no tempo certo. Corroborando esse pensamento, Maria Abrão diz que a intenção do pensamento vieiriano é revelar que o futuro está sendo direcionado em conformidade com a Providência. Assim sendo, o tempo não pode ser condicionada à mera lógica especulativa. Essa proposição deve introduzir a certeza na constância do Ser divino em relação às suas intenções para com a ordem temporal. Daí decorre que a força misteriosa e oculta do tempo não deve impelir o sujeito humano para longe de Deus. Ao contrário: “o tempo, de lugar hostil ao encontro com Deus, passaria talvez a ser o lugar dado por Deus para o encontrar. Em vez de nos separar, o tempo nos aproxima de Deus” (2012, p. 79).

Ainda podemos pontuar que o conceito de tempo vieirino é simultaneamente transcendente e imanente. A história da humanidade é o palco onde se desenrola o futuro, e a ação da transcendência na história é inerente e se faz operar no seu próprio efeito intrínseco. A ordem temporal pode ser capturada na transcendência de sua origem, pois segundo Borges: “o tempo constitui o concreto e positivo testemunho de uma Origem criadora e ordenadora” (1995, p.33). Na obra *A Chave dos Profetas*, Vieira fala do tempo e sua relação com o Reino de Cristo que já existia na eternidade e foi efetivado na terra por meio da igreja. O caráter militante dessa comunidade acentua o interesse do Ser na convergência entre Céu e Terra:

Ao primeiro respondo dizendo que o Reino dos Céus nem sempre significa o Reino de Cristo no Céu, isto é, a pátria dos bem-aventurados, mas também, e até mais amiúde, significa o Reino de Cristo na Terra, isto é, a Igreja. Diz São Gregório: “Ordinariamente o Reino dos Céus designa a Igreja presente, porquanto a congregação dos justos tem o nome de Reino dos Céus” (VIEIRA, 2014a, p. 182).

Mas o caso é que o destaque do Padre Antônio Vieira sempre recai sobre o futuro, instância que será atualizada e assumirá uma fisionomia aberta para a possibilidade redentora. O tempo não ficará preso às determinações da história factível, ao contrário, o tempo extrapolará e consumará outra ordem essencial: o Quinto Império, razão que subjaz todo o propósito em todas as modalidades temporais. Paulo Borges expõe a seguinte questão relacionada a esse tema:

Conforme imediatamente veremos, o relevo vai, não para o que *foi*, ou ainda *é*, tal como foi ou presentemente *é*, mas para o que *há-se ser*, por desentranhamento e actualização, já presente, das potencialidades temporalmente abertas por um Acto espiritual e definitivo. Deste modo, tudo se passa como se «a plenitude dos tempos» se não restrinja a um acontecimento histórico, espaço-temporalmente circunscrito e acabado, e se revele numa mais essencial *plenificação do tempo*, na qual a história de Cristo correlatamente se prolonga, até à consumação, na vida da humanidade e do mundo. Consumação cujo estado de perfeição e completude *é* o que dá sentido a todo o curso, como um fim que se vai fazendo presença constitutiva no que para ele tende, ou seja, como um futuro que, pela própria intemporalidade da sua proveniência, *é* o foco que incindivelmente atrai e compõe todas as modalidades do tempo histórico (BORGES, 1995, p. 61).

A actualização do tempo romperá com sua repetibilidade, pois a identidade e a presença do Ser divino com sua Providência estão inseridos nele. Do ponto de vista da metafísica do tempo, Vieira argumenta que todas as coisas e eventos de alguma forma são elementos figurais que refletem a vontade do Ser divino. De resto, o tempo vieiriano está intrinsecamente relacionado com as demandas de natureza política e seu gerenciamento visa persuadir as vontades individuais a se adequarem a uma vontade coesa e unificada no corpo místico. Eis aí o sentido da metafísica do tempo.

Exposto o pensamento de Vieira sobre a metafísica do tempo e da Providência, será importante analisarmos o tempo histórico. Se o Ser divino tem o conhecimento exaustivo do tempo e suas criaturas possuem liberdade para construí-lo, como compreender então a tensão entre presciência divina e liberdade humana sem desembocar no determinismo? A questão agora talvez seja pensar um pouco sobre a relação dos sujeitos humanos com a produção factual da história. Se a história não é estabelecida por uma imposição determinista, talvez ainda seja importante analisar sua natureza e qual é o papel dos homens em sua produção.

2.2 A NATUREZA DO TEMPO HISTÓRICO

A história em Antônio Vieira não é mera narração de fatos que contempla a fixação do passado. Em sua avaliação, a história dos historiadores era passiva de incongruências e equívocos. Na *História do Futuro*, Vieira demonstra que sua história tem um compromisso epistemológico com a verdade, pois ela é única, universal e atemporal:

A primeira qualidade da História (quando não seja a sua essência) é a verdade; e porque esta parecerá muito dificultosa e, porventura, impossível na *História do Futuro*, será razão que, antes que vamos mais por diante, sosseguemos o escrúpulo ou receio (quando não seja o riso e o desprezo) dos que assim o podem imaginar. E pois pedimos aos leitores o assenso da fé, justo é que lhe mostremos primeiros os motivos da credibilidade, não duvidando da pia afeição de todos, pois a matéria é tanto para crer e tão sua (VIEIRA, 2015c, p. 137).

Nesse ponto, vale mencionar o que escreveu Ivan Lins na obra *Aspectos do padre Antônio Vieira*: “Na “*História do Futuro*” formula Vieira sérias restrições relativamente à história, como era feita até a sua época, isto é, desprovida de severo crivo crítico” (1956, p. 321). Nessa perspectiva, a concepção de gênero histórico produzida na obra *História do Futuro* estabelece dissensos com as regras de gênero da história convencional, pois não está condicionada às determinações do passado e não tem como causa última exaltar os “grandes eventos” e os “grandes personagens”. Vieira aponta para esse propósito:

Que historiador há ou pode haver, por mais diligente investigador que seja dos sucessos presentes ou passados, que não escreva por informações? E que informações hão de haver que não vão envoltas em muitos erros, ou da ignorância, ou da malícia? Que historiador houve, de tão limpo coração e tão inteiro amator da verdade, que o não inclinasse o respeito, a lisonja, a vingança, o ódio, o amor, ou da sua ou da alheia nação, ou do seu ou do estranho príncipe? Todas as penas nasceram em carne e sangue, e todos na tinta de escrever as cores do seu afeto. [...] Quem quiser ver claramente a falsidade das histórias humanas, leia a mesma história por diferentes escritores, e verá como se encontram, se contradizem e se implicam no mesmo sucesso, sendo infalível que um só pode dizer a verdade, e certo que nenhum a diz. Mas isto mesmo se conhece ainda com maior evidencia naquelas histórias de que temos a verdadeira relação nas Escrituras Sagradas, como são as de Noé, do dilúvio, da divisão das primeiras gentes, as do assírios, persas, medos, romanos, egípcios, gregos e, principalmente, a dos hebreus, com as quais cortejado, como em pedra de toque, o que escreveram os Berossos, os Herodótos, os Diodoros, os Drogos, os Cúrcios, os Lúcius e todos os outros historiadores daquelas nações e tempos, apenas se acha coisa que não seja contradição da verdade [...] (VIEIRA, 2015c, p. 145).

A despeito da crítica que Vieira faz à história como mera narração dos fatos, o certo é que ele estabelece uma relação de complementaridade entre o passado, o presente e o futuro. Assim fazendo evita-se a tendência para digressão e para aferições e conclusões contraditórias. É possível notar que Antônio Vieira lançou mão de uma metodologia que priorizou elementos tais como: a clareza; o ordenamento e a sucessão das coisas; o contexto mais amplo do objeto; e a efetivação de uma hermenêutica:

E porque nós, em tudo o que escrevemos, determinamos observar religiosa e pontualmente todas as leis da história, seguindo em estilo claro, e que todos possam perceber, a ordem e sucessão das coisas, não nua e secamente, senão vestidas e acompanhadas de suas circunstâncias; e porque havemos de distinguir tempos e anos, sinalar províncias e cidades, nomear nações e ainda pessoas (quando o sofrer a matéria), por isso, sem ambição nem injúria de ambos os nomes, chamamos a esta narração história e *História do Futuro* (VIEIRA, 2015c, p. 68-69).

E conclui que a autoridade da sua história consiste em seu fundamento profético e na razão. Na verdade, o profeta-historiador entende que a história está relacionada com a luz da profecia, instância sobrenatural e a luz da razão, instância natural. Poderíamos ainda acrescentar que o conceito vieiriano de profecia justamente sugere o pressuposto de história como processo, ou seja, ela não é fruto de episódios e eventos meramente casuais. Claro, a profecia é dotada de *telos*, ela conclama um caminho, estabelece um significado acabado e tende a ser totalizante. O profeta, segundo o pensamento vieirino, não somente tem a competência para realizar prognósticos sobre o futuro, mas deve ser munido da sensibilidade para indicar a instauração do futuro no presente:

[...] e desta mesma experiência e razões dela se qualifica claramente será a nova *História do Futuro* mais verdadeira que todas as do passado, porque elas, em grande parte, foram tiradas da fonte da mentira, que é a ignorância e a malícia humana, e a nossa, tirada do lume da profecia e acrescentada pelo lume da razão, que são as duas fontes da verdade humana e divina (VIEIRA, 2015c, p. 145-146).

A razão em vieira, além de necessitar da iluminação da Graça, está metafisicamente identificada com a Providência divina. A razão busca incessantemente discernir a verdade originadora e as profecias lançam os demarcadores que servem como partidas iniciais. Ao captar a primeira verdade, as outras são deduzíveis, pois a razão natural deve ser análoga à mente de Deus. A verdade, nesse sentido, é fruto da adequação racional e necessária dos conceitos às coisas conformadas à ideia divina. Em certa medida, a profecia imprime nos instantes do acontecer histórico, as legítimas manifestações da transcendência e desloca o consciente do sujeito para vislumbrar e retroalimentar a esperança de que o Ser divino está no domínio de toda ordem temporal. Paulo Borges ressalta com propriedade quais são as características essenciais e a finalidade das profecias:

O primeiro fim do anuncio de acontecimentos futuros é a obtenção do desenterramento humano, assegurando-se que nos acontecimentos históricos se participe um sentido transcendente e providencial. Denegando a sua casualidade, ou induzindo a busca da causa primeira nas causas

segundas, a profecia propicia a compreensão de toda a mediação temporal e histórica como integral dom divino [...]. A segunda finalidade da profecia prende-se com a assunção do tempo como destinação plenificante. Trata-se de assegurar a orientação da esperança para o mais-ser, sempre excedente do estado actual do mundo e assim futuro, no seio dos próprios acontecimentos que o aparentam obstaculizar ou denegar [...]. O terceiro fim da profecia é o de suscitar e promover a eficiência dos empreendimentos humanos conforme a um desígnio divino, pela antecipação exemplar e normativa da sua realidade futura (BORGES, 1995, p.109).

Essa indicação de que o elemento historial participa de “um sentido transcendente e providencial”, confirma a proposição vieiriana de que os eventos históricos são sombras das coisas que acontecerão no futuro. Vê-se aí na *História do Futuro*, que a história já possui um sentido último que já havia sido completado na eternidade e que ainda será realizado na sequência da história factual. Podemos compreender que, dentre outras características, a história vieirina não tem o objetivo de descobrir a origem de todas as coisas; não contém condicionantes metodológicos limitados à análise somente do presente; e aponta para uma missão indelével de anunciar os objetos do futuro:

A história mais antiga começa no princípio do mundo, a mais estendida e continuada acaba nos tempos em que foi escrita. Esta nossa começa no tempo em que se escreve, continua por toda a duração do mundo, e acaba com o fim dele. Mede os tempos vindouros antes de virem, conta os sucessos futuros antes de sucederem, e descreve feitos heroicos e famosos antes de a fama os publicar e de serem feitos (VIEIRA, 2015c, p. 67).

Antônio Vieira deixa evidente a ideia fundamental de que a história não está sendo orquestrada pelas forças da casualidade, existe uma mordomia⁵ particular que revela a permanência efetiva do Ser divino, confirmando que todas as modalidades do tempo estão acabadas. Essa operação enigmática da história visa consolidar não somente os instantes do presente, mas instaurar a esperança que consubstanciará o futuro.

Vieira se coloca como o porta-voz da história do futuro que pode penetrar o labirinto dos segredos ocultos da Primeira Fonte, pois somente o Eterno detém o

⁵ Mordomia é um axioma que deve ser compreendido no sentido de governabilidade ou economia de governo. A partir do século II, os padres da igreja desenvolveram a doutrina da “*oikonomia da trindade*”. O ponto principal dessa perspectiva era ressaltar a providência divina na relação com o Filho e com o Espírito Santo. Os referenciais utilizados para o desenvolvimento dessa doutrina foi o modelo administrativo dos gregos, o *oikos*, compreendido como a boa administração que alguém faz na dispensa de uma casa, daí deriva o termo dispensação. Será necessário recorrer ao que disse Agamben na obra *O que é o contemporâneo?* “Oikonomia significa em grego a administração do *oikos*, da casa, e, mais geralmente, gestão, *management*. Tratava-se, como diz Aristóteles (Pol. 1255 b 21), não de um paradigma epistêmico, mas de uma *práxis*, de uma atividade prática que deve de quando em quando fazer frente a um problema e a uma situação particular” (2009, p. 35).

conhecimento pleno de todas as ordens temporais, e como historiador, indica o futuro e desenvolve uma quase história, não somente do, mas em direção ao futuro. Já os seres humanos, não são capazes de mensurar os segredos escuríssimos do Ser divino porque estão condicionados às categorias temporais e espaciais:

As outras histórias contam as coisas passadas; esta promete dizer as que estão por vir. As outras trazem à memória aqueles sucessos públicos que viu o mundo; esta intenta manifestar ao mesmo mundo aqueles segredos ocultos e escuríssimos que não chega a penetrar o entendimento. Levanta-se este assunto sobre toda a esfera da capacidade humana, porque Deus, que é a primeira fonte de toda a sabedoria, posto que repartiu os tesouros dela tão liberalmente com os homens, e muito mais com o primeiro, sempre reservou para Si a ciência dos futuros, como regalia própria da divindade. Como Deus por natureza seja eterno, é excelência gloriosa, não tanto de Sua Sabedoria quanto de Sua eternidade, que todos os futuros Lhe sejam presentes. O homem, filho do tempo, reparte com o mesmo tempo ou seu saber ou sua ignorância: do presente sabe pouco, do passado menos, do futuro nada (VIEIRA, 2015c, p. 63).

Os indivíduos podem contribuir com a construção da história, relacionando as dimensões individual e coletiva. Para Vieira, essa dinâmica interacional e historial conduzirá a humanidade em direção ao futuro e o seu horizonte modular apresentará alguns fenômenos: o Quinto Império; o Encoberto; o Milênio, o Anticristo, a Batalha Final; e a Consumação de todos os tempos. Vieira observa os instantes do acontecido em Portugal tendo como marco esses pontos escatológicos da história para projetar o futuro. Esses fenômenos escatológicos além de demonstrarem aspectos da história providencialista tem um sentido de perfeição e os eventos são apresentados em partes e depois por inteiro. É salutar o que escreveu Ronaldo Vainfas sobre essa questão na obra *Antônio Vieira: Jesuíta do rei*:

Mas a concepção de história de Vieira é, como vimos, a de uma “história providencialista”, inspirada na tradição medieval de Santo Agostinho e na mentalidade barroca de um Calderón de la Barca – “a vida é sonho”. Vieira não hesita em dizer que “este mundo é um teatro; os homens, as figuras que nele representam, e a história verdadeira dos sucessos uma comédia de Deus, traçada e disposta maravilhosamente pelas idades de sua Providência. Vieira não era, contudo, um agostiniano ortodoxo na maneira de pensar a história (VAINFAS, 2011, p. 214-215).

Como já dito, o sentido da história está no Ser divino, ela é o espaço onde os seres humanos são convidados à plena participação, e da mesma maneira, a presença ativa nos instantes e na origem das forças históricas, conduzirá o seu curso para o aperfeiçoamento e propósito final. Segundo João Adolfo Hansen, em

um artigo cujo título é: *Francisco Suárez e Antônio Vieira: metafísica, teologia-política católica e ação missionária no Brasil e no Maranhão e Grão Pará*, é possível notar que o fazer da história é fruto de um construto da relação entre a identidade absoluta e indeterminada do Ser e a correspondência dos homens mediante o livre arbítrio:

Diferentemente da temporalidade progressista do Iluminismo, que elimina Deus como fundamento e sentido da história, Vieira define a história como figura providencialmente incluída no tempo, que é finito porque é ser criado por Deus. Não é perfeito e exige a participação da vontade dos homens que, no presente, colaboram coletivamente para o seu aperfeiçoamento rumo ao dia do Juízo Final. Vieira orienta sua prática pela ideia de que os homens constroem a história com a substância do tempo participado na substância metafísica de Deus e afirma que há um modelo para tal construção. O modelo já se evidenciou no passado e é atual no presente, que o espelha, não como simples repetição do idêntico do passado, pois o tempo não é cíclico como no mito, mas como repetição da Identidade perfeita e indeterminada de Deus, que, presente em todos os tempos históricos, faz as coisas, os homens e os eventos de todos eles serem figuras proféticas da sua Vontade. Assim, como não se repetem, os tempos nunca são idênticos, mas apenas semelhantes, ou diferentes, devido à atualidade da Causa divina que os cria. O passado está gasto, é um morto, mas a interpretação da sua ruína revela os casos exemplares da intervenção providencial da vontade de Deus nele, aconselhando a justiça ao livre-arbítrio dos homens que o viveram. Então, em sua prática, Vieira formula o discurso da história como ornato da identidade divina, segundo a oposição complementar de *finito/infinito* que modela outras práticas portuguesas do século XVII (HANSEN, 2019, p. 401-402).

Segundo Maria Abrão, a história vieirina, além de ter uma meta, é um terreno onde o sujeito humano realiza e toma decisões. É uma história condizente com variáveis que oportuniza ao ser humano marcar posição frente à esperança que lhe respaldará para o desenvolvimento da resistência necessária contra a dominação de conformidade com o Ser divino: pois os homens constroem a história pela substância metafísica que existe nela:

A história não é simplesmente uma sucessão de acontecimentos mais ou menos incongruentes. Sem que o jogo se abra com antecedência, para o homem de fé a história tem uma orientação, ela tende a uma meta. Vieira desmistifica os poderes deste mundo e declara-os nulos quando não estão a serviço de Deus Rei e Supremo Monarca é um modo de despertar a esperança humana no homem de fé e de mostrar que Deus está ao lado dos que sofrem uma dominação, sujeitos a um poder humano contra o qual toda resistência não é eficaz. Para Vieira a história se apresenta como um terreno de preparação de opções muito concretas na sociedade humana, opções que devem ser para os cristãos tão iluminadas pela decisão de fé, lugar do início da realização da promessa de Deus. Desse modo, atividade de Deus no mundo suscita, e não substitui a ação humana (ABRÃO, 2012, p. 102).

Em termos mais gerais, será importante considerar que a cooperação humana só terá algum sentido caso seja movida pelo reconhecimento do Ser divino. Um obstáculo terá que ser enfrentado nessa dinâmica: o Ser divino, revelado e escondido, tem atributos contidos na terra que não são tão evidentes, porém, esse caráter misterioso de Deus não implica em dizer que Ele não esteja conectado às questões temporais. Nesse caso, o ser humano deve se apropriar dos sinais divinos, presentes na história, para reencontrar o caminho para a sua redenção. Obviamente, que o pecado original instituiu a aparência, contudo ela não é suficiente para suplantar o programa e o interesse divino pela renovação do cosmo.

Dessa forma, para o Ser divino, a aparência não representa nenhum problema, ao contrário, Deus está no comando da história e na conservação da humanidade até a superação de todas as contradições. Na hipótese de a história ser uma instância independente de Deus, a humanidade seria lançada ao esmo do acaso, contudo, as ambiguidades históricas não barrarão a finalidade que o Ser divino possui – mesmo que Ele seja enigmático e a comunicação exija uma linguagem indireta, mediada em figuras –, pois Vieira compreende que Ele está presente na história. Vejamos um trecho na obra *Teatro do Sacramento: a unidade teológico-retórico-política dos Sermões de Antonio Vieira*, em que Alcir Pécora expõe essa dinâmica:

O que realmente interessa a Vieira é muito diferente de uma busca que não permanece, em alguma medida, “fiel à terra”: para ele, tudo o que aqui se dá, e não poderia senão dar-se aqui, ganha seu sentido (ou sua direção, pois trata-se sempre de uma progressão a conquistar pela vontade e razão sãs) quando localiza em sua existência o efeito-sinal do Ser que não é possível ao homem ter inteiramente diante de si. A aparência, ou a sua insustentabilidade enquanto ser, neste caso, não é inútil, ao contrário: é índice importante de que sua “conservação” é derivada do Ser que, *forma*, mantém-se nela: *encobre-se* nela. Para Antonio Vieira, o plano dos acontecimentos tende a deixar sempre em evidência a sua insuficiência para explicar o que nele, mesmo usualmente, age e se constitui como causa e feito. Uma vez mais será preciso reconhecer aqui a sua figuração sacramental do universo, na sua versão agora mais radical: não apenas a de que o mundo criado está impregnado de sua Causa e Finalidade, mas a de que mesmo o mais comum e qualquer de seus movimentos é, ao mesmo tempo, tão próprio dela quanto efeito contínuo da atuação de Deus em seu âmbito. O Deus dos sermões vieirianos não apenas criou, em vez única, o mundo que agora se desenrola a seu modo, nem apenas ordenou-o, então, para o bem que é seu Fim, mas assiste-o muito de perto – tão perto quanto o permita o tremendo risco da imanência –, a ponto de assinalar-se em toda ocorrência: encoberto em tudo que se mostra, O Deus vieiriano não cessa de criar as suas figuras (PÉCORA, 2008, p. 154).

Também é certo que em Vieira a memória possui conteúdo que pode ser

evidenciado retoricamente⁶. Os acontecimentos e os atores da trama histórica são cifras do Ser divino e o discurso é “arquiteto de toda esta fábrica”, que opera de acordo com leis metafísicas. Para o Padre Vieira, as Escrituras Sagradas são sua fonte e autoridade, e a partir daí, ele mantém-se conectado ao Ser divino e, nessa direção, o seu discurso é conduzido de forma arquitetural tendo como propósito buscar a primeira verdade: a verdade metafísica da palavra. Não é sem sentido a forte utilização que Vieira faz das alegorias e metáforas, especialmente as barrocas⁷, pois a concepção é de que as figuras carregam consigo substâncias que legitimam relações de semelhança, organizadas e ordenadas ontologicamente.

As analogias, para além de desenvolver relações semânticas, buscam a essência e a existência da história e dos demais seres, ou seja, elas equivalem precisamente às ideias do Ser divino de conformidade com a concordância que as atestam como legítimas. Para o Padre Antônio Vieira, a lógica da semântica e da significação deve singularizar metafisicamente a natureza dos próprios conceitos desenvolvidos para caracterizar cada ser. Na verdade, na *História do Futuro*, o jesuíta está cômico que ser porta-voz e escritor de uma história do futuro é sinal metafísico de participação ativa dos eventos que promoverão cada instante histórico necessário para a realização da Vontade do Ser divino:

Assim que podemos dizer em uma palavra que a primeira fonte, e os primeiros e principais fundamentos de toda esta *História* é a Escritura Sagrada, com que vem a ser um só livro e um só autor O que nela principalmente seguiremos: o livro, a Escritura; o autor, Deus. Sobre estes fundamentos da primeira e suma verdade estrará o discurso como arquiteto de toda esta fábrica, dispondo, ordenando, ajustando, combinando, inferindo e acrescentando tudo aquilo que, por consequência e razão natural, se segue e infere dos mesmos princípios. No qual modo de fabricar se não perde a primeira verdade dos fundamentos, mas vai crescendo, dilatando-se e fortificando, não em diverso, senão no mesmo corpo, como a árvore em suas raízes (VIEIRA, 2015c, p. 139).

⁶ Para Antônio Vieira, o discurso é permeado por elementos metafísicos. Nesse caso, sua fala carrega em si a autoridade para ser intérprete do futuro e a inerrância do futuro tem como fundamento sua origem na Primeira Causa; portanto, o gesto de dizer é reverberação e participação do ser, e as palavras são analogias de linguagem profética. Todos os eventos históricos, que são objetos do Vieira, já haviam sido profetizados. Nessa direção, o discurso se respalda de prefiguração, indicando o caminho da perfeição: a efetivação do Quinto Império.

⁷ Uma das características do barroco é sua expressão exaltada, o que contraria o equilíbrio do estilo renascentista. O barroco supervaloriza o espanto e a surpresa estonteadora do espírito. Nessa temática, vale consultar o que disse Adélia Maria Caldas Carreira: “Assim, também na Oratória de Vieira estão presentes os “artifícios” inerentes à Retórica Barroca, ou seja, uma diversidade de elementos estilísticos e linguísticos – metáforas, personificações, anástrofes, trocadilhos, antíteses, quiasmas, etc. – que proporcionavam a criação dos discursos surpreendentes, capciosos e persuasivos”. In: MARIA, A. (1999). *Barroco: a retórica imagética*. In: *Actas do Terceiro Centenário da Morte do Padre Antônio Vieira: Congresso Internacional* (t. I). Braga: Universidade Católica Portuguesa/Província Portuguesa da Companhia de Jesus, p. 233-243.

Para Vieira, a figura passa a ser historicamente plausível e anuncia outra coisa também historicamente plausível. Os acontecimentos do passado são concebidos como figuras da revelação e cifras que se lê o universo criado. As assimetrias temporais afluem para a conformidade do exato conceito indeterminado do Ser, em que todos os elementos que existem são revérberos ou atributos. Alcir Pécora, no *Teatro do Sacramento: a unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antonio Vieira*, considera da seguinte maneira essa posição vieirina:

Os acontecimentos do mundo criado em sua sucessão continuada *historiam* ou *historiografam* (mas não *historizam*, isto é, não reduzem a história) a Providência – cuja presença ativa e encoberta lhes confere existência e sentido (direcionamento ordenado para um fim em Deus). Se se quiser pensar em termos de história, nesse sentido (que é muito menos simplista do que quer fazer crer um ou outro anacronismo), ter-se-á que imaginar que ela seja, antes de mais nada, *figura* de um Ser que, existindo sob suas múltiplas variações e encontros, bem como encaminhando-a para o Bem para que foi criada, sustenta-a a cada instante em um trabalho renovado de Criação. Está bem claro, também, que nada disto que apresenta Vieira vai contra a perspectiva estabilizada pela Escolástica, mas, a rigor, os focos parecem diversos. Para Antonio Vieira, na analogia das causas, conta sempre mais, ou torna mais viva a sua argumentação, aquilo que incide sobre a eficiência relativa das *causas segundas*, e, nestas, a sua especificação como atualização multiplicada da Providência na sucessão cotidiana: os átomos providenciais presentes em tudo que *há e tende*. O que Vieira ressalta é o *mistério da eficiência dos efeitos*, pelo qual a eficácia máxima da história é a de constituir-se como ação e discurso *inspirados* dirigidos especialmente aos homens que nela vivem (PÉCORA, 2008, p. 151-152).

No plano do Ser, o evento é uma figura de um evento novo e, nesse sentido, o segundo evento preenche o primeiro (a figura), dando inteligibilidade a um conceito antes oculto. Portanto, a história providencialista é a chave de interpretação dos eventos. A relação entre os acontecimentos no plano vertical, implementados pela Providência, e a conexão horizontal no plano temporal, dissipa qualquer cruzamento com os efeitos da casualidade e reafirma o conceito de que tudo o que será no futuro já foi.

Mas, para ser mais acurado, a ordem histórica é reiterada sobrenaturalmente pela luz das profecias e a retórica estabelece uma mediação a partir da luz natural para interpelar o acontecer, o acontecido obtém conteúdo ao ser revelado retoricamente. Nessa dinâmica, fica evidente que o historiador e o profeta não detêm o controle da história e tampouco do futuro. O pensamento, com vistas para a história e o futuro, se articula teológica, filosófica, retórica e politicamente. Vieira deixa bem explícita essa dinâmica na *História do Futuro*:

Quer dizer São Pedro que os profetas antigos, depois de lhes serem revelados com lume sobrenatural, e eles conhecerem e profetizarem mistérios futuros (como os da paixão e glória de Cristo), sobre os mesmos mistérios e sobre as mesmas profecias inquiriam e especulavam de novo, com o lume natural do discurso, muitas circunstâncias que lhes não foram expressamente reveladas, como as do tempo e estado do mundo em que os mesmos mistérios se haviam de obrar, e as suas mesmas profecias haviam de ver [...] (VIEIRA, 2015c, p. 140).

O Padre Antônio Vieira, ao lançar mão de operações retóricas, não está negando a factualidade histórica, mas indicando que a linguagem, na direção do discurso histórico, não pode ser reduzida às descrições de fatos do passado, uma vez que seu sentido é aglutinar os sujeitos à participação que transcenda a significação temporal. No *Sermão da Sexagésima*, Vieira deixa claro que a participação humana implica na relação entre o dizer e o fazer:

Notai uma alegria própria da nossa língua. O trigo do sementeiro, ainda que caiu quatro vezes, só de três nasceu: para o Sermão vir nascendo, há de ter três modos de cair. Há de cair com queda, há de cair com cadência, há de cair com caso. A queda é para as coisas, a cadência para as palavras, o caso para a disposição. A queda é para as coisas, porque hão de vir bem trazidas, e em seu lugar: hão de ter queda; a cadência é para as palavras, porque não hão de ser escabrosas, nem dissonantes: hão de ter cadência; o caso é para a disposição, porque há de ser tão natural, e tão desafetada, que pareça caso, e não estudo (VIEIRA, 2015d, p. 57).

Isso significa que o discurso concernente à história e o futuro deve triunfar, pois, sua origem reside no Ser, a Primeira Causa. Na verdade, na condição de profeta-historiador, Vieira interpreta a História do Futuro na certeza de que sua escrita precipitará os instantes e os eventos históricos. A questão é que a retórica possui formas da natureza e da história, o discurso é projeção figural dos acontecimentos históricos. Assim, há uma operação analógica que aglutina imagem e ilustração. Essa operação imagética, além de fundar seu ser, oportuniza a aparição e a participação do semelhante. A articulação do discurso reúne condição de representar a história, pois o saber humano é análogo, e com isso, as ideias precisam de mediações indiretas para comunicar verdades inteligíveis:

Como hão de ser as palavras? Como as estrelas. As estrelas são muito distintas, e muito claras. Assim há de ser o estilo da pregação, muito distinto, e muito claro. E nem por isso temais que pareça o estilo baixo: as estrelas são muito distintas, e muito claras, e altíssimas. O estilo pode ser muito claro, e muito alto; tão claro, que o entendam os que não sabem; e tão alto, que tenham muito que entender nele os que sabem. O rústico acha documentos nas estrelas para a sua lavoura, e o mareante para a sua navegação, e o matemático para as suas observações, e para os seus juízos (VIEIRA, 2015d, p. 58).

Visto assim, Vieira exalta a sabedoria com a qual o Ser divino administra o universo. Na *História do Futuro*, a linguagem poética utilizada pelo jesuíta demonstra sua perplexidade diante de tal sapiência: o mundo é um teatro; os homens são figuras ou representações; e a história é comédia de Deus, ou seja, para Vieira, Deus já teceu todos os fios que compõem as ordens temporais, e os humanos, sob perplexidade, assim como as cenas teatralizadas envolvem os elementos da suscitação, da expectativa, dos suspenses e dos segredos, serão notificados na medida em que as cenas forem se historicizando. Aparentemente incognoscível, o plano divino para a história gera a “suspensão do entendimento” humano e uma sensação de que a história e o futuro adormeceram no laço da pendência. O espectador de uma peça teatral terá que lidar com o drama da ansiedade, imposta pela espera do que virá nas próximas cenas, e as afeições vindas do contentamento por ser testemunha do enredo final. Vieira expõe esse impasse: entre a expectativa e o aplauso; entre a expectativa no porvir e o ocultamento do futuro. Contudo, a história intromete-se nessa tensão revelando nas cenas a identidade providencial de Deus no tempo orientando a comédia e o sentido da história. Por esta razão, Vieira diz que Deus é o “perfeitíssimo exemplar”, ou seja, em outras palavras, O Ser divino é a Causa Primeira que mantém as coisas sendo, e mesmo que os segredos de Deus não sejam detidos pela sabedoria humana, os instantes históricos são operadores que ajudam a discernir o sentido da história:

E se quisermos especular a razão desta providência, acharemos que não é outra senão a majestade da sabedoria e onipotência divina, sempre admirável em todas Suas obras. Este mundo é um teatro, os homens, as figuras que nele representam, e a história verdadeira de sucessos, comédia de Deus, traçada e disposta maravilhosamente pelas idades da Sua providência. É assim como o primor e subtileza da arte cômica consiste principalmente naquela suspensão do entendimento e doce enleio dos sentidos, com que o enredo os vai levando após si, penderes sempre de um sucesso para outro sucesso, encobrando-se de indústria o fim da história, sem que se possa entender onde vai parar, senão quando já vai chegando e se descobre subitamente entre a expectativa e o aplauso; assim Deus, soberano autor e governador do mundo, e perfeitoíssimo exemplar de toda a natureza e arte, para maior manifestação de Sua glória e admiração de Sua sabedoria, de tal maneira nos encobre as coisas futuras, ainda quando as manda escrever primeiro pelos profetas, que nos não deixa compreender nem alcançar os segredos de Seus intentos senão quando já têm chegado ou vão chegando os fins deles, para nos ter sempre suspensos na expectativa e penderes de Sua providência (VIEIRA, 2015c, p. 152-153).

Ainda que o Ser divino seja a causa de todas as coisas e garanta que

seus sinais terão o propósito de estabilizar o ser humano diante da sua própria vulnerabilidade e inclinação para a pendência, o impasse atrelado ao instante do presente persiste gerando apreensão e angústia. Para Vieira, o instante do presente é uma dimensão concreta que pode sofrer a pressão do passado e do presente.

De qualquer maneira, diante do fluxo do instante do presente o ser humano esbarra-se com a tensão produzida pelo finito de tal forma que: condicionado a essa limitação temporal a fugacidade sempre lhe espreitará. É nesse sentido que a comunidade humana se adequará ao elemento metafísico capaz de promover a estabilidade das forças do presente e do futuro no instante. No entanto, o instante não se acomodará a nenhuma dessas instâncias, pois ele encerrará a história para efetivar outro projeto: a implantação do Quinto Império. Segundo Étienne Gilson, na obra *O espírito da filosofia medieval*, o instante carrega consigo essa tarefa:

Pensando o universo e pensando a nós mesmos, geramos uma ordem do ser intermediária entre a instantaneidade do ser dos corpos e a permanência eterna de Deus. No entanto, o próprio homem passa, sob essa frágil estabilidade da sua memória que vai soçobrar por sua vez no nada, se Deus não a recolher e a estabilizar. É por isso que, longe de ignorar que tudo muda, o pensamento cristão sentiu, até angustiar-se, o caráter trágico do *instante*. Porque só há ele de real; é nele que o pensamento reúne ao mesmo tempo os destroços recuperados do naufrágio do passado e as antecipações do futuro; muito mais, é no instante que o pensamento constrói simultaneamente esse passado e esse futuro, de modo que essa imagem precária de uma permanência verdadeira, erguida pela memória acima do fluxo da matéria, se vê arrastada por ele, carregando consigo o butim que ela gostaria de salvar do nada. Assim, o passado só escapa da morte no instante de um pensamento que dura, mas o *in-stans* é ao mesmo tempo o que se mantém no presente e se apressa em direção ao futuro, onde tampouco permanecerá; é também aquilo de que a interrupção brusca encerra para sempre a história e fixa para sempre um destino (GILSON, 2006, p. 474).

Outro elemento fundamental que nos ajuda a ampliar o conceito de história em Vieira, tem a ver com o conceito de novidade. Para Vieira, a novidade sempre será ambígua, pois a história já está revelada e em franca ascensão em direção ao futuro. Como já vimos: o Ser divino, oculto na transcendência, descortinou-se, deixando lampejos na imanência histórica. Esses sinais não são repetitivos, diferentemente do futuro, que é ontologicamente marcado pelo novo. A história também é nova sem novidade. Para ser mais preciso, na convergência e divergência entre tempo e Providência, a *História do Futuro* não apresenta nada de inédito e inovador, pois Vieira apresenta uma história nova sem nenhuma novidade. O desenvolvimento do tempo histórico não pressupõe a superação do passado e

tampouco do futuro, pois a eternidade está em todos os lados e em todos os tempos. A novidade em si não é nova diante da Providência, pois tudo o que vai acontecer para o Ser divino já aconteceu:

Mas porque não pareça que defendendo as coisas novas, por ser necessário este escudo à minha *História*, respondo à objeção da novidade dele, e digo que em toda essa novidade, com ser tão grande, nenhuma coisa direi de novo. Propriedade é dos futuros serem todos novos, e por isso os últimos e mais distantes futuros se chamam novíssimos; mas ainda que esta *História* seja de coisas tão novas, nem por isso ela será nova. É uma história nova sem alguma novidade [...] (VIEIRA, 2015c, p. 166).

Porventura, aquela metade do mundo a que chamaram quarta parte não foi criada juntamente com Ásia, com a África e com a Europa? E contudo, porque a América esteve tanto tempo oculta, é chamada “Mundo Novo”: novo para nós, que somos os sábios; mas para aqueles bárbaros, velho e muito antigo. Assim que, recolhendo todos estes exemplos, umas cousas faz novas o esquecimento, porque se não lembram; outras a distância, porque se não alcançam; outras a negligência, porque se não buscam; e de todas estas novidades sem novidade haverá muito nesta nossa *História*. Lembraremos nela muitas cousas esquecidas, alumiaremos muitas escuras, descobriremos muitas ocultas, poremos à vista muitas distantes, e procuraremos saber algumas ignoradas (VIEIRA, 2015c, p. 167).

A julgar, então, por essas ponderações, reiteramos que para o Padre Antônio Vieira, a história é muito mais do que mestra da vida, pois o passado, o presente e o futuro, que já estão cumpridos no Ser, atualizam o curso da história, e por este motivo, compreendemos que a história vieiriana possui utilidades:

Mas se a história das cousas passadas (a que os sábios chamaram “mestra da Vida”) tem esta e tantas outras utilidades necessárias ao governo e bem comum do género humano e ao particular de todos os homens; e se como tal empregaram nela sua indústria tantos sujeitos em ciência, engenho e juízo eminentíssimos, como foram os que em todos os tempos imortalizaram a memória deles com seus escritos, porque não será igualmente útil e proveitosa e ainda com vantagem esta nossa *História do Futuro*, quanto é mais eficaz e poderosa para mover os ânimos dos homens a esperança das cousas próprias que a memória das alheias? (VIEIRA, 2015c, p. 79).

Podemos ressaltar que a história, em Vieira, além de ser redentora, progredirá e se aperfeiçoará até ser aglutinada na plenitude que será o marco essencial da novidade do Quinto Império. Nesse sentido, o elemento sacral produzirá miraculosamente a renovação cósmica, pois, a criatura e a criação não possuem competência e autonomia para operar tal transformação. Na obra *Antônio Vieira: O Homem, a Obra, as Ideias*, José Van de Besselaar considera que:

Para Vieira, o Progresso, apesar de reconhecido e valorizado positivamente por ele, não é ainda um processo completamente autónomo: continua integrado num mundo sacral e argumentado com textos bíblicos. E com tanta mais razão se pode dizer que o Quinto Império, anunciado por Vieira,

não é o termo de uma evolução natural, e que, apesar de exigir a colaboração humana, constitui um golpe de teatro sobrenatural (BESSELAAR, 1981, p. 93-94).

A eficácia dessa transformação da história impactará à factualidade e reorganizará a humanidade em um corpo místico único. O instante cronológico do tempo histórico cederá lugar para o crescimento da humanidade que, vinculada ao Ser e a futura transfiguração, já desfruta previamente dos processos introdutórios de crescimento. Na *História do Futuro*, Vieira aponta para essa direção:

[...] como diz o evangelista São Lucas: *Proficiebat sapientia et aetate*; assim a Igreja, que é o corpo místico do mesmo Cristo, transformando-se na Sua imagem e retratando-se Nele e por Ele, vai sempre crescendo mais e mais na luz e na sabedoria, à medida que cresce nos anos e na idade [...]. De sorte que vai crescendo a inteligência, a ciência e a sabedoria pelos mesmos graus do tempo em que vão passando os anos, os séculos e as idades; e isto não só na Igreja universal e em comum, senão nos homens e doutores particulares, que são os membros de que o seu corpo e os raios de que a sua luz se compõe (VIEIRA, 2015c, p. 174).

A história será direcionada para cumprir uma tarefa fundamental: a efetivação do processo de humanização em meio a desumanização, no entanto, será preciso que primeiro ela mesma seja ontologicamente transformada. Vieira afirma categoricamente que esse processo será muito prático, pois a história é passiva de transitar da imperfeição para a perfeição e certamente alcançará a consumação, ou seja, a plenitude. Eis um texto retirado da *Chave dos Profetas* onde Antônio Vieira destaca esse ápice da consumação:

Ao primeiro estado chamo de Reino de Cristo iniciado; ao segundo estado, Reino de Cristo incompleto ou em crescimento; ao terceiro estado, Reino de Cristo concluído e consumado. Começo o iniciado a partir da pregação de Cristo até Constantino; o incompleto, de Constantino até a época atual e depois; o consumado, desde o tempo em que o Evangelho for pregado e recebido no mundo inteiro, até à consumação do tempo (VIEIRA, 2014a, p. 58-59).

A história evoca os instantes do presente para livrar os sujeitos humanos das distorções e das aparências e lhes direcionarem para a apropriação da realidade com o propósito de fazer com que eles possam construir a esperança necessária para a promoção da resistência diante da opressão. Podemos acrescentar que a história que vai sendo construída a partir dos instantes do presente, projeta a humanidade para um novo horizonte de expectativa que está posto no futuro.

Diante do exposto, no próximo tópico, vamos investigar o conceito de

futuro, objetivando compreender os seus elementos constituintes: o aspecto condicionado e incondicionado. O sentido e a importância dessas características residem no fato de que, embora Deus detenha o conhecimento pleno dos futuros, Ele convida os seres humanos para ressignificar e contribuir com o curso da história. Finalmente deveremos reforçar que a história vierina é fundamentalmente providencialista e direcionada para a construção teleológica do futuro, cujo ápice terá como efetivação da ordem quinto imperial.

2.3 FUTURO(S) E LIBERDADE

Para o Padre Antônio Vieira, e em certa medida, o futuro tem princípios inteligíveis e pode ser captável pela cognição humana. Narrar o futuro é ter que lidar com o paradoxo no sentido de que será preciso triunfar no tempo o próprio tempo. O futuro anunciará a confluência entre os tempos. Decorrerá nessa tarefa a necessidade de vislumbrar o movimento de todos os entes e o universo em um só instante abarcando a totalidade do passado e do presente.

O futuro é tanto o resultado da revelação da eternidade, como é o meio onde se estabelecerá a materialização do Quinto Império na terra. O futuro é uma realidade latente que eclodirá em dimensões planetárias. Essa eclosão não se limitará teoricamente a um plano especulativo. Para Antônio Vieira, as grandes mudanças que o mundo havia sofrido, tais como a “descoberta da América”, provaram a lógica dinâmica das mudanças. Podemos ainda acrescentar que diferente da visão escatologicamente pessimista, Vieira tinha uma visão otimista do futuro. Na obra *Defesa perante o tribunal do Santo Ofício* ele diz:

A coerência, e admirável coerência, é porque o tempo do meio-dia de Cristo e do mundo é este tempo futuro em que falamos, no qual a luz da fé há de ser a maior a mais imensa, sem a sombra nem escuridade de erros; e em tal tempo e tal estado perguntar a Cristo onde apascenta é ignorância, porque então há de apascentar Cristo em todo mundo universalmente, sem ter lugar ou *ubi* particular (digamo-lo assim) onde se haja de buscar este único Pastor, ou seus pastos, ou suas ovelhas, porque as velhas, os pastos e o Pastor hão-se de achar em todo mundo e em qualquer parte dele (VIEIRA, 2015a, p. 328).

Vieira admite a probabilidade dos futuros contingentes. Assim sendo, os seres humanos não reúnem por si só a capacidade de antecipar o futuro, porém, participam juntamente com o Ser em sua construção. O futuro é caracterizado por variáveis e dentre essas possibilidades, algumas acontecerão por eleição. Somente

Deus não está sujeito às variações do que poderia não ser e do que poderia não existir. Nessa lógica, Vieira assume uma posição teórica diante de um debate que havia sido desenvolvido no período medieval. Étienne Gilson discorre sobre essa novidade metafísica na obra *O espírito da filosofia medieval*:

Não apenas continua sendo verdade dizer que, salvo Deus, tudo o que existe poderia não ser o que é, como passa a ser verdade dizer que, fora Deus, tudo o que existe poderia não existir. Essa contingência radical imprime ao mundo que ela marca um caráter de novidade metafísica importantíssimo, cuja natureza aparece plenamente quando se coloca o problema da sua origem (GILSON, 2020, p. 89-90).

Nessa direção, podemos dizer, no caso dos futuros contingentes e condicionais, que há ontologicamente características repletas de possibilidades e somente Deus pode conhecer exhaustivamente os instantes das ordens atemporais e temporais e determinar aos futuros à condição de possibilidade de submissão a uma de suas variáveis. No *Sermão da primeira Oitava da Páscoa*, Vieira diz que: “dos futuros condicionais, e contingentes, ninguém é sabedor, senão Deus, e os Seus Profetas” (2015f, p. 131).

Vieira compreende que Deus está no controle dos futuros, ainda que, conforme citado acima, exija a participação do ser humano em sua construção. O futuro contingente quando se realiza na factualidade histórica não é à revelia da vontade do Ser divino, na verdade, Ele sempre estará na orquestração dos fluxos do futuro, ou seja, Deus age imediatamente e mediadamente para que o futuro aconteça conforme a sua sabedoria e soberania. Na *História do Futuro*, Antônio Vieira reflete sobre esse tema:

Quando as coisas futuras que se predizem são meramente contingentes, dependentes só da vontade divina ou do livre alvedrio alheio, angélico ou humano, e tais que só Deus as conhece e pode conhecer, se as ditas coisas sucederem assim como foram antecedente ditas e prenunciadas, o sucesso e efeito delas é prova certa e evidente de que foram reveladas por Deus e conhecidas por lume sobrenatural e profético [...] É certo e de fé, como provam todos os teólogos com São Tomás, que os futuros meramente contingentes, dependentes da vontade livre divina, angélica ou humana, só a ciência de Deus os conhece e só os pode conhecer aquele a quem o mesmo Deus os quiser revelar: [...] coisas de que fala esta conclusão são futuros meramente contingente < es > [...] <de vontade livres> e foram ditas e anunciadas, como supomos, antes que sucedessem e quando realmente eram futuras: logo prova-se que foram <reveladas> por Deus e conhecidas por quem as disse como lume sobrenatural e profético; porque em toda a capacidade da <c> iê <nci> a natural e criada não há meio nem princípio algum por onde se pudessem antever ou pronunciar (VIEIRA, 2015c, p. 317).

Assim sendo, o futuro do Ser é ontologicamente diferente do futuro do

homem, o tempo deste é cronológico e contingente e o tempo Daquele é atemporal e eterno. Vieira deixa evidente que existem dois futuros: “um futuro que está longe”; e “um futuro que está perto”, ou seja, a expectativa é de que haverá uma profunda intromissão do futuro incontingente instaurando as determinações do Ser divino que transformará e impactará a história. Vieira indica que essa renovação será fruto de uma esperança atrelada a uma nova ordem temporal:

São Paulo, aquele filósofo do terceiro céu, desafiando todas as Escrituras e, entres elas, os tempos, dividiu o futuro em dois futuros: *neque instantia, neque futura*. Um futuro que está longe, e outro futuro que está perto: um futuro que há de vir, e outro futuro que já vem; um futuro que muito tempo há de ser futuro – *neque futura* – e outro futuro que brevemente há de ser presente – *neque instantia* – Este segundo futuro é o da minha *História*, e estas as breves e deleitosas esperanças que a Portugal ofereço (VIEIRA, 2015c, p. 72).

Vimos que para Antônio Vieira, o atributo da presciência de Deus necessariamente se antecipa às escolhas dos indivíduos, Ele está no controle dos futuros, ainda que exija a participação do ser humano em sua construção. A problemática e a tensão entre a presciência divina e a liberdade humana já havia sido elaborada por Luis de Molina, em sua *Concórdia* 2010)⁸. É muito provável que Vieira tenha lançado mão desse debate para direcionar sua análise. Molina sustentava que existem coisas que dependem de Deus, outras que acontecem necessariamente e ainda outras que se efetivam por determinação do livre arbítrio. Tanto para Molina como para Vieira, Deus é o fundamento primeiro que criou livremente todas as coisas. Vejamos uma passagem na *Corcordia* que descreve bem essa temática:

[...] devemos atribuir exclusivamente à vontade divina e livre a raiz de toda a contingência que observamos tanto na existência daquilo que num primeiro momento Deus sozinho produziu, como a constituição deste universo em todas as suas partes e conteúdo, como no facto de que se conserve e persevere tudo aquilo cuja conservação depende exclusivamente de Deus (MOLINA, 2010, p. 283, tradução nossa)⁹.

⁸ Luis de Molina nasceu em 1535, em Cuenca, e faleceu em 12 de outubro de 1600 em Madrid, Espanha. Foi teólogo e membro da Companhia de Jesus. Molina foi ordenado sacerdote em 1561 e iniciou o seu trabalho como professor em 1663. Uma das bandeiras levantadas por Molina foi a da valorização do livre arbítrio, conseqüentemente opondo-se ferrenhamente a qualquer proposição determinista e fatalista. Para Molina, a ciência natural, que é inerente ao Ser divino, tem o conhecimento pleno de todas as coisas, abarcando a completude dos seres necessários e contingentes. Já a ciência livre é caracterizada pela permissão do conhecimento absoluto e determinado do Divino.

⁹ No original: “radix totius contingentiae quae cernitur tum in eo, quod fuerint ea quae primo a solo Deo producta sunt, qualis fuit prima constitutio huius mundi universi quoad omnes suas partes atque ornatos illius, tum etiam in eo, quod conserventur et perseverent ea quorum conservatio a solo Deo pendet, soli liberae voluntati divinae est tribuenda”.

Nesse caso, até o livre arbítrio foi criado livremente e consubstanciado de afecção capaz de fazer com que o sujeito exercite sua vontade de forma autônoma. As implicações da relação entre presciência e liberdade diz respeito ao fato de que se o conhecimento prévio é exaustivo e objetivo como compreender a sua operação com a relativa liberdade das criaturas e as determinações da contingência? Para Molina, o conhecimento de Deus não pode ser efetivado quando as coisas estão em ato, e se assim fosse, os atributos divinos estariam se esvaziando e humanizando-se. Para solucionar esse impasse e evitar o caminho do determinismo fatalista, Molina formulou o conceito de ciência média que objetivou preservar o conhecimento prévio de Deus sem prejuízo para o livre arbítrio. Na verdade, Molina denominou de terceira ciência, que se situa entre a ciência natural e a livre: “devemos distinguir em Deus uma tripla ciência, se não queremos errar ao tratar de conciliar a liberdade do nosso arbítrio e a contingência das coisas com a presciência divina” (MOLINA, 2010, p. 329, tradução nossa).¹⁰

Sob esse aspecto, podemos depreender que o conceito de ciência média é a capacidade e a liberdade que Deus possui de prever todos os atos do futuro e do livre arbítrio. Deus decide criar e ordenar as circunstâncias e recebe cooperações de conformidade com sua abertura, porém, sua presciência jamais se imporá arbitrariamente contra o exercício do livre arbítrio. Na ciência média, Deus compreende todo livre arbítrio posto nas variáveis das ordens e pode agir de forma oposta.

Por aí se compreende que no pensamento vieirino existem coisas condicionadas, que são os futuros que serão desenvolvidos através do exercício da liberdade humana, e as coisas incondicionadas, em que residem os futuros que são oriundos da liberdade do Ser divino. Em outras palavras, só é possível ao indivíduo participar em certa medida das dinâmicas do Ser por meio do livre arbítrio. Se existem diferentes tempos, existe liberdade, entretanto, na *História do Futuro*, Vieira destaca que o Ser possui a liberdade absoluta para revelar os futuros livres e contingentes a quem ele quiser:

Já dissemos que os futuros livres ou contingentes (qual é o império que prometemos) só são manifestos a Deus e a quem Deus os quer revelar. E

¹⁰ No original: “Triplicem scientiam oportet distinguamus in Deo, nisi periculose in concilianda libertate arbitrii nostri et contingentia rerum cum divina praescientia hallucinari velimus”.

assim, para fundarmos bem a esperança deste grande futuro, devemos recorrer principalmente aos que a fé nos ensina que foram verdadeiros profetas, entre os quais, como também deixámos dito, tem o primeiro lugar Daniel, não só pelo espírito de profecia de que foi tão superiormente ilustrado, mas porque o fez Deus particular profeta dos reinos e das monarquias (VIEIRA, 2015c, p. 439).

No *Sermão XXVII: com o santíssimo sacramento exposto*, Vieira diz: “E nota sapientissimamente que o domínio, que tem sobre o corpo, não lho deu a natureza, senão a fortuna [...] porque a natureza, como Mãe, desde o Rei ao Escravo, a todos fez iguais, a todos livres” (2015k, p. 344). Uma das características da liberdade vieiriana consiste na subordinação do ímpeto individual para a aquisição da pacificação da alma. A serenidade da liberdade estabelecerá a concórdia coletiva e será uma marca indelével no aspecto institucional da sociedade que alcançará sua feição mais acabada no Quinto Império, e por este motivo, todas as ações dos seres humanos devem visar a adequação com a semelhança do Ser divino como algo terminativo.

Nessa dinâmica, o exercício da vontade é um ordenamento do Ser divino por atribuição e os seres devem refletir o Ser. Não há uma relação determinista e fatalista entre Deus e os seres, pois os homens podem recusar ou aceitar as determinações do Ser divino. Para Antônio Vieira, somente na condição de desprovido de humanidade e privado de entendimento, o ser humano teria condição absoluta de viver sem parâmetro moral que pudesse reger o exercício da vontade. Isso não é possível porque a vontade é um atributo divino inerente à natureza humana. Na obra *A Chave dos Profetas*, Vieira expõe bem esse ponto:

Sendo certo que a lei natural, segundo a concepção de muitos, não é outra coisa senão a própria natureza humana, ou, segundo a opinião mais comum, um ditame da mesma natureza racional, que aponta e distingue o bem e o mal e que ordena o que deve fazer-se ou evitar-se; para conceber a ignorância acerca da lei natural parece absolutamente necessário que o próprio homem, desconhecendo completamente sua natureza, há de ignorar que é homem, algo que ninguém, a menos que privado de entendimento, há de imaginar acerca de si mesmo ou de outrem (VIEIRA, 2014a, p. 423).

Quer dizer, Vieira pontua que a liberdade é uma estrutura inerente do ente moral. Nesse caso, ela é essencialmente dotada de aspectos transcendentais e racionais. A alma é moralmente detentora da liberdade e detém o poder de mando e governo da razão e dos apetites, ao passo que é também a instância vinculadora da ordem suprassensível. Como se não bastasse, a liberdade nesses termos vieirianos propiciará o conhecimento de si mesmo. No *Sermão As cinco pedras da funda de*

Davi, em cinco discursos morais, temos um complemento importante dessa reflexão:

Almas, almas, vivei como almas: se conheceis que a alma é racional, governe a razão, e não o apetite; se conheceis que é imortal, desprezai tudo aquilo que morre, e acaba; se conheceis que é celeste, pisai, e metei debaixo dos pés tudo que é terra. Finalmente se conheceis que é divina, amai, servi, louvai, e aspirai só a Deus: este é o verdadeiro conhecimento de si mesmo, e esta a primeira pedra do nosso Davi; mas se ela não bastar, ainda lhe ficam no surrão outras quatro (VIEIRA, 2015f, p. 58-59).

No *Sermão da Sexagésima*, Vieira continua reforçando a premissa fundamental de que o conhecimento de si, é o princípio de ação moral e, portanto, livre: “Que coisa é a conversão de uma alma, senão entrar um homem dentro em si, e ver-se a si mesmo? Para esta vista são necessários olhos, é necessária luz, e é necessário espelho” (2015d, p. 50). É interessante mencionar que a dignidade e a liberdade do ser humano são entendidas como uma dimensão subjetiva. É por esta razão, que ele parte da alma para encadear a lógica do seu argumento. Ainda no *Sermão As cinco pedras da funda de Davi, em cinco discursos morais*, a alma, cuja essência é atemporal, não somente legitima as marcas expressas da moral no sujeito humano como cópia, mas reflete os atributos do Ser divino que é perfeito e Original:

Tenho acabado o meu discurso, e só vejo me poderão dizer contra ele que pus o conhecimento de si mesmo em uma coisa que se não conhece: é verdade que nós nesta vida não conhecemos a nossa alma, como é em si mesma, ou *quidditative*, como falam as escolas; mas porque a alma e não conhece a si, por isso mesmo se pode conhecer melhor: não quis Deus que o homem tivesse próprias espécies de sua alma, porque pertencia à dignidade de uma criatura tão nobre, e tão aparentada com Deus, que assim como Deus nesta vida se conhece por fé, assim se conhece por fé também a alma. Não digo que a alma se não conhece naturalmente nesta vida, mas quando se conhece naturalmente é também como Deus pelos efeitos: conhecer a Deus e a alma em seu próprio ser e substância é felicidade, e ciência reservada para a outra vida; e a razão é: porque como a alma é uma imagem perfeitíssima de Deus, só à vista do original se pode conhecer perfeitamente a cópia. Oh! grande perfeição da alma, que não se haja de ver em outro espelho, que no da face de Deus! (VIEIRA, 2015f, p. 57).

Em Vieira, a liberdade como gesto e expressão do autoconhecimento é anterior a qualquer determinação do mundo externo. A singularidade humana reside em sua subjetividade. Em outras palavras, a interação mais adequada entre a realidade sensível e suprassensível deve ser orquestrada a partir da alma, exaltada por Vieira como uma dimensão sublime. Não há dicotomia nos pressupostos vieirianos entre a realidade terrestre e celeste, o problema se instaura caso o sujeito

humano parta exclusivamente da apropriação da materialidade para redescobrir-se a si mesmo:

Qual será logo no homem o limpo conhecimento de si mesmo? Digo que é conhecer, e persuadir-se cada um que ele é a sua alma. O pó, o lodo, o corpo, não é eu; eu sou a minha alma: este é o verdadeiro, o limpo e o heroico conhecimento de si mesmo: o heroico, porque se conhece o homem pela parte mais sublime; o limpo, porque se separa totalmente de tudo o que é terra; o verdadeiro, porque ainda que o homem verdadeiramente é composto de corpo, e alma, quem se conhece pela parte do corpo, ignora-se, e só quem se conhece pela parte da alma se conhece (VIEIRA, 2015h, p. 49).

Em termos antropológicos, o conceito de alma tem um sentido orgânico e se refere à humanidade. Na verdade, o “humano” é àquele que é objeto do prazer divino. Nessa mesma direção, para Vieira, existe um crédito que é restrito ao usufruto da humanidade e que será experimentado quando o “humano” for restaurado da sua condição contingente e decaída. É nessa inscrição vieirina que notamos o efetivo exercício da liberdade como um ato importante nesse movimento em direção a Deus. Não se trata de desprezo à matéria, mas de reajustar o ponto de partida que para Vieira começa e termina no divino:

Quando São Paulo (e eu com ele) chama “homem” à alma, não fala da parte do homem, senão de todo o homem; mas não do homem físico, e natural, senão do homem moral, a quem ele queria instruir e formar, [2Cor 4,16]; bem assim como em outro lugar distingue no mesmo homem dois homens: a constituição do homem moral é mui diversa da composição do homem natural: o homem natural compõe-se de alma, e corpo; o homem moral constitui-se, ou consiste só na alma. De maneira, que para formar o homem natural, há-se de unir a alma ao corpo; e para formar, ou reformar o homem moral, há-se de separar a alma do corpo (VIEIRA, 2015h, p. 53).

O autoconhecimento é uma mola propulsora operada no interior da razão e se traduz na reprodução da vida moral. Para ilustrar essa dinâmica processada na razão, Vieira utiliza a imagem de Alexandre pintada em um quadro pelo artista Apeles, como uma representação da autognosia. Por outro lado, Alexandre é figurado como a efetivação da moral implicado em gestos concretos, nesse sentido, ele foi um conquistador:

Grande pedra; e com razão a primeira; porque neste mundo racional do homem, o primeiro móbil de todas as nossas ações é o conhecimento de nós mesmos [...] A imagem mais perfeita, a proporção mais ajustada, a medida mais igual da obra é o conhecimento de si mesmo em quem a faz. Quando Apeles pintava Alexandre, tinha na mente a Alexandre: quando Alexandre conquistava o mundo, tinha na mente a si mesmo. Na ideia de Apeles cabia Alexandre em um quadro: na ideia de si mesmo não cabia Alexandre no mundo; por isso o conquistou todo (VIEIRA, 2015h, p. 46-47).

Antônio Vieira não vê nenhuma relação de incompatibilidade entre Providência, futuro e livre-arbítrio. Na obra *Sermão dos Bons Anos*, ele explica que a economia da Providência é sustentada pela ordem dos decretos, no entanto, o Ser divino guarda relações de correspondência com o futuro e resiste à arbitrariedade determinista. Se existe uma relação entre o Ser e o futuro mais acentuada, deva ser a correspondência entre o Ser e os sujeitos humanos que possuem a prerrogativa de exercerem a “atenção” e a “vigilância” que são aspectos fundamentais do livre-arbítrio:

Tinha decretado, e disposto que o tempo da Redenção fosse dali a trinta e três anos; e se a Providência Divina, que tudo pode, espera pelas disposições, e circunstâncias do tempo; quanto mais a providência humana? A qual o não seria, se com toda a atenção, e vigilância as não observasse, aguardando pelas mais convenientes, e oportunas, que Deus, e o mesmo tempo lhe oferecesse (VIEIRA, 2015h, p. 107).

Quer dizer, em Antônio Vieira a relação entre os decretos providenciais de Deus não subjuga ou anula o exercício da vontade, caso contrário, os decretos prejudicariam o exercício da responsabilidade humana. Apesar do drama do pecado, alguns atributos que contribuem para a promoção da volição foram salvaguardados na essência humana. De modo inegável, a vontade também lida com a contradição do desejo, que pende para a total desestruturação, o apetite é o reflexo do não-Ser. Quando o livre arbítrio fica tutelado à ordem do desejo, ele torna-se e reproduz o não-Ser. Nessa condição, a humanidade precisa ser integralizada à outra ordem metafísica para a realização do Ser, que terá a sua plena analogia no Quinto Império.

A advertência de Vieira reverte-se agora em procurar evitar os extremos. Se de um lado, a rigor, não é possível sustentar a concepção de um decreto providencial que se impõe absolutamente solapando o livre arbítrio, do outro, não é conveniente supervalorizar a liberdade acima da sapiência do Ser divino. Balizado nessas premissas, Vieira sustenta a necessidade de estabelecer um equilíbrio entre a Providência Divina e providência humana:

E foi de tanta importância esperar pela oportunidade do tempo, que por esta dilação se veio a lograr aquela primeira máxima de toda a razão de Estado, assim da Providência Divina, como da providência humana, que é saber concordar estes dois extremos, conseguir o intento, e evitar o perigo (VIEIRA, 2015i, p.108).

Com isso, Vieira preserva o livre arbítrio sem negar a soberania do Ser e sua Providência. É preciso ter cuidado para não reduzir essa questão a raciocínios simplórios. A relação entre a Soberania de Deus e a liberdade do sujeito humano sempre foi um paradoxo. No *Sermão nas Exéquias da Senhora dona Maria de Ataíde, filha dos condes de Atouguia, dama do palácio*, esse drama é exposto diante da inconsistência operada pela sensação de que Deus não interfere mais no cosmo. A trajetória da vida humana é marcada por elementos consistentes e inconsistentes, e nesse caso, a fé projeta e liga a cooperação humana ao transcendente. Dessa maneira, permanecer na transcendência implica no despojamento diante do Ser, e quanto mais desprovido, rendido e dependente do Transcendente, mais governado por Ele:

Casos sucedem no mundo, que parece se descuida Deus do governo dele: e se alguns são à nossa admiração maiores motivos, são os da vida, e da morte. Esta admiração introduziu no juízo dos homens o erro de Fados, e de Fortuna, que se bem entre nós perderam a divindade, ainda conservam os nomes. Se repararmos com atenção quem vive neste mundo, e quem morre, é necessário muita fé, para crer que há providência (VIEIRA, 2015m, p.111).

A liberdade humana faz com que os sujeitos sejam senhores de si mesmo e responsáveis no que diz respeito ao bem-estar pessoal e coletivo. No *Sermão da Primeira Domingo do Advento*, Vieira diz: “No nascimento somos filhos de nossos pais, na ressurreição seremos filhos de nossas obras” (2014e, p. 151). A consciência e a liberdade são os princípios que devem consubstanciar a racionalidade. A pessoa humana, enquanto substância, é um ente real e não abstrato, é um indivíduo dotado de personalidade e personalidade, e por esta razão, no *Sermão As cinco pedras da funda de Davi, em cinco discursos morais*, Vieira valoriza a dignidade da pessoa humana dizendo que: “[...] não se acomoda quanto eu quisera, nem com o meu juízo, nem com meu auditório, e muito menos com o meu argumento: com o meu juízo não; porque eu faço um conceito mui alto do homem, [...]” (2015h, p. 49).

Vale a pena, nesta altura, ratificar que para Vieira o livre arbítrio é operado pela inteligência (razão) e tem como sujeito a vontade, tanto a razão como a vontade são propriedades complementares: a razão emite juízos e determina preceitos, mas a vontade é quem decide o instante da ação. Nessa relação entre razão e vontade, a motivação mais intensa é àquela que a vontade decide a partir das evidências da razão. A razão é análoga à razão do Ser, cuja substância metafísica espelha a lei natural que o orienta a conciliar conceitos com as cenas,

com a contingência e o futuro, que também foram adequados analogamente com as ideias do Ser. Vieira menciona que o ser humano exercita o seu livre arbítrio, tomado como ponto de partida a razão: “Assim foi, assim é, e assim será sempre. O coração, os pés, as mãos, as asas, tudo vem da cabeça, que é o molde da própria fantasia. Se esta for de homem, as ações serão racionais; se de águia, altivas; se de leão, generosas; se de boi, vis” (2015h, p. 48).

Cumprir notar ainda que O Ser divino, sendo livre, estabeleceu a liberdade como um dos elementos inerentes dos seus decretos, da natureza e dos homens. Sendo assim, a Providência não obstrui o exercício da liberdade humana, ao contrário, ressoa-a, evidencia-a e legitima-a. Vieira deixou isso claro nos *Sermão de Nossa Senhora do Carmo*:

A circunstância de voluntario é transcendente, e universal em todas as obras de Deus, e em todos os benefícios naturais, e sobrenaturais, que de Sua liberalidade recebem os homens. Voluntariamente nos criou, voluntariamente nos remiu, voluntariamente nos conserva, sustenta, e governa, e tudo quanto faz, ou não faz, é voluntariamente (VIEIRA, 2015i, p. 107).

Em seguida, Vieira demonstra que a Providência e o futuro sinalizam para os benefícios graciosos de Deus que potencializarão a recuperação, a disposição e a espontaneidade do ser humano. Claro que o Ser não depende objetivamente da correspondência humana para ser eficaz no seu programa redentor, porém, Ele inclui os sujeitos humanos em seu Ser e propósitos:

E como a geração do Filho natural não é voluntária, nem livre, senão necessária; por isso o Apóstolo quando falou na geração dos filhos adotivos carregou tanto na circunstância de ser voluntária: *Voluntarie genuit nos*; mostrando a diferença, e contrapesando a desigualdade, como se dissesse: ainda que Deus não pode gerar mais que um Filho natural; pode contudo gerar, e gera muitos filhos adotivos; e posto que estes não tenham o mesmo ser, os mesmos atributos, e a mesma igualdade com Deus; têm porém uma circunstância, com que muito se contrapesa essa desigualdade; porque se a geração adotiva tem de menos o ser natural, tem demais o ser voluntária. E esta circunstância de ser voluntária é de tanto peso, e tanto preço, que quase se supre o excesso da primeira geração com o voluntário da segunda (VIEIRA, 2015l, p. 107).

O certo é que, em Vieira, os futuros possuem uma ordenação propensa à liberdade e à contingência, porém, há uma lógica no tempo que estimula e instrumentaliza o futuro para cumprir determinadas finalidades para além de qualquer ordem contingente, pois estão fundadas na revelação divina que é, caso Deus não compartilhe, absolutamente incognoscível. Na *História do Futuro*, há uma

reflexão sobre essa questão:

Se Palafox pede que a profecia não seja só uma, senão algumas, como as de Samuel foram três, não só damos a Palafox três profecias, senão trinta profecias, e três vezes trinta, as quais se poderão ver no capítulo 60 deste *Anteprimeiro livro*, porque tantas são, se bem se distinguirem e contarem as coisas diversas e profetizadas que ali se referem, todas não só futuras, mas de futuros livres e contingentes, que nenhum entendimento humano, diabólico nem angélico podia tantos anos prever nem conhecer, sem a revelação de Deus; que são as condições que propriamente se requerem para a verdadeira, rigorosa e provada profecia, como é sentença comum dos teólogos, e se provará larga e demonstrativamente em seu lugar (VIEIRA, 2015c, p. 124).

Não é à-toa que, para Antônio Vieira, até mesmo a função das profecias não se limita a fazer prognósticos sobre o futuro. As profecias são elementos que penetram os mistérios ocultos dos Futuros. Os oráculos são candeias que possuem as condições de iluminar o futuro. Nesse empreendimento teórico e metodológico para compreender os futuros, Vieira se sente solitário, na verdade, protagonista. “Só e solitariamente entramos nela (mais ainda que Noé no meio do dilúvio), sem companheiro, nem água, sem estrela, nem farol, nem exemplar, nem exemplo” (2015c, p. 69). Podemos ainda acrescentar outra evidência desse sentimento dramático na mesma obra:

Assentámos com o Apostolo São Pedro, no capítulo antecedente, que com a candeia da profecia se podia entrar pela escuridade dos futuros, e descobrir e conhecer o que neles está encoberto e encerrado. Mas sobre esta resolução se pode dizer e arguir contra nós que esta mesma cadeia e luz das profecias há muitos centos de anos que está acesa, e não sub *modio*, senão *super candelabrum*, e que ninguém contudo se atreveu até agora a entrar por esse abismo (com ela) e escuridades do futuro, como nós prometemos fazer, empresa e ousadia que mais merece nome de temeridade que de confiança; aos quais (que sempre serão mais de um) responderemos facilmente com o seu mesmo argumento. Os futuros, quanto mais tempo vai correndo, tanto mais se vão eles chegando para nós, e nós para eles; e como há tantos centos de anos que estão escritas essas profecias, também há outros centos de anos que os futuros se vão chegando para elas, e elas para os futuros, e por isso nos atrevemos a fazer hoje o que os antigos não fizeram, ainda que tivessem acesa a mesma candeia; porque a candeia de mais perto alumia melhor (VIEIRA, 2015c, p. 146).

Eis aí o que procuramos demonstrar: o Ser divino é onisciente e, por esta razão, sua eternidade é imóvel, Ele detém todos os tempos possíveis. Já os seres criados, estão presos às ordens temporal e espacial. A eternidade é imensurável, perpétua e está fora do tempo. Somente o Ser com sua inteligência sabe os verdadeiros futuros, contudo, vê-se que o livre arbítrio possui um ordenamento que

impele o seu exercício a ter que lidar inexoravelmente com as coisas condicionadas e incondicionadas, porém, o verdadeiro futuro depende da vontade do Ser.

Compreendendo os conceitos de tempo, história e futuro, faz-se necessário demonstrar as peculiaridades e a relação sacramental entre o Ser e o mundo, pois a natureza carrega consigo formas de revelação em seu acontecer. Precisaremos verificar a possibilidade de apreender a Palavra no mundo que está sob a inscrição de parâmetros enigmáticos, para não dizer: naturais e metafísicos.

3 DA NATUREZA À ORDENAÇÃO SÓCIO-POLÍTICA

Este capítulo parte das categorias vierianas acerca das representações celestiais (realidades suprassensíveis) e espaciais (realidades sensíveis), que são articuladas por determinações ontológicas e metafísicas de conformidade com a analogia do Ser. Tempo, futuro e história, são modalidades que expressam concretude no pensamento vieirino. Isso poderá ficar bem claro quando demonstrarmos que suas alusões também ganham densidades físicas. Nesse capítulo, trataremos de apresentar as características que permeiam a constituição ontológica do mundo e seus desdobramentos sócio-políticos.

3.1 NATUREZA E SACRALIDADE

O Padre Antônio Vieira preservou uma visão sacramental do cosmo que implicou em relacionar a concretude, marcada pelo enigma da aparência e a instância transcendente. Nessa lógica, a matéria carrega sinais do imaterial, ou seja, a massa ganha ênfase e densidade. A realidade também é assinalada por índices do Ser e o elemento misterioso nessa relação é seu caráter oculto.

Assim sendo, a identidade indeterminada do Ser divino continua sendo espacialmente imanente e simultaneamente transcendente, característica que demonstra seu caráter insondável. Esse mistério, refletido no globo terrestre, instância material, onde o homem vive e usufrui de toda sua extensão, acentua-se quando verificamos que Deus expande-se para além da natureza.

Nesses termos, o extranatural é indeterminável, no entanto, as espécies são por Deus determinadas e dotadas de substâncias fisicamente visíveis. O divino é a única condição de possibilidade para estabelecer a convergência para a unidade ontológica e essencial dos entes que atuam Nele. Alcir Pécora expõe bem essa questão na obra *Teatro do Sacramento: a unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antonio Vieira*:

Deus não é, deste ponto de vista, apenas o Ser que o homem busca como indivíduo dotado de “alma intelectiva” análoga a ele, mas antes, o Ser que fornece o fundamento ontológico de uma reunião de seres que não é apenas circunstancial, mas, bem mais que isso, uma reunião tão essencial quanto a natureza das coisas que participam dele. Essencial, aliás, cumprindo amplamente o duplo requisito (*dual essence*) neotomista da lei da natureza: o de ser intrinsecamente justa e razoável, e também o de ser expressão análoga da vontade divina – *intellectus* e *voluntas* coincidem na

comunhão ensejada pelo sacramental vieiriano (PÉCORA, 2008, p. 188-189).

Prosseguindo, para Antônio Vieira, a interação da natureza se efetiva sempre em analogia com o Ser. Há uma razão intrínseca que orienta a criação para um fim. Essa disposição não se configura em determinismo e sim em semelhança. A teleologia que caracteriza a cosmologia vieiriana operacionaliza os entes para cumprirem a razão para o qual foram projetados. A implicação fundamental dessa dinâmica é que os seres são imperfeitos na cadeia dos entes. Nesse sentido, o cosmo necessita de passar pelo processo de restauração. Essa imperfeição não significa a total anulação da potência e disposição para a promoção das virtudes, pois a Graça divina auxilia o ser humano, a natureza e todas as ordens temporais, no processo paulatino de regeneração até a plena ascensão de todas as coisas.

No *Sermão do Santíssimo Sacramento*, Vieira, não somente descreve a natureza e sua origem divina, mas afirma que ela possui princípios pedagógicos dados pela Graça:

Deu Deus primeiro aos homens por mestra a Natureza, havendo-lhes de dar depois a Profecia; porque as obras da Natureza são rudimentos dos Mistérios da Graça: e muito mais facilmente aprenderiam os homens o que se lhes ensinasse na escola da Fé, tendo sido primeiro discípulos da Natureza: *Quo facilius crederes prophetiae discipulus naturae*. Se queres ser mestre na Fé, faz-se discípulo da Natureza; porque os exemplos da Natureza te desatarão as dificuldades da Fé (VIEIRA, 2015i, p. 82).

Ser divino é a totalidade que aglutina a ordem temporal e atemporal, mas Ele não é condicionado por nada. No *Sermão de Nossa Senhora do Ó*, Deus é descrito como quem está presente em todos os círculos, ao passo que o sujeito humano está condicionado à existência de dois planos: o visível (experimentável, tangenciável, tocável, vivido e visto) e o invisível (sentido mediante a fé sem a imposição da percepção):

Estes são os dois maiores círculos, que até o dia da Encarnação do Verbo se conheceram; mas hoje nos descreve o Evangelho outro círculo em seu modo maior. O primeiro círculo, que é o mundo, contém dentro em si todas as coisas criadas; o segundo, incriado, e infinito, que é Deus, contém dentro em si o mundo; e este terceiro, que hoje nos revela a Fé, contém dentro em si ao mesmo Deus: *Ecce concipies in útero, et paries filium: hic erit magnus, et filius Altíssimi vocabitur* [Lc 1, 31-32] (VIEIRA, 2015i, p. 375).

Assim, os aspectos naturais não têm subsistência em si mesmo. O

Mundo¹¹, unidade espacial de substância divina, foi criado a partir dos movimentos metafísicos e transcendentais. Na perspectiva vieirina, a noção de mundo é totalmente otimista, no sentido de ser o espaço onde a esperança provoca as mobilizações necessárias para as realizações humanas. É no mundo que se verifica a possibilidade de correspondência entre a existência humana e a presença divina, embora a intromissão do pecado original em certa medida atrapalhe essa interação, no entanto, o futuro está inerentemente no horizonte de expectativa dos sujeitos humanos como efeito cabal das operações da natureza.

Os filósofos e os cientistas modernos optaram por estabelecer uma relação com a natureza mais direta¹². Houve uma mudança radical no método: eles foram gradativamente abrindo mão da linguística e da lógica escolástica¹³ e desenvolveram técnicas experimentais para compreender as operações da natureza, contudo, Antônio Vieira, não foi indiferente às transformações do seu contexto, prova cabal de sua competência para dialogar com as novidades do seu tempo. Sobre essa questão, vale mencionar o que disse Besselaar em *Antonio*

¹¹ O termo mundo, do latim *mundus*, é extremamente complexo, e foi interpretado de diversas maneiras. Essas variáveis estão presentes inclusive no texto bíblico. Podemos verificar esse problema na *Vulgata*, texto traduzido por Jerônimo entre os séculos IV e V. Para interpretar a palavra mundo, Jerônimo utilizou alguns termos interessantes: *Gês* (solo, terra), *Oikuméne* (toda a terra habitada), *Aión* (século) e *Kosmos* (universo ordenado). Durante a Idade Média, período em que predominaram as escolas de interpretação neoplatônicas e aristotélicas, o termo “mundo” sofreu apropriações imbricadas e discrepantes dando origem a variáveis conceituais, tais como: a criação da ordem natural, o espaço regido pelo diabo, a própria humanidade, dentre outras definições. Para uma análise mais detalhada dessas questões, ver, FISCHER, Alexandre. *O texto do Antigo Testamento*. Edição reformulada da Introdução à Bíblia Hebraica de Ernest Wurthwin. Tradução. Vilson Scholz. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013, p. 136-37.

¹² Sobre esse tema, vale mencionar o que Edward Grant escreveu: “pessoas como Copérnico, Galileu, Kepler e Newton tornaram o Cosmos de Aristóteles insustentável. De fato, não só o seu Cosmos era radicalmente diferente da descrição de Aristóteles dele, como as grandes navegações nos séculos XV e XVI revelaram amplas áreas de nossa Terra das quais Aristóteles não tinha nenhum tipo de conhecimento. A missão dos filósofos naturais do século XVII era investigar a natureza e descobrir as verdades sobre ela que iludiram Aristóteles e seus seguidores medievais. Eles continuaram o que havia sido ignorado na Idade Média: observação constante das atividades da natureza a olho nu e por instrumentos, e o uso de experimentos para persuadir a natureza a compartilhar suas operações secretas por meios artificiais. Aristóteles e seus seguidores medievais não acreditavam que experimentos que invadem a natureza poderiam produzir resultados informativos” (GRANT, 2009, p. 364-365).

¹³ Sobre a Escolástica, é importante salientar o que disseram Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt no *Dicionário analítico do Ocidente medieval*: “Às portas do século XIII, um fato novo se produz na história das escolas: a emergência de uma instituição – a Universidade – na qual mestres eclesiásticos especialistas da cultura se associam para formar um corpo profissional segundo o modelo das corporações de ofício. Consagrado pelo papa, esse corpo é englobado pela Igreja a título de instituição autônoma que, subtraída à jurisdição dos bispos e dos senhores, está submetida unicamente ao poder pontifício e a seu controle doutrinário. Essa nova instituição desenvolve-se de início em Paris e em Oxford (o *studium* de Bolonha é um caso à parte) e não é separável da emergência da cultura – fortemente organizada e privilegiada de maneira exclusiva – que chamamos “escolástica” (2017, p. 411).

Vieira: O Homem, a Obra, as Ideias:

Mas esta sua grande credulidade não o impedia de seguir, com a devida atenção, o que se passava na vida política, social e cultural, nem o inabilitava para discernir o valor de várias invenções modernas, p. e. a imprensa, as Universidades, a pólvora, etc. Vieira não tinha ódio ao século em que nascera, mas aplaudia diversas inovações da sociedade, inclusive certas atitudes modernas, p. e. a tolerância, o espírito empreendedor da burguesia, etc. Lutava por fazê-las aceites na sua pátria (BESSELAAR, 1981, p. 93).

No pensamento vieiriano, as novidades do universo científico não eram tão novas, pois o Ser divino, com sua multiplicidade de modos e formas, participa diretamente da ordem natural das coisas. Por atribuição, as leis de ordenação e hierarquização ontológica na cadeia dos entes, haviam posto por “antiquíssimas” todas as novidades. Toda novidade é ambivalente no sentido de que estava oculta no Ser, e parte dessa novidade se revela nos eventos históricos. Na *História do Futuro*, Vieira discorre sobre essa questão:

Muitas novidades se verão nesta nossa História, não novas por novas, senão novas por antiquíssimas. As pirâmides e obeliscos, que assombraram com tão nova e desusada grandeza o Foro romano (com boa vénia dos Padres Conscritos), depois de serem velhice no Egito, foram novidade em Roma. Serão novas neste nosso livro coisas que foram primeiro que as que hoje se têm por antigas. A nova opinião dos céus fluidos, tão recebida em nossos dias, primeiro foi que a antiga de Aristóteles, que com tão continuado aplauso do mundo os fez sólidos e incorruptíveis. (VIEIRA, 2015c, p. 166).

Ao ressaltar a teoria dos céus fluidos, o Padre demonstrou que não tratou com desdém a plausibilidade das pautas que revolucionaram e legaram novos paradigmas científicos ao seu contexto. No *Sermão da Primeira Domingo do Advento*, há um gesto elogioso de Vieira ao sistema heliocêntrico:

Copérnico, insigne Matemático do próximo século, inventou um novo sistema do mundo, em que demonstrou, ou quis demonstrar (posto que erradamente) que não era o Sol que se movia, e rodeava o mundo, senão que esta mesma terra, em que vivemos, sem nós o sentirmos, é a que se move, e anda sempre à roda. De sorte, que quando a terra dá meia volta, então descobre o Sol, e dizemos que nasce, e quando acaba de dar a outra meia volta, então lhe desaparece o Sol, e dizemos que se põe. E a maravilha deste novo invento é que na suposição dele corre todo governo do universo, e as proposições dos astros, e medidas dos tempos com a mesma pontualidade, e certeza, com que até agora se tinham observado, e estabelecido na suposição contrária (VIEIRA, 2014e, p. 181-182).

Um jesuíta fervoroso não iria contrariar a perspectiva da Igreja que concebia a teoria das esferas sólidas, no entanto, conforme mencionado acima, temos evidências de que Vieira foi simpático ao esquema teórico dos céus fluidos e

do heliocentrismo. O Padre admite “a maravilha deste novo invento”, porém, elogio e crítica provavelmente foram estratégias utilizadas para evitar uma rota de colisão com a Igreja. Contudo, no *Sermão da domingo décima sexta post pentecosten*, Copérnico foi objeto dessa artimanha:

Opinião foi antiga de muitos Filósofos que não era o Sol o que se movia, e dava volta ao mundo, senão que permanecendo sempre fixo, e imóvel, esta terra em que estamos é a que, sem nós o sentirmos, se move, e nos leva consigo, e quando nos aparta do Sol faz a noite, e quando no-lo torna a mostrar, o dia. Mas esta opinião, ou imaginação matemática, assim como ressuscitou em nossos tempos, assim foi também condenada como errônea, por ser expressamente encontrada com as Escrituras divinas. Do Sol diz o Texto sagrado com palavras tão claras, como a luz do mesmo Sol, que ele é o que dá volta ao mundo, alumando-o: *Oritur sol, et occidit, gyrat per Meridiem, et flectitur ad Aquilonem, lustrans universa in circuitu [Ecl 1,5-6]* (VIEIRA, 2015p, p. 287).

De qualquer maneira, não resta dúvida que Vieira compreendeu que a inteligência, a ciência e a sabedoria foram frutos dos graus instaurados e alcançados pelo tempo histórico. A própria igreja não escapou da força modificadora operada pelo tempo. Nesse sentido, os modernos reuniam mais condições de discernir as gradações do tempo do que os antigos. Na *História do Futuro*, Vieira afirma isto de modo mais direto:

De sorte que vai crescendo a inteligência, a ciência e a sabedoria pelos mesmos graus do tempo em que vão passando os anos, os séculos e as idades; e isso não só na Igreja universal e em comum, senão nos homens e doutores particulares, que são os membros de que o seu corpo e os raios de que a sua luz se compõe. Donde se deve reparar e advertir (coisa que devera estar já notada e advertida) que os autores antigos e mais velhos, própria e rigorosamente falando, não são os passados, senão os presentes; não aqueles que vulgarmente são chamados os Antigos, senão os que hoje e nos tempos mais chegados a nós se chamam Modernos (VIEIRA, 2015c, p. 174).

Daí se evidencia que o Padre Antônio Vieira incorporou alguns elementos da cultura moderna, tais como: as observações das realidades naturais e as experiências empíricas, especialmente àquelas vivenciadas pelos Descobrimientos, que foram elementos importantes e contribuíram para mudanças significativas em seu método científico. No *Sermão da Terceira Domingo do Advento*, há uma menção esclarecedora:

Nenhuma coisa houve mais assentada na antiguidade, que ser inabitável a Zona tórrida: e as razões, com que os Filósofos o provavam, eram ao parecer tão evidentes, que ninguém havia que o negasse. Descobriram finalmente os Pilotos, e marinheiros Portugueses as costas da África, e da América, e souberam mais, e filosofaram melhor sobre um só dia de vista, que todos os Sábios, e Filósofos do mundo em cinco mil anos de

especulação. Os discursos de quem não viu são discursos: os ditames de quem viu são profecias (VIEIRA, 2014f, p. 262).

A partir dessa constatação é possível entender que, mesmo com o processo de dessacralização da natureza, Vieira se empenhou para relacionar a concepção dos fenômenos naturais com o Ser divino, fusão que formularia a “verdadeira filosofia”. Ao ressaltar a veracidade da filosofia, ele se apropria do discurso científico, embora não seja um disseminador da Revolução Científica. Para exemplificar esse esforço, podemos fazer menção ao arco-íris, que teologicamente é concebido como reflexo da presença divina na terra.

Lembremos que no relato de Gênesis, o arco foi estabelecido como sinal da aliança de Deus com os seres humanos após o dilúvio (Gênesis, 9:13)¹⁴. No *Sermão do Santíssimo Sacramento*, Vieira diz: “Na Íris, ou Arco celeste, todos os nossos olhos jurarão que estão vendo variedade de cores; e contudo ensina a verdadeira Filosofia que naquele Arco não há cores, senão luz, e água” (2015l, p. 84). Ao fazer menção da “luz” e da “água”, Vieira está corroborando a premissa de que o arco-íris é um fenômeno ótico provocado pela quebra da luz solar nas gotas de água das chuvas que estão centradas na atmosfera.

Ainda sobre a visão científica do arco-íris, no *Sermão da Quinta Quarta-feira da Quaresma*, Vieira aborda o tema da refração da luz dizendo o seguinte: “O rústico, porque é ignorante, vê muita variedade de cores, no que ele chama Arco-da-Velha; mas o Filósofo, porque é sábio, e conhece que até a luz engana (quando se dobra), vê que ali não há cores, senão enganos corados, e ilusões da vista” (2015f, p. 215).

Depois desse breve levantamento sobre a aproximação de Vieira da ciência, é preciso reafirmar que sua visão de natureza é objetivamente sagrada. A essa altura, se faz salutar estabelecer uma análise mais geral do pensamento vieirino concernente à estrutura e ao funcionamento do cosmo e dos corpos celestes e como sua hermenêutica se posicionou em relação à influência do mundo supralunar na Terra. É esse o trabalho que faremos no próximo tópico, ou seja, demonstraremos que o cosmo e os astros são portadores de um projeto metafísico.

¹⁴ BÍBLIA, A. T. Daniel. In *Bíblia de Estudo Palavras-Chave Hebraico e Grego*. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p.16.

3.2 COSMOLOGIA E INFLUXO ASTRAL

É verdade que Vieira foi um criacionista e admitia a infinita onipotência de Deus revelada no ato criativo de todas as coisas do nada. No *Sermão da Primeira Sexta-Feira da Quaresma*, Vieira disse: “Pesemos, e consideremos bem o poder, ou a onipotência infinita, e imensa daquele *Ego dico*. Antes da criação do Mundo não havia nada. Apareceu subitamente esta grande máquina, que vemos; e quem a fez?” (2015s, p. 180). O cosmo vieirino tem dimensões imensas, é perfeito, finito, tem um formato esférico e não é vazio. Essas características ficam evidentes no *Sermão de Nossa Senhora do Ó*:

A figura mais perfeita, e mais capaz de quantas inventou a natureza, e conhece a Geometria, é o círculo. Circular é o Globo da terra, circulares as Esferas Celestes, circular toda esta máquina do Universo, que por isso se chama Orbe, e até o mesmo Deus, se, sendo espírito, pudera ter figura, não havia de ter outra, senão a circular (VIEIRA, 2015i, p. 374).

Outro elemento que forma a concepção cosmológica vieiriana é o Céu Empíreo, imóvel e transparente. O Céu Empíreo também foi criado por Deus no primeiro dia da criação e o restante dos céus equivalem aos orbes celestes rígidos e impassíveis. O *Sermão da Rainha Santa Isabel*, Vieira expõe que o Céu Empíreo além de imenso, aglutina os oito orbes celestes: “E senão, voemos nós também com as mesmas asas, e subamos do Céu estrelado, onde a viu São João, ao Céu Empíreo, onde a viu Davi” (2015o, p. 87). Outro trecho importante no *Sermão I: com o santíssimo sacramento exposto*, pode dar uma imagem mais clara dessa posição:

Mas isto se entende da voz com que falamos, e não da voz com que oramos. A voz com que falamos mal se estende a toda esta Igreja, e a vista tem tanto maior, e mais alta esfera, que chega ao Firmamento, onde vemos as Estrelas. Porém a voz com que oramos, não só chega ao Firmamento, que vemos, que é o Céu das Estrelas, mas ao mesmo Empíreo, que não vemos, que é o Céu de Deus (VIEIRA, 2015u, p. 45).

No *Sermão de Nossa Senhora do Ó*, Vieira expõe com mais detalhes a grandeza ilimitada que é o Céu Empíreo, comparando-o com a terra e o sol. A terra é grande “e o sol é cento e sessenta vezes maior que a terra”, porém, o Empíreo é incomparável e imedível:

A razão é: porque sendo a terra tão grande, e o Sol cento e sessenta vezes maior que a terra; e sendo o Céu muitos milhões de vezes maior que o Sol; e o Empíreo, com excesso incomparável maior que os outros Céus, todas essas grandezas têm medida, e limite, a imensidade não (VIEIRA, 2015n, p.

376).

Além disso, o interior do cosmo é estruturado por regiões e uma delas é a instância celeste, ratificada por Vieira como uma dimensão formada por éter. A região celeste ou supralunar, por ser incorruptível, é essencialmente perfeita, harmônica e formada por esferas confluentes que equivalem a sete planetas. Isso fica evidente No *Sermão I: com o santíssimo sacramento exposto*:

Os Planetas, como todos sabem, são sete; e por isso (diz Filo) pôs o Autor da natureza o Sol no quarto lugar, e no quarto Céu, para que ficando-lhe três Planetas acima, e três abaixo, e ele no meio, dali os alumiasse melhor a todos, e lhes comunicasse igualmente os efeitos, e influências da sua luz (VIEIRA, 2015u, p. 62).

Na esfera supralunar, os movimentos são concebidos como perfeitos, circulares, uniformes, contínuos e concêntricos. No *Sermão de São Gonçalo*, Vieira menciona que um anjo contribuía para a efetivação orquestrada dos movimentos dos corpos celestes:

Os Anjos da guarda de dia, e de noite estão velando, cada um sobre o homem que lhes está encomendado; os Custódios dos Reinos, e Monarquias, sempre atendendo ao governo, e conservação delas na paz, e na guerra, e em tantos outros acidentes, que nunca param; os que guiam com tanta ordem, e concerto os Astros, cada um movendo a sua estrela, quase todas maiores que este mundo (VIEIRA, 2015n, p. 473).

Outra dimensão a ser destacada é a região terrestre, ou instância sublunar que está localizada abaixo da depressão da lua. A Terra é composta por terra, água, ar e fogo. Como se não bastasse, os corpos do mundo sublunar estão sujeitos às transformações ocasionadas pela corrupção. No *Sermão de Santo Antônio*, Vieira diz que: “Sendo esta a condição natural de toda a terra, como grosseira enfim, rude, e opaca, e nascida debaixo das trevas [...]” (2015w, p. 253). Sob esse aspecto, é interessante notar, uma vez mais, a diferença essencial que Vieira pensa entre as regiões celeste e terrestre no *Sermão da Segunda Domingo da Quaresma*:

[...] e são os moradores do mesmo Céu como as Estrelas fixas do Firmamento, onde não chegam fumos dos vapores da terra, que as ofusquem: gozando todos em suma paz a pátria do sumo bem, que não seria sumo, nem bem, se não excluísse todo o mal por mínimo que seja. E por isso só os bens naturais da mesma pátria são puros, sinceros, e perfeitamente bens, sem corrupção, contrariedade, nem mistura de mal (VIEIRA, 2015g, p. 64).

A despeito do apreço pela teoria heliocêntrica, podemos verificar que

Vieira se posiciona a favor de que a Terra é fixa, imóvel e todos os corpos celestes giram em seu entorno. No *Sermão da Primeira Domingo do Advento*, diz ele: “Porque se a terra está sempre firme, e estável, *terra autem ín aeternum stat*; segue-se que ao menos a mesma terra não passa, e que há no mundo alguma coisa, que não passe” (2014e, p. 122). Podemos ainda elencar outra passagem importante que corrobora essa questão de que a Terra é o centro no *Sermão da Segunda Domingo da Quaresma*: “Assim como todo o peso da redondeza da terra pesa, e carrega para o centro [...]” (2015g, p. 78). O geocentrismo vieirino também é mencionado no *Sermão da Domingo Décima-Sexta Post Pentecosten*:

Oh se a terra tivera olhos, e entendimento, e olhasse cá debaixo para o Céu, e para tudo o que se move entre o Céu, e a mesma terra, que contente estaria do seu último lugar, e que graça daria por ele ao Autor da natureza: vendo o curso, e revolução sempre inquieta do Sol, da Lua, e das Estrelas [...] (VIEIRA, 2015p, p. 288).

Para expor outro elemento importante, devemos pontuar que os corpos celestes são ordenados hierarquicamente. A Lua está posicionada no primeiro orbe, o Sol no quarto e as estrelas fixas no oitavo: “A Lua está no primeiro Céu, o Sol no quarto, as Estrelas no oitavo, que é dos que alcança a vossa vista o supremo: e não é necessária outra culpa, ou causa para serem elas as que hão de cair” (2015p, p. 283). Cumpri observar que para Vieira o Sol influencia a Terra, o mar e a Lua. Isso fica evidente no *Sermão da Primeira Oitava da Páscoa*: “O Sol domina no mar, e principalmente na terra; a Lua domina na terra, e principalmente no mar: e estes são os dois elementos em que vivem e negaceiam a vida os homens” (2015e, p. 104).

Não é em vão que no *Sermão de Santo Inácio, fundador da Companhia de Jesus*, Vieira ressalta que o Sol ocupa lugar de destaque no cosmo: “Assim como todos os astros recebem a luz do Sol, e cada um deles é juntamente um espelho, e retrato resplandecente do mesmo Rei dos planetas [...]” (2015n, p. 489). Em seguida no *Sermão da Primeira Oitava da Páscoa*, Vieira destaca a Lua:

Como o Céu é a Corte de Deus, pôs o mesmo Deus no Céu dois Ministros, por meio dos quais governasse este mundo inferior, ambos grandes, ambos ilustres, mas um maior, outro menor. Com toda esta distinção fala o Texto sagrado: *Fecit Deus duo luminaria magna, luminare majus ut praesset diei, luminare minus ut praesset nocti*. O Ministro maior é o Sol, a quem deu a presidência do dia; o Ministro menor é a Lua, a quem deu a da noite (VIEIRA, 2015e, p. 103-104).

Em relação às estrelas fixas, no *Sermão XXIX*, Vieira destaca a absurda quantidade e a pluralidade das dimensões que caracterizam-nas: “mas assim como

na Via-Láctea umas Estrelas são grandes, e notáveis, que se veem, outras pequenas, e inumeráveis, que senão podem ver nem contar; [...]” (2015k, p. 411). O certo é que Antônio Vieira fazia distinção entre as esferas celeste e terrestre conferindo *status* de superioridade ontológico a primeira esfera. O *Sermão da Segunda Domingo da Quaresma* resume de forma contundente essa questão:

Tudo o que nasce na terra, o Sol, e a chuva o cria; mas o mesmo Sol, se é demasiado, o queima; e a mesma chuva, se é muito continuada, o afoga: para que acabemos de nos enganar da pouca firmeza, ou segurança, que pode haver nos bens, que não são do Céu, pois as mesmas causas, que os dão, os tiram, e as mesmas que os produzem, os matam (VIEIRA, 2015g, p. 71).

Em outras palavras, a teoria filosófica da influência dos corpos celestes na instância sublunar apropriada e interpretada por Vieira, serviu de baliza para fundamentar suas proposições. Há um exemplo notável dessa ligação no *Sermão do Santíssimo Nome de Maria*:

E se a terra produziu as flores, que são as suas estrelas, o Céu por que não produziu as estrelas, que são as suas flores? Porque essa é a diferença, que Deus costuma observar na produção de Suas criaturas, conforme a dignidade delas. As plantas, e os animais produza-os a terra, os peixes, e as aves produza-os a água; porém o Sol, a Lua, e as Estrelas, que na alteza do lugar, nos resplendores da luz, e na virtude das influências excedem com tanta eminência a tudo quanto lhes fica abaixo neste mundo elementar, nem ao mesmo Céu comete Deus a sua produção, senão que Ele por Si mesmo as produziu: *Fecit luminaria magna, et stellas*; e ele mesmo lhes dividiu, e distribuiu os postos: *Et posuit eas in firmamento* (VIEIRA, 2015i, p. 220).

A estreita relação entre os cometas e a ordem política não era intrinsecamente automática. No pensamento de Vieira, essa vicissitude era fruto da providência Divina, ainda que os efeitos naturais dos cometas fossem respeitados. Em uma de suas anotações na *História do Futuro*, Vieira fala da Estrela Nova de Kepler¹⁵: “Que não houve semelhante coisa no céu depois da criação do mundo” (2015c, p. 308). E mais adiante ele acrescenta que: “costuma Deus por sinais falar e avisar aos homens. E porquê? Porque quer que se conheça que são efeitos de Sua Providência, e não acasos” (2015c, p. 308). Nesse sentido, Vieira não despreza as explicações naturais, uma vez que os fenômenos naturais tais como o Cosmos, a

¹⁵ É importante mencionar que Kepler observou a supernova em 1604 e escreveu *Estella Nova* em 1606. Um de seus objetivos era contestar a ideia aristotélica da imutabilidade dos céus. Nesse período, a astrologia estava dando lugar à astronomia. Esse movimento representou a evolução do pensamento crítico e científico. Vieira conhecia e fez elogios à obra de Kepler, o que demonstra sua abertura para os ditames das ciências.

Via-Láctea e o arco-íris, foram objetos de suas observações. No *Sermão XXIX*, Vieira escreveu sobre a Via-Láctea localizada no oitavo céu das esferas ptolomaicas¹⁶:

Vem a dizer na nossa prosa: que “no Céu há um Caminho claro, e manifesto, ao qual pela brancura, tomando o nome de leite, chamaram Via Láctea: e que é a Estrada, por onde os habitantes do Céu sobem aos altos Palácios do grande Tonante”: isto é, gentilmente, de Júpiter; e cristãmente, de Deus. [...] Primeiramente deixando o nome de Via para seu lugar; assim como os Gregos pela cor chamaram Galáxia, assim todos pela figura lhe chamam Círculo: e com particular razão. Porque sendo onze os Círculos, em que os Matemáticos por várias partes, e com diferentes considerações cortam, e dividem o Céu, os dez, todos são imaginários, e só o Círculo Lácteo, real, e visível (VIEIRA, 2015k, p. 393).

Finalmente São João Damasceno com a sentença mais recebida nas Escolas diz que a Via Láctea é no oitavo Céu um agregado, ou multidão de Estrelas, umas grandes, que se distinguem, e veem; e outras pequenas, que por sua menoridade, número, e distância, se não podem ver nem contar (VIEIRA, 2015k, p. 394).

Percebe-se, portanto, a ideia de que Deus estava no decurso dos processos naturais e era responsável pelas suas consequências. Essa ideia é pautada na obra *Voz de Deus ao mundo, a Portugal e à Bahia*:

Se acaso não entendes assim, e és do número daqueles que chamam aos cometas causas naturais, e não reconhecem neles outro mistério ou documento mais alto, eu te afirmo que essa mesma incredulidade e dureza é já um efeito fatal do mesmo cometa, e princípio dos castigos que por ele e com ele pode ser nos venham anunciados (VIEIRA, 2015c, p. 584).

Para Vieira, os cometas são representações da Voz de Deus ao mundo. Nessa temática, é salutar mencionar uma palavra de Luís Miguel Carolino na obra *Ciência, astrologia e sociedade: a teoria da influência celeste em Portugal (1593-1755)*: “Para o Padre António Vieira, o mundo natural, com todos os seus fenômenos duradouros ou episódicos, era portador de um sentido oculto que o ultrapassava e que se traduzia na própria história humana. A natureza não deveria ser, assim,

¹⁶ Cláudio Ptolomeu (85-165 d.C.), cientista, astrônomo e geógrafo. Provavelmente, trabalhou em Alexandria entre 120 e 160 d.C., período no qual estabeleceu suas anotações astronômicas e registrou-as na obra *Almagesto* (A Grande Síntese). Ptolomeu desenvolveu um sistema cosmológico inspirado no geocentrismo de Aristóteles. Na obra: *Dois Reinos: A Igreja e a Cultura interagindo ao longo dos séculos*, Clouse Robert, Pierard Richard e Yamauchi Edwin, registram que: “No 2º século depois de Cristo, Cláudio Ptolomeu explicou as variações no movimento dos planetas sugerindo que a Terra não estava exatamente no centro do universo. Também afirmou que os corpos celestes moviam-se em suas esferas em pequenos círculos chamados de epiciclos, enquanto as esferas em si moviam-se ao redor da Terra. Estudiosos muçulmanos traduziram a obra de Ptolomeu e ela chegou às mãos dos cristãos durante o século 12. Apesar das correções que Ptolomeu havia feito na visão geocêntrica de Aristóteles, os escolásticos encontraram ainda outros erros no sistema e no século 16 havia se tornado aparente que era necessário fazer modificações nas tabelas de movimentos planetários” (2003, p. 349).

apenas e, sobretudo, objecto de uma interpretação *natural* [...]” (2003, p.159). Nessa mesma direção, a palavra divina é endereçada para o mundo natural e também para o âmbito político. É o que fica evidenciado na *Voz de Deus ao mundo, a Portugal e à Bahia*:

O mundo, ou se pode considerar como mundo natural, ou como mundo político, e com um e outro fala este cometa ou voz de Deus. Que diz ou o que significa ao mundo natural são intemperanças do ar, ventos, tempestades, naufrágios, secas, esterilidades, fomes, terremotos, pestes, e todas as outras calamidades mais que ordinárias, a que está exposta a nossa mortalidade (VIEIRA, 2015c, p. 588).

Investidos dessa missão, os planetas anteviam os percalços naturais, políticos e até mesmo os desajustes de natureza moral. Segundo Vieira, a punição ou o perdão dependeria em última instância da resposta humana: “Keplero na sua Fisiologia diz que debalde temeu Carlos aquele cometa, porque viveu alguns anos depois dele, e eu dissera que, porque o temeu, por isso viveu; porque é condição da morte fugir dos que a temem; ou verdadeiramente generosidade de Deus não executar o golpe nos rendidos” (2015c, p. 594). Por esta razão, Vieira exorta os reis e os reinos a temerem os cometas:

Estão os profetas e as profecias sobre as gentes e sobre os reinos, ou como astros benignos que influem e prometem suas felicidades, ou como cometas tristes e funestos que influem e ameaçam suas ruínas. Levantem, pois, os reis e os reinos os olhos, olhem para estes sinais do Céu e, se os virem estrelas, esperem; se os virem cometas, temam (VIEIRA, 2015c, p. 116).

Também é certo, contudo, que Vieira considerava que uma das funções dos astros era contribuir para preservação dos seres vivos. Na hipótese dos astros se pulverizarem, conseqüentemente, se findaria a reprodução dos viventes. Eis aí o que Vieira escreveu no *Sermão do Esposo da Mãe de Deus, São José*:

Quando o Sol parou às vozes de Josué, aconteceram no mundo todas aquelas consequências, que, parando o movimento celeste, consideram os Filósofos. As plantas por todo aquele tempo não cresceram; as qualidades dos elementos, e dos mistos não se alteraram; a geração, e corrupção, com que se conserva o mundo, cessou; as artes, e os exercícios humanos de um, e outro Hemisfério estiveram suspensos; os Antípodas não trabalhavam, porque lhes faltava a luz: os de cima cansados de tão comprido dia deixavam o trabalho; estes pasmados de verem o Sol, que se não movia; aqueles também pasmados de esperarem pelo Sol, que não chegava; cuidavam que se acabara para eles a luz; imaginavam que se acabava o mundo: tudo eram lágrimas, tudo assombros, tudo horrores, tudo confusões (VIEIRA, 2015o, p. 180-181).

Partindo do princípio de que os movimentos dos astros evidenciavam a

perfeição e a incorruptibilidade dos atributos divinos e dos elementos suprassensíveis, Vieira manteve o postulado fundamental de que a natureza contém em si mesma a linguagem de Deus e tem ressonância na sociedade. Isso não significa dizer que a relação natureza/sociedade é fundada na lógica determinista. Sobre essa demanda, vale destacar o que disse Pedro Calafate na *História do Futuro*:

Por esta razão, o espaço não é concebido como um receptáculo inerte, tal como o mundo físico não pode ser isolado da vida dos homens, dado que ambos caminham em presença de Deus, para beneficiar da Sua bondade. Nesse sentido, escreveu ainda Beaucamp, a terra forma com seus habitantes uma única realidade, na qual a vida humana se une à respiração do mundo. É por esta razão que um cometa pode ser a Voz de Deus. É também por esta razão que o Padre António Vieira, que esteve longe de passar ao lado do discurso científico da modernidade, teve necessidades de se afastar tanto das credices astrológicas que submetiam a liberdade humana à fatalidade da conjugação dos astros, como dos discursos estritamente científicos que objetivavam a causalidade física, silenciando a intervenção divina (VIEIRA, 2015c, p. 44).

Para Vieira, testemunhar a passagem de um cometa, implicava em ter que lidar com a oportunidade de discernir os anúncios sacramentais que estavam ocultos e, ao mesmo tempo revelados. A trama social, no exato momento do seu acontecer, desvelaria o enigma sinalizado pelo cometa. Na *Voz de Deus ao mundo, a Portugal e à Bahia*, Vieira fala do instante do acontecido que decifra o comunicado astral, nesse caso, não é o movimento do astro que determina inexoravelmente o movimento social, o movimento só antecipa-o:

Quando se ouviu em Jerusalém a voz do Céu, com que o Eterno Padre respondeu a uma oração pública que Cristo Senhor nosso Lhe fizera em presença de muito povo, refere o Evangelista São João que, sendo aquela voz clara e inteligivelmente articulada, o vulgo, que a ouvira, dizia que fora um trovão: *Turba ergo, quae stabat, et audierat, dicebat tonitrun esse factum*. Assim <erra> na interpretação dos cometas, não só o vulgo, mas os que se prezam de o não ser: chamam-lhes efeitos das causas segundas, e verdadeiramente são vozes da Primeira Causa (VIEIRA, 2015c, p. 584).

Não há dúvidas de que o Curso Filosófico Jesuíta dos *Conimbricenses* foi importante para a formulação da cosmologia vieirina, que utilizou categorias aristotélica-escolásticas para demonstrar que os cometas, diferentemente dos elementos terrestres, como já citada acima, são governados por anjos, ou seja, a figura dos anjos pode ser uma representação da instância transcendente e da pureza ontológica. É importante salientar que a admissão de que há uma intervenção divina nos planetas demarca uma clara ruptura com alguns aspectos da

hermenêutica naturalista de fundo aristotélico. Por outro lado, Vieira lança mão de outras filosofias para desenvolver suas próprias premissas e elencar outras qualidades nos cometas que evidenciam a presença divina no cosmo: a regularidade dos seus movimentos; uma causa ordenadora; e a competência para a reunião, ajustamento, condensação e conservação:

Esta sentença diz Tanero que é digníssima de todo o filósofo cristão, e como tal a seguem Oviedo e Arriaga, todos três insignes filósofos deste século; e antes e depois deles muitos matemáticos de grande nome, os quais coerentemente acrescentam que os cometas nos seus cursos são governados por anjos; com que fica tirada a dificuldade até agora invencível do movimento irregular dos cometas, e desfeita juntamente na escola de Aristóteles a opinião da matéria e modo com que diz são formados; não sendo fácil de crer, nem de entender que os vapores da terra e exalações do mar, subindo de tão diversos lugares de um e outro elemento, sem causa superior que os disponha e ordene, eles naturalmente e por si mesmos se ajuntem e se ajustem entre si, e se condensem e ascendam em tal lugar e em tal composição, e em tal figura, e que esta a conservem, ou variem com tal uniformidade, como se vê nos cometas (VIEIRA, 2015c, p. 586).

O Padre Antônio Vieira fez menção de um cometa que foi observado em 1618 e julgou que essa experiência havia sido um sinal divino: “Finalmente, depois que os profetas cessaram, começou Deus a falar pelos cometas, que é a linguagem universal de maior majestade e horror de que usa extraordinariamente a Seus tempos, e em casos graves, como se não pode duvidar seja o presente” (2015c, p. 585-586). Esse cometa havia sido prognosticado por um sapateiro chamado Gonçalo Bandarra (1500-1556)¹⁷. Vieira foi um dos proponentes das ideias bandarritas, essa adesão gerou um dos motivos pelos quais ele sofreu os processos implementados pelo Tribunal da Santa Inquisição. Segundo Bandarra, cujas teses foram adotadas pelos adeptos do sebastianismo¹⁸ e da restauração de Portugal, o

¹⁷ Gonçalo Annes nasceu em 1500 em uma vila chamada Trancoso, na região da Beira. Conforme Jacqueline Hermann: “Lipiner menciona ainda a circulação de exemplares manuscritos das Trovas de Bandarra na Bahia, desde 1591. Levados por cristãos-novos fugidos de Portugal, foram localizados pela primeira visitação do Santo Ofício [...]. Claro que não temos como afirmar se Vieira tomou contato com as Trovas de Bandarra ainda na Bahia, mas não parece impossível supor que sim, até mesmo pela referência ao sapateiro de Trancoso como profeta da Restaurac o, feita logo depois que voltou a Lisboa, em 1641. Sua familiaridade com os versos de Bandarra sugere uma razoável convivência com suas trovas, e, ainda, uma assimilac o completa de ideias de tipo messiânico, de fundo judaico, que reapareceriam de forma bastante elaborada em seus célebres trabalhos sobre Quinto Império e na *História do Futuro*” (1998c, p. 227).

¹⁸ O sebastianismo foi uma crença fundada na expectativa de que o rei D. Sebastião haveria de retornar para libertar Portugal do domínio da Espanha. Em 1580, sem herdeiros, Portugal foi incorporado ao domínio Espanhol dando origem   União Ibérica. Segundo Jacqueline Hermann: “O fim do século XVI em Portugal foi marcado pela maior adversidade que um reino que fora cabeça de um verdadeiro poder ia enfrentar: em 1580, sem herdeiro direto para o trono, a Coroa portuguesa e todos os seus domínios foram anexados e submetidos ao rei da Espanha. Contrariando as

cometa de 1618 anunciaria o prelúdio da emancipação de Portugal da Espanha. Na obra *Autos do Processo de Vieira na Inquisição*, Vieira ressaltou a profecia de Bandarra:

No ano de 618 apareceu em todo o mundo o último e famosíssimo cometa que viu a nossa idade. A figura era de uma perfeítíssima palma, a cor acesa, a grandeza como da sexta parte de todo o hemisfério, o sítio no Oriente, o curso sempre diante do Sol, a duração por quase dois meses. Eu o vi na Baía, e Vossa Senhoria o devia ver; e de então para cá não houve outro cometa, ao menos notável; fala dele Causino no seu livro *De regno et domo Dei* fl. 314/ em três partes, atribuindo-lhe os efeitos principalmente em Espanha. Deste cometa que, por antonomásia, foi o cometa desta idade, entendo que fala Bandarra, pois foi o cometa do século das suas profecias (2015a, p. 102).

Devemos mencionar que a Igreja condenava a prática da astrologia judiciária¹⁹, pois de conformidade com sua doutrina, o futuro dos indivíduos pertencia somente a Deus, assim sendo, Vieira divergia da visão de mundo inscrita a partir da astrologia judiciária. Na *História do Futuro*, fica evidente o seu posicionamento:

Não se chama este juízo astronómico, porque não é nosso intento examinar ou definir a natureza, a matéria, o nascimento, o lugar, as distâncias, os aspetos, os movimentos, nem algumas das outras circunstâncias em que curiosamente se empregam as observações da Astronomia, e muito menos a duração e o caso deste prodigioso meteoro, pois ainda estão pendentes. Também se não chama astrológico este juízo, porque reputando nós com os mais sábios e prudentes professores da mesma arte quão inútil, infrutuosa e vã seja aquela parte da Astrologia que, com o nome de judiciária, costuma entreter os discursos e enganar as esperanças ou fantasias dos homens, não só seria crime contra a Providência do Altíssimo, mas desprezo de seus avisos tão manifestos, diverti-los a considerações ociosas, em que se confundam e percam os efeitos próprios, e saudáveis, que deve e pode produzir em nós uma causa tão notável e tão notória (VIEIRA, 2015c, p. 583).

promissoras expectativas do início dos quinhentos, quando Portugal liderava os descobrimentos e as conquistas no ultramar, o fim do século português foi antecipado pela trágica aventura do rei d. Sebastião no Marrocos: derrotados na batalha de Alcácer Quibir, em 1578, os portugueses perderam o rei e a soberania para os castelhanos, dando início ao período da chamada União Ibérica” (HERMANN, 2000, p. 13-14).

¹⁹ Segundo Helena Avelar, no artigo cujo título é *Vícios e virtudes na teoria e na prática astrológica medieval: exemplos portugueses da dinastia de Avis (século XV)*, no período medieval a Astrologia tinha quatro vertentes dominantes: a Natal (para esquadrihar a vida dos indivíduos), a Mundana (para estabelecer as condições políticas e econômicas, bem como climáticas), a Interrogações (para fornecer respostas diretas mediante a consulta do mapa astrológico) e a Eleições (para escolher circunstâncias favoráveis para a efetivação de algumas atividades). A Igreja optava pela Astrologia Natural pelo fato de estabelecer uma dialética com a Mundana, especialmente por sua fisionomia meteorológica, e com as Eleições, por considerar a vontade de Deus. A Astrologia Judiciária, que aglutinava a Natal, e a Interrogações, que desprezava o livre arbítrio, sofriam forte resistência da Igreja. Pedro Calafate diz que: “Quanto ao texto de Vieira, situa-se no plano da transcausalidade finalista, tanto do lado da crítica às credices fatalistas da astrologia judiciária, tidas por “fantasias dos homens” tendentes a “enganar a esperança contra a providência do Altíssimo”, como da crítica à suficiência orgulhosa do discurso científico, que via como manifestação de “dureza e incredulidade”” (In: VIEIRA, 2015, p. 46).

Mesmo Vieira concebendo os cometas como manifestações dos comunicados divinos, perspectiva questionada pelos proponentes da Revolução Científica²⁰ que, dentre seus novos postulados²¹, definiam a natureza como uma instância mecânica, ele se posicionou epistemologicamente. Feitas essas ponderações concernentes ao entendimento vieiriano acerca da filosofia da natureza, deveremos ampliar a transposição conceitual e prática dessa análise naturalista-metafísica para a dimensão sócio-políticas. Essa hermenêutica do Ser divino e sua relação analógica com suas criaturas revela uma premissa de fundo que tem ressonância na sociedade, figuradamente concebida como um organismo. Devemos considerar que Portugal estava passando por convulsões políticas e sociais, o que favoreceu as condições para a instauração das esperanças messiânicas e a consolidação das utopias.

3.3 ARRANJO DOS SERES NA ORDEM SÓCIO-POLÍTICA

Na verdade, a força argumentativa do pensamento vieiriano revela uma dialética onde converge a combinação entre o sobrenatural com o natural. Além de demonstrar, como foi exposto na seção anterior, que os sinais do sagrado podem se manifestar na natureza. No *Sermão Discurso Apologético*, Vieira continua expondo a relação do fenômeno da Estrela Nova à Restauração de Portugal²² e ao nascimento

²⁰ Os filósofos modernos fizeram um esforço para resgatar e preservar as ideias cosmológicas de Copérnico (1473-1543), Galileu (1564-1642), Tycho Brahe (1546-1601), Kepler (1571-1630), entre outros. Podemos destacar nesse bojo: Francis Bacon (1561-1626), que publicou o *Novum Organum* (1620), onde estabeleceu uma crítica contundente à filosofia natural aristotélica. Na obra *Avanço do Aprendizado* (1605), Bacon analisa e pontua as fragilidades das proposições dos escolásticos medievais. Thomas Hobbes (1588-1679), também se colocou em uma posição crítica contra a filosofia natural de Aristóteles. John Locke (1632-1704), em seu *Ensaio sobre a Compreensão Humana* (1690), se opõe aos escolásticos. Isaac Newton (1642-1727), em *Princípios Matemáticos da Filosofia Natural* (1687), anuncia a teoria da gravitação universal que se efetua em um espaço infinito. Nesse sentido, o Cosmos de Aristóteles, foi profundamente abalado. Portanto, esses novos horizontes epistemológicos ensejaram a Revolução Científica que, por sua vez, substituiu, resguardada as devidas proporções, o mundo aristotélico pelo newtoniano. Assim sendo, o século XVII forjou o que chamamos de “ciência experimental”.

²¹ Na Europa Ocidental, ao longo dos séculos XVI e XVII, a filosofia natural sofreu fortes abalos. As invenções do microscópio e do telescópio sacudiram o horizonte da filosofia natural aristotélica e colocou a doutrina da incorruptibilidade celestial em descrédito. R. Hooykaas, analisando a concepção mecanicista do mundo, diz: “Ao contrário, talvez, do que seria de se esperar, uma visão acentuadamente bíblica do mundo favoreceu, desde o século XVI, o desenvolvimento da ciência moderna da sua correspondente concepção do mundo. O modelo do mundo como um organismo foi substituído pelo do mundo como um mecanismo; todo o desenvolvimento de Copérnico e Newton pode ser apropriadamente denominado de mecanização da concepção do mundo” (1988, p. 32).

²² Com a crise de sucessão ao trono, em razão da morte do rei D. Sebastião, Portugal passou para o domínio da Espanha e foi governado por Filipe II, que passaria a ser intitulado de Filipe I de Portugal.

do rei D. João IV, confirmando, assim, a convergência de um pensamento naturalista-metafísico para a consolidação de uma filosofia sócio-política:

E significava mais alguma coisa a mesma Estrela nova? Duas coisas, e duas novidades as maiores que nunca viu, e há muitos anos espera ver o mundo. A primeira, que na Cristandade se levantaria uma nova Monarquia, que dominaria, e seria senhora de todo o universo. A segunda, que esta Monarquia, e o seu Monarca seria o que destruisse, e extinguisse a Seita, e Império Maometano. Assim o diz expressamente o já alegado Keplero, Matemático famoso deste século, que com a mesma Estrela diante dos olhos observando todos os movimentos seus, e dos outros astros, compôs dela um eruditíssimo Livro, no qual descendo à declaração, e juízo de seus efeitos, ou influídos, ou significados, primeiro é este: *novan ex hoc tempore Rempublicam adolescere, cujus Imperio generali regna hadie valde tumultuantia subigantur olim: ut ita mundus nimium inquietus, et ferox aliquandiu sub hujus Monarchae tutela conquiescat*. Quer dizer: que desde o ano de seiscentos e quatro, em que aquela Estrela apareceu no Céu, começava a nascer, e se levantar na terra “uma nova República, a qual crescendo com a idade viria a formar a seu tempo um Império universal, debaixo de cuja obediência todos os Reinos do mundo, que ao presente tumultuavam ferozmente em guerras, deporiam as armas, e ele seria o jugo que os amansasse, e o freio que os contivesse em paz (VIEIRA, 2015h, p. 285).

As realidades transmundana e intramundana formam um elo, reforçando a compreensão vieiriana de uma analogia que passa pelos movimentos da natureza e da sociedade²³. Essa substância fundamenta a lógica de um princípio organizador

A dinastia Filipina durou setenta anos. A Restauração de Portugal foi marcada por violentas batalhas com a Espanha. Esses conflitos se entenderam entre os anos de 1640 e 1668. A Dinastia Filipina sofrera um golpe de Estado, o que desembocou no início dos conflitos em 1640. Na tentativa de atenuar os conflitos, Carlos II da Espanha e Afonso VI de Portugal, estabeleceram um acordo denominado de Tratado de Lisboa. Assim sendo, Portugal teve sua independência reconhecida pela Espanha. O pensamento de Antonio Vieira foi desenvolvido a partir do contexto de pré e pós restauração de Portugal. Seus prognósticos universais estão condicionados também às condições históricas. O Estado português buscava se consolidar como uma potência mercantil mundial. Para alcançar esse propósito, político e expansionista, as estratégias logísticas de dominação e colonização foram sendo articuladas por meio de várias expedições particulares. Com a transferência do poder para os reis, as ordens religiosas passaram a fazer parte do projeto de reconstituição do Estado português, especialmente a Companhia de Jesus, no século XVI, o que acentuou uma fisionomia missional aos processos de colonização e dominação, acentuando o conceito metafísico de economia natural, ou seja, o âmbito natural carrega consigo o tempo e o estado do mundo. Podemos então depreender que, em Vieira, existe uma relação entre as realidades celestes e os acontecimentos terrestres. Para uma abordagem abrangente e compreensiva do tema, recomendamos ao leitor à obra de Rafael Valladares (2006).

²³ Se retrocedermos um pouco ao século XIII, verificaremos que a tradição tomista já se posicionava de forma favorável à correspondência essencial entre corpo de Cristo e corpo místico, embora, João de Salisbury, em seu *Politicarius* (1159), tenha sido o primeiro teórico a utilizar comparações do Estado como um organismo. Aquino pensou na igreja enquanto realidade que não poderia ser abstraída do tecido social. Sua ideia de integração entre o corpo e a alma aglutinava a multiplicidade e o potencial. A alma, que sempre será o princípio superior, era posta em funcionamento pela relação ordenada dos membros do corpo. O corpo humano era concebido como consubstanciado pela unidade, pela pluralidade e diversidade das partes. Para uma análise mais detalhada desse tema, ver: KANTOROWICZ, Ernst H. *Os dois corpos do rei: um estudo sobre teologia política medieval*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 129. Podemos acrescentar que Aquino utiliza figuras de linguagens tais como “cabeça” e “corpo”: a primeira dá ênfase às instâncias

e estruturador da ordem política, revelando sentidos ontológicos que também são imanentes e captáveis na temporalidade. Em linhas gerais, Vieira contribuiu para abranger alguns princípios que vinham sendo pautados pelos teóricos da segunda escolástica²⁴. Sob esse aspecto, é importante observar o que Alcir Pécora anotou em *Teatro do Sacramento*:

Grande parte da argumentação do Padre Vieira a propósito dessa finalidade associativa do Sacramento, já se vê, assenta-se nas bases da *via antiqua* do tomismo revisitada pelos teólogos dominicanos e, principalmente,

superiores e a segunda indica posições inferiores e subalternas. Portanto, nos séculos XVI e XVII, os jurisperitos católicos aplicaram a concepção de corpo místico para a ordem civil e pública, especialmente em razão dos avanços das doutrinas de Lutero e de Maquiavel, conforme veremos abaixo.

²⁴ No século XVII, a Europa Ocidental foi impactada pelo pensamento neoescolástico que, em boa medida, influenciou o pensamento de Vieira. O Padre teria entrado em contato com as ideias de Aristóteles no Colégio da Baía através dos comentários desenvolvidos no Colégio de Artes de Coimbra. Em 1592, uma junta de professores de filosofia do Colégio das Artes de Coimbra publicou os *Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesu*, os Conimbricenses. Eram comentários expositivos da filosofia de Aristóteles que serviam como direcionamento teórico e metodológico nos colégios da Companhia de Jesus da Europa e de todas as suas escolas espalhadas pelo mundo. Os filólogos humanistas contribuíram para a reedição dos textos, porém, os escolásticos foram os principais interpretes desses manuais. Segundo Serafim Leite: “o *Cursus Conimbricenses* era o livro de fundo no Colégio da Baía” (LEITE, 1948, p. 134). Ainda sobre os Conimbricenses, é importante ressaltar o que disse Mário Santiago Carvalho: “A historiografia filosófica cunhou a designação genérica «Conimbricenses» ou «Curso Conimbricense» para se referir a um conjunto de oito títulos de comentários à filosofia de Aristóteles, saídos dos prelos de Coimbra e de Lisboa entre os anos de 1592 e 1606. . Eles foram encabeçados pela rubrica geral *Comentários a Aristóteles do Colégio Jesuíta Conimbricense* (doravante abreviados: CACJC). A tradição que acabou por divulgar essa designação é já patente v.g. em Francisco Soares Lusitano, cujo Curso de Filosofia (1651) alude bastantes vezes aos, por ele chamados, «Padres Conimbricenses», o mesmo sucedendo no Curso de António Cordeiro (1677; 1714). Seja como for, apesar de se ter rapidamente imposto – conhecemos, v.g. testemunho escrito das Universidade de Groningen e Estrasburgo, entre os séculos XVII e XVIII –, ao ponto de ainda hoje ser assim vulgarmente aceite nas Histórias da Filosofia, por ser de natureza topológica e geográfica, a mera designação «Curso Conimbricense» deve passar a ser usada com alguma cautela. (...). Concebidos para os estudos de filosofia nos vários e muitos colégios da Companhia de Jesus, literalmente desde do Atlântico aos Urais, e depois à China e ao Brasil (e aqui ou ali à restante América Latina), as mais de três mil páginas que compõem os CACJC pretendiam comentar, obviamente, a obra e o pensamento de Aristóteles” (CARVALHO, 2018, p. 7-8). Nessa direção, a neoescolástica está enraizada na ideia naturalista da sociedade. A República é concebida como um “Corpo Místico”. Assim sendo, a volição popular deveria coexistir fortalecendo a unidade geral no vínculo de sujeição. Unidade e sujeição passaram a ser fios condutores do ajuste essencial do Estado. A correspondência entre as leis; ordinária, eterna e natural, ativam a potência absoluta de Deus. Esse empreendimento é o que conduzirá a república a gozar da felicidade. A neoescolástica contribuiu significativamente para a doutrina da comunidade jurídica internacional que, dentre outras coisas, ressaltava a ideia de uma comunidade universal cujo fundamento era o direito natural. A partir deste, se desdobrava a sociabilidade e a unidade do gênero humano em escala universal. Diferente das estruturas mentais do período medieval, que compreendia a comunidade mundial sob a representação da cristandade, os neoescolásticos entendiam a comunidade universal a partir da lógica secularizada sem abrir mão de uma metafísica. As questões de natureza prática, para além das disputas teóricas, estavam na ordem do dia. Suas premissas fundamentais tinham que dar conta de temas ligados às pautas políticas, religiosas, jurídicas e educacionais. Dessa labuta, surgiram novas releituras que deram uma nova fisionomia para temas tradicionais já pontuados acima. Para uma melhor compressão dessa temática: SARANYANA, Josep-Ignasi. *A Filosofia Medieval: das origens patrísticas à escolástica barroca*. Tradução de Fernando Salles. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência ‘Raimundo Lúlio’ (Ramon Llull), 2006.

jesuítas que conduziram a inteligência da Igreja durante o período contra-reformista dos séculos XVI e XVII. A conciliação dos seres criados em torno de sua participação análoga na lei da natureza e na sua Causa Primeira tem, aqui, a sua formulação diretamente pensada no plano histórico-político como sendo constitutiva de um “corpo místico” a que o Estado cristão deve a legitimidade de sua existência (PÉCORA, 2008, p. 189).

Para Vieira, o Estado não é laico²⁵ e se reveste de uma tarefa sacramental. Assim, o Estado cumprirá a sua missão histórica de conformidade com a Providência e interação do Ser. O rei, a cabeça do corpo político, deve orientar o reino para a consolidação da harmonia e a manutenção da ordem²⁶. Assim sendo, o poder deve ser exercido mediante o pacto de sujeição que estabelece a regra de que o rei não é livre para mandar. Nessa direção, o exercício político centra-se na cooperação recíproca entre o Ser divino e os sujeitos humanos, visando a realização do bem comum da sociedade.

A argumentação do Padre Antônio Vieira estabelece uma relação com a doutrina suareziana do poder²⁷. Nessa perspectiva, os neotomistas combateram as

²⁵ Os séculos XVI e XVII foram marcados por disputas sobre o papel do poder político. Os conflitos entre os direitos consuetudinários e civis delinearão um novo horizonte de expectativa redimensionado pela instauração gradativa dos Estados Modernos. No campo religioso, a Reforma Protestante concebia a figura do Rei como sujeito ungido por Deus, assim sendo, os reis dos novos Estados Protestantes não dependeriam da legitimação do Papa e da sociedade para exercerem o poder civil. Nesse quadro, se configurou a tese do direito divino dos reis.

²⁶ Em relação aos súditos, suas faculdades (memória, vontade e intelecto), deveriam permanecer integradas às teias do corpo social. Essa condição os manteria em vínculo de submissão e subordinação à hierarquia corporativa visando o bem do Estado. O Estado assumia a prerrogativa de manter a unidade e a paz comum a todos. Os súditos, a despeito de possuírem capacidade racional e volitiva para a compressão da natureza e da lei natural, não deveriam murmurar, tampouco extrapolar os limites das leis positivas que são reflexos das leis naturais. Como fruto dessa concentração de poder dos reis, o vínculo de submissão e subserviência dos súditos foi preponderante para a manutenção da ordem, a qual refletia, em certa medida, as condições das realidades suprassensíveis também.

²⁷ Nesse tema, vale destacar um nome que foi um referencial para o Padre Antonio Vieira: Francisco Suárez. Nasceu em Granada em 1548. No ano de 1561, entrou na Companhia de Jesus. Foi professor de Teologia em Valladolid, Salamanca e Roma, tornando-se um dos maiores teólogos da contrarreforma. Atuou em Segóvia como professor de Teologia nos anos de 1571 a 1574. Ensinou na Universidade de Coimbra de 1597 a 1616. Depois de ter sido remanejado para a casa da Companhia de Jesus em Lisboa, faleceu em 1617. Dentre as suas obras mais importantes, podemos fazer menção aos tratados *De Legibus ac Deo Legislatore* (1612) e *Defensio Fidei Catholicae et Apostolicae adversus Anglicanae errores* (1613). Suárez defendia a ideia de que todo poder tem sua origem em Deus e transferido à humanidade. As cidades são os espaços onde os sujeitos devem desfrutar da natural sociabilidade. Nesse sentido, Deus deu o poder às cidades e não ao soberano. O termo república é apropriado, no sentido de ordem política, e condiz com o pressuposto de corpo místico político. Depois de Deus transferir o poder às repúblicas, estas facultavam ao soberano submeter aos limites determinados, acordados e pactuados pelas cidades. A ideia fundamental é de que o poder político é uma qualidade da natureza social do ser humano. Na obra *Defesa da fé Católica*, Suárez expõe que a natureza social deve ser regrada por conta de sua determinação natural: “Primero: todas as coisas que pertencem ao direito natural provêm de Deus como autor da natureza. Ora, o principado político pertence ao direito natural. Logo, provêm de Deus como autor da natureza. E assim, esta asserção se fundamenta na precedente, pois, visto que este principado é

premissas do poder e do direito divino do príncipe de governar. Quando Vieira evoca o poder do Império Português, é claro que isso fortaleceria a monarquia o que, à primeira vista, parece ir à contramão do pensamento neoescolástico. No entanto, de acordo com Alcir Pécora: “é que a promessa divina ao príncipe não significa mais que o coroamento da eleição da nação. Por ser a nação “sua”, Cristo concede a direção dela ao valoroso Conde” [Dom Afonso Henriques] (2008, p. 234). Continua ainda Pécora:

E de se notar que, desse ponto de vista, Vieira não se opõe propriamente a Suárez por divinizar o poder de um rei particular, o que, de fato, não é o seu propósito imediato. O que Vieira faz é radicalizar a posição característica dos mesmos neotomistas a respeito da vontade comum unificada do “corpo místico” até o ponto de alto risco em que, ao mesmo tempo, ele adquire máxima analogia com a vontade divina e máxima particularidade enquanto nação: o corpo ordenado do Estado ganha em substância universal cristã (aumenta a sua participação mística no Ser) à medida que segue a sua vocação nacional distinta. A esse Estado único cabe, para Vieira, segundo a escolha divina sacramentada na sucessão dinástica, ser causa segunda eficaz da harmonização entre os movimentos heteróclitos da Terra e os desígnios da divina Lei, ser agente humano da atualização da semelhança entre o mundo criado e sua Causa Primeira (PÉCORA, 2008, p. 235).

Na obra *A Chave dos Profetas*, Vieira ressalta que o exercício do poder político “tem o seu fundamento na vontade humana, ao qual é atribuída a jurisdição ou poder temporal, que a comunidade dos homens entrega aos reis para defender o Estado e conservá-lo em paz e justiça” (2014a, p. 298). No *Sermão da Segunda Oitava da Páscoa*, fica claro que a preservação do pacto de sujeição terá como resultado certo a paz coletiva e individual, mas, o desafio de cada membro na sociedade deve ser o de se sujeitar à ordem política para desfrutar da unidade:

De maneira, que na casa, ou família, que é uma República pequena, e na República, que é uma casa, ou família grande, toda a paz consiste em que o império do que manda, e a sujeição dos que obedecem, ele ordenando, e eles subordinados, estejam concordes. Até aqui a doutrina fundamental de Santo Agostinho, de São Tomás, e de todos os Teólogos (VIEIRA, 2015e, p. 142).

O Padre Antônio Vieira defende o pressuposto da Soberania preliminar do povo e ressalta que este tem que transferir o poder para o rei. Como já foi exposto,

justo e legítimo, não pode senão ser condizente com o direito natural; e, sendo ele necessário à conservação da sociedade humana – a qual a própria natureza humana deseja –, por esta mesma razão ele decorre do direito natural, que exige tal poder. Portanto, assim como Deus, que é autor da natureza, é também autor do direito natural, assim também é autor desse primado e poder. Pois, como afirma o Filósofo, aquele que dá a forma, dá as coisas que dela decorrem” (SUÁREZ, 2015, p. 66-67).

Deus é a Causa Primeira e Última do poder político, nesse sentido, o Ser, que é autor da vida social, também criou as condições de possibilidades e as faculdades para o exercício da vida em sociedade que visam o sumo bem da comunidade. Na *História do Futuro*, a importância dessa transferência do poder político ao príncipe é ratificada:

O sexto e último título do Império de Cristo dizíamos que era por consentimento, aceitação e como eleição de todas as nações do mundo. Este título é o mais jurídico e natural entre os homens, em cujas comunidades, quando querem viver juntos e politicamente, põs Deus, como autor da natureza, o poder e jurisdição suprema de eleger e nomear príncipe: assim o tem a comum sentença de todos os juristas e teólogos, e o alcançaram e ensinaram antes deles, por lume natural, Aristóteles, no Livro 3.º das *Políticas*, e Platão, no *Diálogo de Regno* e nos livros — De *Republica* (VIEIRA, 2015c, p. 485).

Por isso, Vieira entende que o rei não pode gozar de uma autoridade absoluta e ilimitada, e caso isso acontecesse, o exercício do poder poderia desembocar em arbitrariedades. A substância natural do poder político estabelece freios e impõe limites, o que fica evidente no *Sermão da Terceira Domingo Post Epiphaniam*:

Cuidais que o poder tudo consiste em não haver coisa alguma a que se não estenda o vosso poder; e é engano manifesto. O poder tudo consiste em poder algumas coisas, e não poder outras: consiste em poder o lícito, e justo, e em não poder o ilícito, e injusto; e só quem pode, e não pode desta maneira, é todo-poderoso (VIEIRA, 2014e, p. 409).

O rei deve desenvolver a potência do bem, contudo, quando age, nem sempre consegue efetuar-lo. Diante desse impasse, o povo deve se posicionar. No *Sermão da Terceira Quarta-Feira da Quaresma*, há uma passagem que sugere o direito de resistência caso o rei no exercício do poder cultive a prática da transgressão. Também é ressaltado que a vontade do povo, quando fundada em valores justos, não deve sofrer retaliações e a recusa do rei:

O Rei pode tudo o que é justo: para o que for injusto, nenhum poder tem. Esta é a verdadeira, e maior lisonja, que se pode dizer aos Reis; porque é fazê-los poderosos como Deus. Deus é onipotente: e poderá Deus fazer uma injustiça? De nenhum modo. Pois assim devem entender os Reis, que são poderosos. E se os súbditos se persuadirem que o Rei assim o entende, e assim o observa; nem eles desenganados pedirão senão o que for justo, nem o Rei importunado terá ocasiões de dizer Não (VIEIRA, 2015g, p. 261).

O Ser divino é Soberano sobre todas as coisas e o rei deve reconhecer e se submeter a Ele para preservação da ordem social. Como reverberação dessa

reciprocidade, o povo sempre deve contribuir para a estabilidade do rei. Submissão e reconhecimento são elementos fundamentais para o equilíbrio político, porém, Vieira destaca que a graça e não o mérito sempre coordenará a mudanças de conformidade com a vontade do Ser. Recorrendo mais uma vez à obra *Sermão da Primeira Sexta-Feira da Quaresma*, temos uma demonstração dessa premissa:

“Rei dos Reis, e Senhor dos Senhores”; aquele “Eu”, de quem os Reis são mais súbditos, do que os vassallos dos Reis: porque os Reis todos receberam o domínio, e jurisdição da mão, e consenso dos Povos; e se conservam em si, e perpetuam na sua posteridade o mesmo poder, e soberania, é por mercê, e à mercê de Deus, enquanto Ele for servido, e com um aceno da Sua vontade não mandar o contrário (VIEIRA, 2015s, p. 201).

Dessa maneira, para o Padre Antônio Vieira, o “consenso dos Povos” era fundamental para a realização dos propósitos políticos, e embora a sociedade fosse concebida como um grande organismo, isso não implicava na impossibilidade dos indivíduos emitirem suas opiniões e se posicionarem. Vale destacar uma passagem contida no *Sermão Pelo Bom Sucesso de Nossas Armas*:

Menos fora estar empenhado o corpo de Reino, se não levara também nesta ocasião empenhada consigo a Alma, que no juízo dos qua adiantam os olhos ao futuro importa mais que tudo. A Alma dos Reinos principalmente em seus princípios é a opinião. [...] A mais perigosa consequência da guerra, e a que mais se deve recear nas batalhas, é a opinião. Na perda de uma batalha arrisca-se um exército: na perda da opinião arrisca-se um Reino (VIEIRA, 2015h, p. 137).

O bem comum foi concebido como uma representação do bem universal. Nessa direção, politicidade e sociabilidade são valores ontológicas presentes na natureza humana, daí a necessidade de conectar as realidades celeste e natural. Caso essa relação não seja equilibrada, haverá desajustes e desequilíbrios no corpo social. Se recorreremos mais uma vez à *História do Futuro*, verificaremos que um corpo fragilizado gera sofrimentos e intemperanças do mundo:

O mundo, ou se pode considerar como o mundo natural ou como mundo político; e com um e outro fala este cometa, ou a voz de Deus. O que diz ou que significa ao mundo natural são intemperanças do ar, ventos, tempestades, naufrágios, secas, esterilidades, fomes, terremotos, pestes, e todas as outras calamidades mais que ordinárias a que está exposta a nossa mortalidade. Este é o sentimento comum de todos os filósofos e astrólogos, com Ptolomeu e Aristóteles, fundados na experiência, a qual em tantos anos depois deles está muito mais aprovada. O modo destes efeitos explica Keplero com uma semelhança acomodada segundo a opinião comum; porque, assim como os humores nocivos do corpo humano concorrem e se ajuntam em lugar onde algum apostema, assim as exalações sublunares, viscosas, secas, crassas e pingues se ajuntam na parte onde se acende o cometa; e daquele grande apostema saem os

influxos de que se causam estes perniciosos efeitos (VIEIRA, 2015c, p. 588).

A despeito dos riscos promovidos pelas improbidades humanas e do potencial que suas consequências têm para fragmentar, dualizar e polarizar a sociedade, Antônio Vieira menciona no *Sermão dos Bons Anos*, que as energias opostas serão superadas em Cristo (Planeta) e o cosmo desfrutará de uma interação sublime (Céu-Terra): “Nem desfaz esta verdade a representação do sanguinolento, com que parece nos atemorizava Cristo nos efeitos da Circuncisão; porque aquele belo Infante não é Cometa, é Planeta; não é terra subida ao Céu, é Céu descido à terra” (2015h, p. 98). No entanto, é preciso dizer, de maneira inequívoca, que para Vieira, somente no Quinto Império o processo de convergência se converterá em plena unidade cosmológica.

Na obra *Sermão de Santo António*, Vieira utiliza o clássico texto de Mateus capítulo 5 para expor sua compreensão do significado do sal. A origem, a natureza e a composição do sal resultam da união de três elementos fundamentais: água, fogo e ar. A partir da análise dos três elementos que compõem o sal da terra, Vieira formulou a doutrina dos três Estados de uma República: o eclesiástico (o fogo), a nobreza (o ar) e o povo (água). Para que uma República desfrute da paz e da concórdia, ela deve se empenhar em preservar a união dos três estados. Essas representações sociais tinham a missão de promover a unidade:

A mesma formação do sal nos porá em prática esta doutrina. Aristóteles, e Plínio reconhecem na composição do sal o elemento da água, e do fogo [...]. A matéria, ou natureza do sal são três elementos transformados, os quais tendo sido fogo, ar, e água, se uniram em uma diferente espécie, e se converteram em sal. Grande exemplo de doutrina! Assim como o sal é uma junta de três elementos, fogo, ar, e água; assim a República é uma união de três estados, Eclesiástico, Nobreza, e Povo (VIEIRA, 2015n, p. 108).

Na obra *Padre Antônio Vieira: retórica e utopia*, Valmir Francisco Muraro observa que os três estados dependiam do sal: elemento vital para a conservação e preservação dos valores que são adequados à natureza humana e para a manutenção do equilíbrio político. O sal contém as propriedades essenciais para que os sujeitos humanos desempenhem a missão redentora e sacral do mundo:

Nas propriedades do sal definidas por Aristóteles, Plínio e São Cromácio – compostas por fogo, ar e água –, Vieira encontrou os elementos para exemplificar a transformação que deveria ocorrer nos três estados existentes na sociedade lusitana da época. O sal, para cumprir sua função de salgar, atuava como um único elemento. Diante das circunstâncias políticas vivenciadas pela Nação Lusitana, os três estados, como o sal,

deveriam contribuir igualmente para desempenhar a missão divina de conservar o conquistado (MURARO, 2003, p. 110).

Nas dinâmicas desse processo, Vieira continua refletindo sobre a necessidade dos súditos valorizarem e conservarem o Reino, mesmo que para tal empreendimento seja necessária a abdicação de interesses particulares em prol da conexão com o Todo. Nesse trajeto, cada ser ocupará e desfrutará do bem-estar advindo da ocupação do seu lugar natural, ou seja, a sociedade deve caminhar para a sua absorção ao mistério da unidade. Ainda no *Sermão de Santo António*, Vieira destaca que o estado eclesiástico precisava desenvolver uma atitude serviçal; a nobreza tinha que abrir mão dos suas regalias e o povo tinha que ter oportunidade e não deveria ser explorado:

Da maneira pois que aqueles três elementos naturais deixam de ser o que eram, para se converterem em uma espécie conservadora das coisas: *Ex eo, quod fuit, in alteram speciem commutatur*; assim estes três elementos políticos não de deixar de ser o que são, para se reduzirem unidos a um estado, que mais convenha à conservação do Reino. O estado Eclesiástico deixe de ser o que é por imunidade, e anime-se a assistir com o que não deve. O estado da Nobreza deixe de ser o que é por privilégios, e alente-se a concorrer com o que não usa. O estado do Povo deixe de ser o que é por possibilidade, e esforce-se a contribuir com o que pode: e desta maneira deixando cada um de ser o que foi, alcançarão todos juntos a ser o que devem; sendo esta concorde união dos três elementos eficaz conservadora do quarto. *Vos estis sal terrae* (VIEIRA, 2015n, p. 109).

As expressões: “deixam de ser” e “concorde união”, utilizadas para os três estados demonstram que o “não ser” não existe; por outro lado, as palavras: “anime-se”, “alente-se” e “esforce-se”, revelam que, para além da matéria e das formas (a finalidade dos movimentos naturais), o ser humano tem volição. Já a natureza, não é impelida pelo imperativo do dever. Os corpos naturais são animados por um princípio inerente. Logo, o dever ser é a instância de possibilidade do sujeito humano se mover e esse movimento não pode ser automático, ou seja, para Vieira, não haverá uma mudança qualitativa de um estado para o outro caso a mobilização seja meramente mecânica.

Os estados continuarão ocupando seus espaços nas suas respectivas ordens e o movimento contribuirá para o aperfeiçoamento social. É a potência que impulsiona o movimento e o insere entre o ser e o não-ser até a efetivação do Quinto Império, que será o Estado Pleno onde a superação definitiva de todas as contradições serão certas.

O Quinto Império erradicará todo descompasso que, em certa medida,

inviabiliza os seres de corresponderem às determinações das leis divinas, naturais e positivas. Até lá, o movimento das ordens sociais e naturais deve ser impulsionado por mola propulsora interior e cada pulsão deve carregar consigo a mudança inerente à sua forma substancial. Existe uma inteligibilidade no movimento que o direciona para o seu lugar e repouso natural. Na obra *Sermão da Primeira Oitava da Páscoa*, Vieira deixa claro que qualquer tentativa de violação do lugar natural acarretaria em disfunções e distorções sem precedentes para a sociedade:

Ouvi a sentença de um Gentio fundado só na razão natural, e experiência, sem nenhum principio de Fé, que a nós nos devia levantar mais da terra. *Aurum irrepertum, et sic melius situm cum terra celat*: “o ouro” (diz Horácio) “é melhor não se achar, nem se descobrir, que achar-se”: *Aurum irrepertum*. E porquê? Porque enquanto a terra o esconde, e encobre: *Cum terra celat*, está ele no sítio, e lugar, que lhe deu a natureza, que é o melhor: *Et melius situm*. Excelente razão. As coisas naturais, enquanto estão no seu próprio lugar, em que as situou a natureza, nenhum dano fazem; tiradas dele, são muito danosas. A água no seu centro não pesa; o fogo na sua esfera não queima; a terra, se sobe ao ar, faz raios; o ar, se se mete debaixo da terra, faz terremotos, derruba casas, e cidades: assim também o ouro, e prata das minas. Enquanto estão escondidas lá no centro da terra, onde as pôs a natureza, conservam-se inocentes, e não fazem mal a ninguém; más se se cavam, e se tiram fora, então são muito perniciosas, e fazem grandes estragos (VIEIRA, 2015y, p. 124).

Como já dito, o pecado original introduziu no cosmo distorções e inviabilizou o processo de emancipação da criatura e da criação. Mesmo que o ser humano incorpore a lei eterna mediante a obediência às leis naturais, isso só irá garantir a sua participação nos mistérios de Deus. Assim, a luz natural mesmo sendo imanente na alma e fruto da graça divina, a humanidade terá que ser ontologicamente transformada. O pecado original foi o elemento vital que gerou a desordem e o caos. Esse drama repercutiu na vida espiritual, moral, social e somática do ser humano, lhe inclinando para reproduzir valores éticos incompatíveis com a boa ordem natural das coisas.

Uma consequência dessa incompatibilidade foi a opção do indivíduo para a inclinação dos apetites em detrimento da redenção e do repouso. Na obra *Sermão da Domingo Décima Sexta Post Pentecosten*, Vieira denuncia a ambiguidade que atravessa a essência do ser humano e o projeta para os impulsos e não para a razão: “Todo homem neste mundo deseja melhorar de lugar. E nenhum se acha em tal posto, por levantado, e acomodado que seja, que não procure subir a outro melhor. É próprio esta inclinação da natureza racional, como se fora razão, e não apetite” (2015p, p. 273).

Portanto, o poder político deve ser um meio de equilibrar a inclinação que o indivíduo tem para a manutenção da violência. Só existe um centro que não é impelido por inclinações de sorte alguma: a terra. Nessa direção, a paz política só será experimentada quando cada sujeito humano, em suas respectivas ordens na cadeia hierárquica dos entes, atuar no centro e resistir às inclinações. No *Sermão da Primeira Oitava da Páscoa*, Vieira articula geocentrismo, ética e filosofia política:

Todas as coisas deste mundo têm a sua inclinação natural: só uma há, que não tem inclinação: e qual é? O centro. Todas as partes do universo propendem, carregam, e inclinam para o centro; só o centro, que está no meio de todas, não inclina para parte alguma. E por que razão? Porque se o centro se inclinasse a uma, ou outra parte, no mesmo ponto se arruinaria a máquina do mundo: *Fundasti terram super stabilitatem suam, non inclinabitur in seaculum saeculi* [SI 103, 5]. Fundou Deus a terra (diz o Profeta) sobre a sua própria estabilidade, a qual nunca se inclinou, nem inclinará jamais. E que o fundamento da terra é este tão estável, e firme, que nem se inclina, nem se há de inclinar? Não há dúvida que é o centro: *Super stabilitatem suam, videlicet supra centrum ipsius, quoniam omnes partes terrae naturaliter tendunt in centrum*, comenta com Aristóteles Dionísio Cartusiano. De maneira, que todas as partes do universo se inclinam ao centro, e o centro a nenhuma delas se inclina, porque está no meio: *In médio* (VIEIRA, 2015f, p. 148).

Em grande medida, podemos ressaltar que o pensamento político de Vieira comporta as premissas cruciais para a manutenção da ordem e da unidade do Estado, porém, é preciso acrescentar que o pecado original introduziu barreiras que inviabilizou o cumprimento pleno do exercício político. Há um empecilho essencial impedindo o acabamento de um Estado ontologicamente puro. A concepção de que havia lampejos do sagrado, imanentes na pátria, atestava a crença de que o Ser estava direcionando e conduzindo a história da política conforme o decreto da sua Providência. O plano será cumprido com a chegada do Quinto Império onde o poder político será plenamente restaurado. Sob esse aspecto, é importante o que Alcir Pécora disse em *Teatro do Sacramento*:

Ou seja, a missão providencial da política está formulada, a rigor, na própria definição de Estado cristão, mas a política que ele efetivamente prática não encontra ainda uma correspondência satisfatória: ela é incapaz de compreender-se a si mesma, segundo pensa Vieira, como instrumento de atualização da presença divina na história. Assim, a concepção vieiriana de um Estado em que comungam Deus e os homens, unidos apertadamente em uma só vontade, remete a uma potencialidade da história, e, mais do que isso, a uma sua inevitável realidade futura (O “V Império”), que não tarda, mas não a uma irrestrita adoção do presente que se mostra nela. No limite, se se quiser acentuar a sua inevitabilidade, é possível pensar esse Estado como uma *latência do futuro* no presente, mas com o cuidado de não imaginá-lo como uma floração de pura imanência – o presente apenas sinaliza-o; como as espécies da hóstia consagrada o podem fazer quando

assinalam a transcendência que não é obviamente decorrência delas (PÉCORA, 2008, p.125-126).

Diante dessas considerações, é possível destacar que a paz e a felicidade só poderão ser desfrutadas pela sociedade caso o desequilíbrio seja suplantado. Também ficou evidente que a convergência das realidades sensíveis e suprassensíveis por si só é insuficiente para promover a ascensão e a renovação cosmológica. No próximo capítulo, apresentaremos as ideias vierianas sobre as dinâmicas que oferecerão a eclosão fenomênica da efetivação do Quinto Império e ressaltaremos o seu acontecimento como o elemento que restituirá à plena unidade de todas as ordens atemporais e temporais.

4 A INSTAURAÇÃO DO QUINTO IMPÉRIO

O pensamento utópico do Padre Antônio Vieira foi robustecido a partir de diversos programas hermenêuticos e exegéticos que revelam expectativas históricas e filosóficas surpreendentes e complexas. Haveremos de analisar a fundamentação e a formulação do seu conceito de Quinto Império, considerando sua evolução que se articula com o ideário de regeneração do cosmo, fomentando e alimentando o devir. Portanto, o Quinto Império será uma solução para o latente conflito e desordem que desequilibra o mundo pós-pecado original. Porém, a ordem quinto imperial mediará o processo de convergência para a inserção na unidade plena, fruto da transformação planetária.

4.1 OS DADOS TIPOLÓGICOS E ALEGÓRICOS DO CONCEITO DE QUINTO IMPÉRIO

Na *História do Futuro*, Vieira utiliza o Livro de Daniel²⁸ como uma das fontes para construir o seu conceito de Quinto Império. Daniel narra o sonho de Nabucodonosor e interpreta os mistérios da estátua (Daniel, 2, 27-45)²⁹. A cabeça da estátua era de ouro, o peito e os braços eram de prata, o ventre até a altura dos joelhos era de bronze, os pés era uma mescla de ferro e barro. De forma surpreendente, uma pedra vinda de um monte se chocava com os pés da estátua e a derrubava. Assim diz Vieira:

“Começaste a cuidar, ó rei, deitado no teu leito”, diz Daniel, “o que havia de suceder depois do tempo presente, e o Deus que só pode revelar os mistérios e segredos ocultos te mostrou naquela visão tudo o que está para vir nos tempos futuros e o que eu agora te direi, não por arte ou ciência minha, se não por revelação Sua. Parecia-te que vias defronte de ti uma estátua grande, de estatura alta e sublime e de aspecto terrível e temeroso. A cabeça desta estátua era de ouro, o peito e os braços de prata, o ventre até os joelhos de bronze, dos joelhos até os pés, de ferro, os pés de ferro e de barro. Estando assim suspenso no que vias, viste mais que se arrancava uma pedra de um monte, cortada dele sem mãos, e que dando nos pés da estátua a derrubava. Então se desfizeram juntamente o barro, o ferro, o bronze, a prata, o ouro, e se converteram em pó e cinza que foi levada dos

²⁸ O profeta Daniel era de uma família nobre judaica e foi escriba na corte de Nabucodonosor. Depois de ter interpretado o significado do sonho do rei, Daniel é recompensado com o título de governador da província da Babilônia. O nome Daniel significa “um juiz (é) Deus”. Daniel foi levado cativo para a Babilônia na deportação dos judeus em meados de 605 a.C. Na Babilônia recebeu o nome de Beltessazar. Para uma consulta mais pormenorizada ver: COMAY, Joan. *Quem é Quem no Antigo Testamento*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

²⁹ BÍBLIA, A. T. Daniel. In *Bíblia de Estudo Palavras-Chave Hebraico e Grego*. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 907-908.

ventos, e nem aqueles metais apareceram mais nem o lugar onde tivessem estado. Porém a pedra que tinha derrubado a estátua cresceu e, fazendo-se um grande monte, ocupou e encheu toda a terra” (VIEIRA, 2015c, p. 441).

Em seguida, Vieira expõe o significado de cada parte da estátua: a cabeça de ouro; representa o império assírio; a prata, significa o império dos persas; o bronze, o império dos gregos, e o ferro significa o império dos romanos. Para Vieira, o Quinto Império será ontologicamente eterno e desbancará os quatro impérios citados e na sequência se consolidará na história:

Quer dizer: “Aquele pedra, ó Rei, que viste arrancar e descer do monte, que derrubou a estátua e desfez em pó e cinza todo o preço e dureza de seus metais, significa um novo e quinto império que o Deus do Céu há de levantar no Mundo nos últimos dias dos outros quatro. Este Império os há de desfazer, consumir e aniquilar a todos, e ele só há de durar e permanecer para sempre, sem haver de vir jamais por acontecimento algum a domínio ou poder estranho nem haver de ser conquistado, dissipado ou destruído, como sucedeu ou há de suceder aos demais. Estas são as cousas futuras que Deus te quis mostrar, ó Rei, e este é o sonho que viste e esta a verdade de sua interpretação” (VIEIRA, 2015c, p. 447).

O que deste somente quero recolher e deixar assentado é que depois dos três impérios dos assírios, persas e gregos, que já passaram, e depois do quarto, que ainda hoje dura, que é o romano, há de haver um novo e melhor império que há de ser o quinto e último. Esta proposição é de fé, porque assim a vemos nas Escrituras; é de experiência, porque assim o mostrou o sucesso dos tempos; e é de razão, porque assim se infere por bom discurso (VIEIRA, 2015c, p. 448).

A segunda visão do profeta Daniel descrita por Vieira foi a de quatro animais que saíram do mar: um leão com duas grandes asas de águia, um semelhante ao urso com três costelas em sua boca, um leopardo com quatro cabeças e quatro asas e um animal violentíssimo com dentes de ferro e dez chifres. Segundo a visão, o primeiro animal representa o reino da Babilônia (605 a 539 a.C.), a cabeça de ouro da estátua; o segundo animal representa os medos-persas (538 a 331 a.C.), o peito e braços de prata da estátua; o terceiro animal representa a Grécia (331 a 168 a.C.), o ventre e a coxas de bronze da estátua; e o quarto animal representa Roma (168 d.C. a 476 d.C.), as pernas de ferro da estátua (BÍBLIA, Daniel, 7, 1-27)³⁰. A julgar então, por esta interpretação, Vieira ressalta que depois da derrocada dos quatro animais se levantará um império que será dos santos do Altíssimo:

³⁰ BÍBLIA, A. T. Daniel. In *Bíblia de Estudo Palavras-Chave Hebraico e Grego*. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 915-918.

Primeiramente (diz Daniel, ou disse a Daniel o seu intérprete) que “aquelas quatro bestas grandes significavam quatro reinos ou quatro impérios que sucessivamente se haviam de levantar no mundo”, depois dos quais se havia de seguir outro quinto reino ou império, que o mesmo intérprete chama “Reino dos Santos do Altíssimo”, o qual não há de ter mudança nem variedade, nem outro reino algum ou império que lhe suceda, porque há de durar para sempre [...] (VIEIRA, 2015c, p. 452).

Depois de expor sua interpretação das visões do profeta Daniel, Vieira passa a desvelar o significado das Quatro Carroças do profeta Zacarias (BÍBLIA, Zacarias, 6, 1-15). Essas carroças, puxadas por quatro cavalos, tem cores diferentes e saem de dois montes de bronze. Aos da primeira carroça, o profeta chamou-lhes ruivos; aos da segunda, negros; aos da terceira, carroça brancos; aos da quarta, vários. Este último era mais forte do que os outros:

A primeira carroça representava o império dos assírios, e tiravam por ela cavalos ruivos, que é cor de fogo, para significar os danos, assolações e incêndios com que os assírios conquistaram, destruíram e abrasaram o povo hebreu, principalmente no cativeiro de setenta anos, a que eles com razão chamavam “Fornalhas de Babilônia”. A 2.^a carroça representava o império dos persas, e tiravam por ela cavalos negros, cor de tristeza e luto, porque também os persas afligiram e foram lutosos aos hebreus, principalmente naquela grande aflição, quando el-Rei Assuero, marido de Ester, persuadido pelos enganos de Amã, tinha condenado a morrer em um dia, com crueldade inaudita, toda a nação hebreia. A terceira carroça representava o império dos gregos, e tiravam por ela cavalos brancos, por pacífica e alegre, porque, exceto Antíoco (cuja tirania também serviu de matéria gloriosa aos triunfos dos macabeus), os outros príncipes gregos sempre foram benéficos aos hebreus, e mais que todos Alexandre Magno, fundador daquele império, cuja majestade, como escreve Josefo, não duvidou de adorar no templo ao Pontífice Jado. Finalmente, a 4.^a carroça representava o império dos romanos, e tiravam por ela cavalos vários, porque os romanos, assim no ódio como na benevolência, foram vários para com os hebreus: uns, amigos e propícios, como Júlio César, Augusto, Tibério, Cláudio; outros, inimigos, perseguidores e cruéis, como Pompeu, Calígula, Nero, Vespasiano, Adriano, Tito (VIEIRA, 2015c, p. 454-455).

Em termos rigorosos, Vieira compreende que os cavalos mais fortes da quarta carroça tinham o propósito de percorrer toda a terra e associa de forma imediata que parte da profecia se cumpriu nos romanos, que foram senhores do mundo, porém, os romanos não conquistaram de forma absoluta o mundo. Vieira elenca a América como um espaço não conquistado pelos romanos. A outra parte da profecia se cumpriu nos espanhóis e teve sua proeminência nos portugueses. Ambos os reinos, por serem colônias de Roma, estavam intrinsecamente ligados por laços de pertença à natureza da profecia. Assim, de conformidade com as profecias de Zacarias, Portugal será o reino escolhido para protagonizar efetivação do Quinto Império universal:

[...] por não deixar perder a nossa nação um título tão honroso como serem chamados por boca de um anjo “os mais fortes de todos os romanos”, digo que os portugueses e todos os espanhóis se podem e devem entender debaixo do nome de romanos no sentido desta profecia. Porque Espanha e Portugal foram colônias dos romanos e parte não só do império, senão do povo romano, e verdadeiros cidadãos romanos: [...] E posto que qualquer destas razões e muito mais todas juntas são bastantes para que sem impropriedade se possa entender os portugueses debaixo do nome de romanos, o fundamento principal, sólido e certo desta interpretação é ser esta a mente e sentido em que falaram os mesmos profetas, [...] (VIEIRA, 2015c, p. 457).

Assim que considerado todo o corpo do império romano e todas suas empresas, os fortes dos romanos foram os Cipiões, os Pompeus, os Césares, os Augustos, os fortíssimos foram os espanhóis e, entre esses espanhóis os Fortíssimos dos Fortíssimos Foram os portugueses (VIEIRA, 2015c, p. 458).

Vieira exalta não somente a eleição de Portugal, mas coloca em relevo a exuberância de seu destino grandioso e glorioso. Na psicologia popular, o Império Luso havia sido destinado para a missão redentora. A salvação teria aspectos políticos, econômicos e religiosos. A lenda de Ourique³¹ legitimava a vocação mitificadora de Portugal como luz do mundo.

Outro dado importante que contribuiu para elaborar as características do Quinto Império foi a influência das três idades do Joaquim de Fiore³². Do Abade cisterciense da Calábria, Vieira herdou uma visão fundamentalmente ordenada da história. Diferentemente de Fiori, que concebe o Espírito Santo como sendo o sujeito fundamental, para Vieira, na terceira idade, Cristo será o agente do Quinto Império. Esse sentido dado ao Quinto Império promoveu entre os jesuítas a aspiração crucial para o engajamento e a transformação da sociedade. Na obra *O Sebastianismo*:

³¹ A lenda da Batalha de Ourique, que teria ocorrido em 25 de Julho de 1139, narra que, D. Afonso Henriques, em uma experiência mística, foi visitado por um velho. O homem não somente lhe garantiu que a vitória dos portugueses sobre os mouros seria certa, mas o orientou que saísse no dia seguinte à noite pelo acampamento. No dia seguinte, D. Afonso, seguiu as orientações do homem e de forma repentina um raio ofuscou sua visão. Reestabelecido, ele viu o Sinal da Cruz e Jesus crucificado. A voz do Senhor lhe confirmou a vitória. D. Afonso Henriques venceu a batalha. Por sua decisão, a bandeira portuguesa passou a ter cinco escudos em cruz, o que simbolizava os cinco reis que ele havia derrotado, bem como as cinco chagas de Cristo. No imaginário português a revelação de Cristo acabou legitimando Portugal como o Estado escolhido por Deus para estabelecer a redenção universal. Vieira utilizou esse episódio para indicar que Portugal era o Quinto Império escolhido por Deus para estabelecer a paz universal.

³² Joaquim de Fiore (1135-1202) dividia a história em três estados ou idades, tendo como referencial a doutrina da Santíssima Trindade. O estado do Pai: de Adão a Zacarias, esse estado foi denominado de estado dos casados. O estado do Filho: de Osias, com destaque para o período de Jesus, e que terminaria por volta de 1260, intitulado de estado dos Clérigos. E, por último, o estado do Espírito Santo: de São Bento, alcançando seu auge em meados de 1260 e terminando com a consumação de todas as coisas. Joaquim nomeou esse último estado de estado dos monges. Para uma melhor compreensão sobre a problemática trinitária em Fiore, ver ROSSATTO, Noeli Dutra. *Joaquim de Fiore: trindade e nova era*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

História Sumária, José Van de Besselaar marcou uma imagem clara da presença do joaquimismo delineando a mentalidade cultural da Península Ibérica:

Deixando aqui de lado o seu aspecto estritamente religioso, podemos dizer que o joaquimismo do fim da Idade Média é a esperança na vinda de um grande Reformador, que há-de livrar a cristandade de inimigos internos e externos e estabelecer um reino universal de paz e justiça. Este joaquimismo não tardou a entrar na Península Ibérica, sobretudo no Reino de Aragão, o qual, devido à sua situação geográfica, estava muito exposto às influências do mundo mediterrânico. Atingiu também Portugal, não havendo dúvida que os frades menoritas e, mais tarde, os monges de São Jerónimo foram transmissores importantes da nova mentalidade (BESSELAAR, 1987. p. 21).

Vieira aplica ao Quinto Império traços da doutrina dos Estados de Joaquim de Fiori³³. A História é periodizada a partir de três pontos temporais fundamentais: o Reino de Cristo incoado, que contempla a etapa que se inicia com as perseguições até a adesão de Constantino ao cristianismo; o segundo tempo é do Reino de Cristo incompleto, ou seja, é o tempo do progresso que tem como referencial inicial a figura de Constantino e desemboca com a evangelização do mundo alavancada diante das novidades dos Descobrimentos e se projeta até 1666, e o Reino de Cristo consumado com a instauração do Quinto Império, tendo como sucessão de eventos o período de mil anos até o advento do Anticristo. Na *Defesa*

³³ Há um consenso entre os especialistas de que Vieira não conhecia as obras originais de Joaquim de Fiore. Vieira disse ter tido contato com duas obras de Joaquim de Fiore: *as profecias* e o *comentário sobre Apocalipse*. Na obra *Antônio Vieira: profecia e polêmica*, José Van Den Besselaar deixa evidente o seu pensamento sobre essa questão: “Este livro era sem dúvida, o famoso “Rusticano” (ou melhor, “Rusticiano”), ao qual Vieira se refere várias vezes [...]”. Este “Rusticano” continha comentários apócrifos de Joaquim sobre os profetas Isaías e Jeremias, além de um livro introdutório de Telésforo (mais tarde, novamente redigido por Rusticiano), ambos publicados em Veneza (1517 e 1516, respectivamente) e encontrados num só volume. Sabemos que Vieira levou essa “compilação” para o Brasil, a qual foi encontrada, depois de sua morte, em seu cubículo na Bahia” (2002, p. 442-443). Na obra *Cartas da Missão: cartas da prisão*, há registrada uma carta que Vieira enviou ao D. Rodrigues de Menezes, em 14 de abril de 1664, solicitando que lhe enviasse o comentário de Joaquim sobre o Apocalipse: “Na livraria de el-Rei há um comento de Abade Joaquim sobre o Apocalipse que há muitos anos se me emprestou, e agora me importava muito torná-lo a ver; podendo ser, Vossa Senhoria me fará mercê mandá-lo entregar ao Padre Reitor para que mo remeta”. Ainda na mesma obra, em outra correspondência, que data de 2 de junho de 1664, Vieira demonstra o desejo de ler uma obra de Joaquim sobre os pontífices e informa que já a havia lido em Roma. Em mais uma carta para D. Rodrigues de Menezes, datada de 23 de junho de 1664, Vieira diz que: “As profecias do Abade Joaquim não vieram ainda”. Já em 19 de agosto do mesmo ano, ele deixa claro sua inquietação com a espera dos livros de Joaquim, com as seguintes palavras: “O do Abade Joaquim espero com alvoroço”. E no dia 25 de agosto, Antonio Vieira escreve, cheio de expectativas, confirmando que “O Padre Reitor me avisou do livro do Abade Joaquim, que virá na primeira ocasião”. Finalmente, em 29 de dezembro, Vieira solicita ao D. Rodrigues que envie através “do Padre Procurador do Brasil, que é mais Assistente no Colégio, que o Padre Reitor, e a ele pode Vossa Senhoria mandar entregar o livro do Abade Joaquim” (VIEIRA, 2014c, p. 369-421).

perante o Tribunal do Santo Ofício, Vieira registrou uma exposição mais clara dessa concepção:

De maneira que o Império de Cristo, abraçando todos os tempos de sua duração, se resume e divide em três estados. O primeiro, de seus princípios, que é o antigo, a que podemos chamar de Império de Cristo incoado. O segundo, de seus progressos, que é o presente, a que poderemos chamar de Império de Cristo incompleto. O terceiro, de seu último aumento e perfeição, que logo veremos se será futuro, a que podemos chamar de Império de Cristo completo e consumado (VIEIRA, 2015a, p. 281-282).

Com efeito, é possível pontuar de forma mais geral que os milenarismos³⁴ messiânicos de matrizes judaicas³⁵, sebastianista e joanista, foram relevantes e decisivos para a representação do significado de Quinto Império. Vieira foi joanista, nesse sentido, suas premissas expressavam uma filosofia política pautada na consolidação do Estado Português, ou seja, a história estava progredindo para a restauração planetária cujo Quinto Império seria o ápice. Entre 1530 e 1546, as Trovas da Bandarra contribuíram para inundar as esperanças no futuro de ascensão do Estado. Conquanto as Trovas estivessem incluídas, desde 1581, nos Livros

³⁴ Aqui, a ideia de história é apropriada tendo como fundamento a eleição de Israel. As profecias de Daniel, Isaías e Ezequiel concernentes a um reino extraordinário são cruciais para o fortalecimento dessa convicção. Segundo Jean Delumeau: “as origens do milenarismo são anteriores à era cristã e se enraízam nas esperanças messiânicas de Israel. Isaías (54 e 55), Ezequiel (40-48), Daniel (2 e 7) e mais ainda as profecias pós-exílio anunciaram a vinda de um messias que inauguraria um período de prosperidade e de paz. A noção de um reino intermediário, espécie de paraíso terrestre provisório intercalado entre o tempo atual e a eternidade, delimitou-se na literatura judaica através dos Jubileus (22:27), da *parábolas de Henoch* (61-68) e do livro de Esdras (8:28...). Dos meios judeus, a crença no reino messiânico foi transmitida aos cristãos pelo Apocalipse de São João (20). Nesse texto célebre, o apóstolo anuncia que o anjo de Deus acorrentará Satã por mil anos. Então, os justos ressuscitarão com Cristo e serão felizes sobre a terra durante mil anos. A mesma profecia reaparece, com algumas variações, na epístola de Barnabé (século II, 15:4-9). São Justino, por volta de 150, santo Irineu, por volta de 180, aderem totalmente ao milenarismo que, no final do século III e no começo do século seguinte, tem ainda os favores de Lactâncio” (2009, p. 305-306).

³⁵ Besselaar, falando desses movimentos e do Quinto Império, observa que: “A ideia do Quinto Império tem indubitavelmente uma forte raiz no messianismo hebraico. Este deve ter vindo a Vieira por dois caminhos diferentes. Um deles, de carácter bíblico, é fácil de abonar: o dos abundantes textos messiânicos e apocalípticos do Velho Testamento. O outro, de ordem existencial, é bastante difícil de documentar com precisão, mas nem por isso menos importante: o das vivas esperanças messiânicas dos judeus, que, durante a sua longa residência na Península, aí deixaram profundos vestígios, apesar de toda a segregação e a despeito de todas as perseguições. Mas seria erróneo querer levar somente em consideração a raiz hebraica do messianismo vieiriano. Desde o «Outono da Idade Média» existia em vários países da Europa um milenarismo ou quiliasso cristão, não directamente originado nos judeus, embora, em última análise, remontasse a livros escritos por judeus convertidos ao Cristianismo: algumas Cartas de São Paulo e, sobretudo, o Apocalipse de São João, o último livro do Novo Testamento. A Europa, no fim da época medieval, vivia impregnada de previsões apocalípticas, que nunca faltaram por completo à vida da Igreja, mas vinham agora reforçadas com as profecias de Joaquim de Fiore. Este abade cisterciense, não desconhecido de Vieira, anunciara, no fim do século XII, a próxima vinda do Reino do Espírito Santo, um reino de amor e paz espiritual, que havia de acabar com os abusos e escândalos existentes na vida religiosa e política” (BESSELAAR, 1981, p. 83-84).

Proibidos, continuaram sendo uma força hermenêutica crucial para consolidar o processo de Restauração.

Discorrendo sobre a hermenêutica de Bandarra, Besselaar na obra *Antônio Vieira: profecia e polêmica*, conclui que: “A interpretação sebastianista do Bandarra cederá a uma interpretação nitidamente joanista, da qual Antônio Vieira se fez o grande porta-voz. Porta voz dos mais pertinazes, mas não inventor. A nova interpretação das trovas já existia, quando Vieira, na primavera de 1641, regressou à metrópole” (2002, p. 283). Eis como Valmir Francisco Muraro coloca esse problema, muito importante sobre a influência de Bandarra na epistemologia vieiriana na obra *Padre Antônio Vieira: retórica e utopia*:

Concomitante à crença sebastica, os portugueses do século XVII conheceram uma nova versão do messianismo profético. Trata-se do messianismo brigantino, também denominado joanismo. Inspirados em fontes comuns, dentre as quais destacaram-se as *Trovas do Bandarra*, sebastianistas e joanistas se posicionaram em campos opostos. Enquanto os primeiros caracterizaram-se pela passividade diante dos acontecimentos políticos e sociais do seu tempo, os últimos colocaram em marcha o processo que conduziram à Restauração política do reino. No seu anti-sebastianismo, os adeptos do messianismo brigantino estavam convictos do surgimento de uma nova dinastia, pois o Encoberto não estava oculto numa ilha do Atlântico, mas encontrava-se vivo em Vila-Viçosa aguardando o momento oportuno para se apresentar como rei restaurador. Consideravam que as *Trovas* teriam sido interpretadas de forma equivocada pelos sebastianistas, pois não perceberam que o sapateiro de Trancoso falava de um infante redentor. Esse seria D. João IV, de acordo com as interpretações do Padre Vieira (MURARO, 2003, p. 52).

Para acrescentar elementos que exemplificam as incidências das Trovas de Bandarra³⁶ na elaboração exegética e hermenêutica que Antônio Vieira teceu ao conceito de Quinto Império, vale apontar para o que João Lúcio de Azevedo mencionou na obra *História de Antônio Vieira*. Diz ele:

Agora nas longas horas de solidão intelectual, em viagem pelos rios monótonos, rememorava os enigmas do Bandarra, trechos dos profetas, passos enredados da Escritura; e de os cotejar e combinar lhes arrancava o sentido obscuro. Compôs assim na mente o tratado, em que já antes cogitava, do Quinto Império do Mundo, fundado em textos de que saía provada a ressurreição de D. João IV (AZEVEDO, 2008, p. 350).

³⁶ De acordo com Jacqueline Hermann; “não temos como afirmar se Vieira tomou contato com as Trovas de Bandarra ainda na Bahia, mas não parece impossível supor que sim, até mesmo pela referência ao sapateiro de Trancoso como profeta da Restauração, feita logo depois que voltou a Lisboa, em 1641. Sua familiaridade com os versos de Bandarra sugere uma razoável convivência com suas trovas, e, ainda uma assimilação completa de ideias de tipo messiânico, de fundo judaico, que reapareceram de forma bastante elaborada em seus célebres trabalhos sobre o Quinto Império e na História do futuro (1998, p. 227).

Mas há mais algum outro componente que contribuiu significativamente para a construção da idealização do Quinto Império: o encontro de Vieira com Menasseh ben Israel (1604-1657). Menasseh publicou *O Conciliador*, obra que teve como objetivo elucidar aparentes contradições da Bíblia. Provavelmente, Vieira tenha conhecido *O Conciliador* e baseado no espírito desse texto escreveu *A História do Futuro* e a *Clavis Prophetarum*. Outra obra de relevo escrita por Menasseh foi *Esperança de Israel* (1650)³⁷.

Não é coincidência que Vieira também tenha escrito *Esperanças de Portugal*. Sobre esse encontro, vale mencionar o que disse Christopher Lund: “Vieira visitou o rabino Menasseh em Holanda e lá passou longos meses com ele e com outros Portugueses da nação hebraica lá exilados [...] Os dois amigos – Vieira, filojudeu e Manasseh, filo-cristão – esperavam na chegada de um Messias o estabelecimento do quinto império” (1999, p. 1126). Para contribuir com esse ponto, não posso deixar de citar mais uma vez Valmir Francisco Muraro:

Antônio Vieira, quando descrevia a felicidade que reinaria no universo com o advento do Império de Cristo, aproximava suas conclusões daquelas do rabino. A paz universal e o fim das dificuldades materiais providas pelo imperador temporal seriam suplantadas pela possibilidade de o ser humano contemplar a deus ainda na Terra. Pode-se acrescentar ainda que o paraíso vieiriano estava mais próximo da Quinta Monarquia descrita por Menasseh bem Israel do que o céu dos Santos Padres e teólogos defensores da ortodoxia católica. Os últimos falavam de uma possibilidade de usufruir o paraíso após a morte, num espaço transcendente e em tempo indefinido. O rabino de Amsterdã e o sacerdote inaciano falavam de acontecimentos prodigiosos muito próximos, vividos na terra, aqui e agora (MURARO, 2003, p. 149-150).

Daí se evidencia que todos esses elementos abordados até aqui lançaram as sementes da utopia quinto imperial. A utopia vieiriana foi o motor mobilizador que visou superar as contradições sociopolíticas e religiosas do reino de Portugal. A palavra utopia é de origem grega, *ou-tópos*, e significa o não lugar, em termos psicológicos, a utopia é resultado da vontade, da imaginação, do desejo e do inconformismo. A utopia potencializa os fluxos e as dinâmicas temporais e remete o sujeito para rememorar o passado e o futuro operando a perspectiva da integração e regeneração da sociedade. Essa recuperação é um programa exterior à conjuntura social em colapso, coloca-se como a solução paradigmática para a instauração da

³⁷ Esse texto conta o relato de Antônio de Montezinos que, ao encontrar os índios no Equador, foi surpreendido com os relatos de que eles eram descendentes de Abraão, Isaque e Jacó. Essa tribo preservava alguns rituais típicos dos hebreus.

felicidade e da paz. Na Obra *Vieira: vida e palavra*, José Eduardo Franco expõe com propriedade os fundamentos da utopia de Vieira:

A utopia vieiriana edifica-se, pois, à luz de quatro categorias-pilares: a ideia de recuperação, de reformação/aperfeiçoamento, de recriação e de plenificação. Estas categorias estruturam a ideia que funda sua utopia à luz da vertente ideológica de cariz mítico da ciclicidade triádica da história, a chamada *renovatio temporum*. Essa dinâmica cíclica convive internamente na perspectiva da história linear ascendente de matriz judeu-cristã. A categoria de recuperação articula-se com o desejo mítico de recuperação/regresso da situação genesíaca da humanidade, da harmonia sacionatural do paraíso perdido. Sua teologia profética assume a concepção do mundo como regresso da humanidade a seu *Telos* mítico e ideal (FRANCO, 2008, p. 137).

Finalmente, podemos destacar, mediante esse arcabouço teórico de influências que, para o Padre Antônio Vieira, o Quinto Império aglutinará e realizará a transformação plena do cosmo. Em outras palavras, como já foi exposto, o Quinto Império designará a confluência entre eternidade, história, tempo e natureza em uma unidade essencial. É por isso também que o devir planetário e cósmico experimentará a elevação divino-humana. Feitas essas considerações, haveremos de discorrer na próxima seção sobre esse processo restaurador e como o Quinto Império efetivará essa restauração.

4.2 QUINTO IMPÉRIO E REGENERAÇÃO CÓSMICA COMO DEVIR

Para o Padre Antônio Vieira, a renovação da humanidade será mediada pelo processo histórico. Será um evento temporal e orgânico, segundo Paulo Borges, na obra *A Plenificação da História em Padre Antônio Vieira*, que borda o fato de o tempo do Quinto Império ser de grande renascimento, em que a comunidade humana desfrutará de uma resolução ontológica pura:

Finalizando, e como introdução à explicitação fenomenológica da estrutura aqui exposta, realçaríamos a densidade e a qualidade decisiva que a mediação do tempo histórico nela assume. Mais do que mera estrutura formal, calculadora ou mensurativa, ou índice de alguma debilitação ou deferimento na identidade do Ser ou na sua compreensão, o tempo do Quinto Império não menos é que o florescimento da humanidade a partir do investimento, continuado, do Infinito nela. É assim o tempo da própria infinitização do homem no mundo e do mundo pelo homem, num tender da re-emergente primordialidade da Criação para a glória, na actualidade de todos os seus possíveis. E a plenitude dessa actualização só pode ser, em Vieira, a clara transparência, sem sombras ou apacidades, do Acto pleno que a si atrai tudo o que de si mesmo dispensa. Como tal, a consumação do Quinto Império é também um reconduzir da humanidade e do cosmos a

uma emergência ontológica pura, despojada de extrínsecas elaborações. A sua plenificação é o consumir do trânsito depurativo que toda a história constitui, como imensa «imago Dei» que a seu Exemplar enriquecida se recolhe. A integral expressão ôntica de tal moção ontológica – impulsionada pelo mistério do estranhamento de tal Exemplar na sua imagem, na persistência da sua diferença essencial – desenvolve-se assim como o desentranhar da crucial interpenetração do desvelar-se do que a partir de si mesmo, na sua consumada plenitude, se desvela – o Ser –, com a plenificação do que em si, participativamente, desvela – a comunidade dos entes singulares (BORGES, 1995. p. 89).

A inconsistência ontológica, como citado na seção anterior, diz respeito ao impacto provocado pelo pecado original. Nesse ponto, já se vê a importância e a necessidade de uma superação cósmica para sanar a segregação dos entes. A lógica do Quinto Império, diferentemente dos outros impérios, será expressável na transformação da realidade. As nações, de alguma forma, sempre se comprometeram com a problemática da culpa e disseminaram um certo descompasso na unidade original. Vieira considera oportuno falar de uma ruptura essencial que lançou todos os entes da natureza em consequências nefastas. O *Sermão da Primeira Domingo do Advento* manifesta a noção de que a morte, a violência política, os distúrbios na natureza, a exploração, a infelicidade, a miséria, dentre outros elementos, são sintomas desse desequilíbrio:

Considerai-me o mundo desde seus princípios, e vê-lo-eis sempre, como nova figura no teatro, aparecendo, e desaparecendo juntamente, porque sempre passando. A primeira cena deste teatro foi o Paraíso Terreal, no qual apareceu o mundo vestido de imortalidade, e cercado de delícias; mas quanto durou esta aparência? Estendeu Eva o braço à fruta vedada, e no brevíssimo espaço em que o bocado fatal passou pela garganta do homem, passou também com ele o mundo do estado da inocência ao da culpa, da imortalidade à morte, da pátria ao desterro, das flores às espinhas, do descanso aos trabalhos, e da felicidade suma ao sumo da infelicidade, e miséria. Oh miserável mundo, que se pararas assim, e te contentaras com comer o teu pão com o suor do teu rosto, foras menos miserável! Mas não serias mundo, se de uma miséria grande não passasses sempre, e por tua natural inclinação, a outra maior. Os homens naquela primeira infância do mundo todos vestiam de peles, todos eram de uma cor, todos falavam a mesma língua, todos guardavam a mesma lei. Mas não foi muito o tempo em que se conservaram na harmonia desta natural irmandade. Logo variaram, e mudaram as peles com tanta diferença de trajos, que cada dia de pés à cabeça aparecem com nova figura. Logo variaram, e mudaram as línguas com tanta dissonância e confusão, como a da Torre de Babel. Logo variaram, e mudaram as cores com a diversidade das terras e climas, e com a mistura do sangue, posto que todo vermelho. Logo variaram, e mudaram as leis, não com as de Platão, Sólon, ou Licurgo, mas com a do mais imperioso, e violento Legislador, que é o próprio alvedrio. Tudo mudaram, ou tudo se mudou, porque tudo passa (VIEIRA, 2014e, p. 113).

Claro que Vieira julga a vulnerabilidade que atingiu o cosmo por vários ângulos. No *Sermão da Visitação de Nossa Senhora*, há uma demonstração de que

os impérios foram impactados pela problemática da injustiça. No centro do argumento, a premissa da conservação do bem em qualquer reino é inviável na medida em que a injustiça precede a sua ruína. O desastre foi o destino fatídico da Assíria, da Babilônia, da Pérsia e de Roma. Como se não bastasse, Vieira fala da injustiça que estava destruindo e tornando o Brasil enfermo:

A enfermidade do Brasil, Senhor, é como a do menino Batista: pecado original. Santo Tomás, e os teólogos definem o pecado original com aquelas palavras tomadas de Santo Anselmo: *Est privatio justitiae debitae*: Que o pecado original “é uma privação, uma falta da devida justiça”. Bem sei de que justiça falam os Teólogos, e o sentido em que entendem as palavras; mas a nós que só buscamos a semelhança, vem-nos assim como soam. É pois a doença do Brasil *Privatio justitiae debitae*, “falta da devida justiça”, assim da justiça punitiva, que castiga maus, como da justiça distributiva, que premia bons. Prémio, e castigo são os dois pólos, em que se revolve, e sustenta a conservação de qualquer Monarquia: e porque ambos estes faltaram sempre ao Brasil, por isso se arruinou, e caiu. Sem justiça não há Reino, nem Província, nem Cidade, nem ainda companhia de ladrões que possa conservar-se. Assim o prova Santo Agostinho com autoridade de Cipião Africano, e o ensinam conformemente Túlio, Aristóteles, Platão, e todos os que escreveram de República. Enquanto os Romanos guardaram igualdade, ainda que neles não era verdadeira virtude, floresceu seu Império, e foram senhores do mundo; porém tanto que a inteireza da justiça se foi corrompendo pouco a pouco, ao mesmo passo enfraqueceram as forças, desmaiaram os brios, e vieram a pagar tributo os que o receberam de todas as gentes. Isto estão clamando todos os Reinos com suas mudanças, todos os Impérios com suas ruínas, o dos Persas, o dos Gregos, o dos Assírios. Mas para que é cansar-me eu com repetir exemplos, se prego a Auditório Católico, e temos autoridades de fé? *Regnum de gente in gentem transtertur propter injustitias*, diz o Espírito Santo no capítulo décimo do Eclesiástico: que a causa por que os Reinos e as Monarquias se não conservam debaixo do mesmo Senhor, a causa por que andam passando inconstantemente de umas nações a outras, como vemos, é *propter injustitias*, “por injustiças”. As injustiças da terra são as que abrem a porta à justiça do Céu (VIEIRA, 2015i, p. 85-86).

Numa leitura atenta do excerto citado acima, identificamos que nenhum reino conseguirá subsistir se não for fundado na justiça, e a contradição essencial é que o pecado original gerou a inabilidade e a transitoriedade dos reinos que não conseguem estabelecer a promoção legítima da justiça. Nesse caso, pensando no *status* ontológico do cosmo, essa condição de total precariedade e relatividade, naturalmente, implicará em seu pleno fracasso. No *Sermão da Segunda Domingo da Quaresma*, Vieira argumenta o seguinte:

Quer Isaías que comecemos desde o princípio do mundo: *A saeculo non audierunt*. Seja assim. E quais foram desde o princípio do mundo as figuras, com que Moisés, e os outros Profetas nos representaram a Glória? A primeira foi o Paraíso Terreal, depois o Tabernáculo, e a Arca do Testamento, o Maná, a Terra de Promissão, a cidade de Jerusalém, o Templo de Salomão. Mas que semelhança têm estas coisas, por mais que fossem os milagres da natureza, e da arte, com a Glória do Céu? No

Paraíso Terreal entrou a serpente, e o pecado; e a primeira prerrogativa da Glória é a segurança da Graça, em que todos os que lá vivem são confirmados (2015x, p. 45).

Diante de todas essas contradições, o Quinto Império assumirá o tempo *kairológico* do Ser para executar a redenção aguardada. O certo é que, no horizonte do Quinto Império, haverá a implementação do progresso e da melhoria. Esse investimento reconstituirá a humanidade a seu estado inicial. Na *História do Futuro*, Vieira diz que: “Se há de restituir o mundo à sua primitiva inteireza e natural formosura, não se poderá consertar um corpo tão grande sem dor nem sentimento dos membros que estão fora de seu lugar” (2015c, p.74).

Vieira mostra que a eficácia do Quinto Império provocará a reversão positiva contra a imposição trivial das idades do tempo, ou seja, o Quinto Império não será um regime estabelecido pela mordomia da sucessão e da transitoriedade temporal. Na verdade, para Vieira, o Quinto Império não se realizará a partir de um programa marcado por excessos contingenciais, razão que fez muitos impérios ruírem. O Quinto Império aparece como um estado incontingente:

Havendo pois ainda nesta nossa idade tantos impérios e sendo tantos mais os de nações bárbaras e políticas que em diversos tempos do mundo se têm levantado e caído, com razão se deve duvidar e desejar saber a causa por que este nosso império que prometemos não excede o número de quinto, e quais sejam em ordem os outros quatro que lhe deram este lugar ou este nome? [...] sem fazer caso de muitos e grandes impérios que floresceram e haviam de florescer em vários tempos e lugares do mundo, só trata do primeiro que se começou e levantou nele, e dos que em continuada sucessão se lhe foram seguindo até o tempo presente, os quais em espaço quase de quatro mil anos têm sido com este quatro. Esta sucessão e seu princípio foi desta maneira (VIEIRA, 2015c, p. 435).

Observando isso, pode-se retomar a insistência do Padre Antônio Vieira em lidar com os efeitos devastadores do caos, utilizando parâmetros otimistas e não pessimistas, como já foi citado no *Sermão da Visitação de Nossa Senhora*: “As injustiças da terra são as que abrem a parta à justiça do Céu” (2015i, p. 86). O Quinto Império garantirá não somente a possibilidade das nações alcançarem a superação da transitoriedade, da vulnerabilidade, da inconsistência e da improbidade, mas efetivará o reencontro da rota para a renovação da decadente condição humana. Na Obra *Padre Antônio Vieira: retórica e utopia*, Valmir Francisco Muraro diz o seguinte sobre essa questão:

O sentido que o pregador jesuíta atribuía ao termo temporal consistia a possibilidade do ser humano alcançar na Terra a realização plena da sua humanidade, na qualidade de colaborador na realização do Plano Divino. O

significado do termo era destituído de transitoriedade, mudança e finitude. Manifesta-se assim o otimismo vieiriano com a criação (MURARO, 2003, p. 268).

E, para explicar esse aspecto fundamental do otimismo vieiriano, deve ficar evidente que o fenômeno do Quinto Império será antecipado por um impetuoso ritmo da história que será dinamizado a par da expectativa do vir a ser. A regeneração dos entes estabelecerá a renovação correspondente às potencialidades da unidade ontológica e das realidades sensíveis e suprassensíveis. O Quinto Império será um sobrevir que regerá o transcurso da temporalidade, porém, sua realidade é intemporal no sentido de que a essência do Ser detém o comando de todos os regimes temporais. Nesse ponto, Vieira compreende que o Quinto Império está sob o horizonte do futuro, que no que lhe concerne estaria chegando.

Na obra *Defesa perante o Tribunal do Santo Ofício*, o jesuíta expôs sua convicção de que no seu contexto imediato o Quinto Império ainda não havia sido instaurado: “Segue-se, logo, que o império profetizado e prometido por Daniel não é o Império de Cristo do tempo presente, de onde vem a se concluir, pela combinação dos tempos e dos sucessos de ambas as visões, que necessariamente é império futuro e que ainda está por vir” (2015a, p. 284). Isso fica mais evidente em uma passagem da *História do Futuro*:

O título desta *História* não fala por hipérboles nem sinédoques, não chama a um pigmeu “gigante” nem a um braço “homem”. O mundo de que falo é o mundo, aquele mundo e naquele sentido em que disse S. João: *Mundus per ipsum factus est, et mundus eum non cognovit*. O mundo que Deus criou, o mundo que O não conheceu, e O mundo que O há de conhecer. Quando O não conheceu, negou-Lhe o domínio; quando O conhecer. Dar-Lhe-á a posse (VIEIRA, 2015b, p. 77).

O devir vieirino impõe a necessidade do fortalecimento da esperança, termo oriundo do latim *spes* (esperança, expectativa de uma coisa feliz), que amplifica uma rede de significados que nos ajudam a pensar o conceito de esperança. A raiz latina *spe* pode ser encontrada em: *specula* (pequena esperança, fio de esperança); *spectatio* (ação de olhar, vista de um espetáculo); *spectator* (expectador, observador, apreciador); *Spectaculum* (espetáculo, vista); *spectrum* (espectro, simulacro); *spero* (esperar, ter esperança, rezear, prever); e *species* (vista

de olhos, aspecto, aparência, forma, exterior, ar, figuração)³⁸. É evidente que esses termos elencam relações entre: olhar e espera; expectativa e espetáculo; figura e real; previsão e receio.

Dessa maneira, é que a manutenção da esperança projeta o horizonte de expectativa para além do tempo, ao porvir; ela nasce no seio dos paradoxos contidos no presente e estabelece a sua inscrição no futuro. Em outras palavras, a esperança tem um propósito e um alvo, o futuro, e, porque não dizer, o Quinto Império: lugar onde todo horror e imprevisibilidade serão eliminados.

A questão agora talvez seja pensar um pouco na esperança como um objeto que não está imune às emboscadas do paradoxo. A preocupação de Vieira em produzir uma história do futuro lhe insere no paradoxo. Assim, temos uma elaboração que relaciona pressupostos ideais e lógica, e podemos ainda acrescentar que Vieira faz do paradoxo um recurso, porque acreditava que o raciocínio era dotado de potência capaz de sustentar o fundamento do pensamento. É então que o paradoxo é sanado com a evolução dos argumentos engenhosos e sutis. Nesse intuito, Vieira lança mão de um método que pretende banir a oposição. Sobre essa temática, vale mencionar o que disse Antônio José Saraiva na obra *O Discurso Engenhoso*:

Pela combinação dos dois processos – o que extrai de uma palavra numerosos conceitos, e o que extrai de um conceito numerosas palavras – as palavras se prestam a todas as espécies de associação, abrem-se por todos os lados à passagem de qualquer discurso. Vieira, no discurso engenhoso em vez de fazer uma triagem entre as possíveis conexões, acessíveis a certos circuitos e fechados a outros, o que torna a palavra, em certa medida, uma demonstração da validade lógica da associação das ideias, as usa de tal maneira que elas não opõem resistência a qualquer encadeamento (SARAIVA, 1980, p. 27).

As faces do paradoxo vieiriano nos revelam que o tempo histórico está inserido em um tempo que comporta todos os tempos. Além disso, devemos destacar que para o Padre existem duas categorias de tempo: o tempo que atravessa o ser humano e não retorna e o tempo da providência. A problemática aqui é o passado, tendo em vista que o presente e o futuro não existem para o Ser, que detém o conhecimento pleno de toda a ordem temporal. O tempo do Ser é fixo e não percorre, não pode ser medido e não tem duração. De outro lado, é preciso manter a esperança diante do paradoxo, a implicação é que a esperança precisa se

³⁸ Para uma análise mais aprofundado desses termos latinos, ver: FARIA, Ernesto. *Dicionário Escolar Latino-português*. Rio de Janeiro: FAE/MEC, 1962.

fundar na certeza do Ser, em um plano teleológico e no cumprimento cabal da vontade divina. Nessa perspectiva paradoxal, a grande questão é sondar em qual tempo a esperança no devir deve fincar sua bandeira: no tempo que não pode ser quantificável, mensurável, medível e imóvel ou no tempo que foi e que sempre estará preso às dinâmicas do instante?

O tempo é inapreensível e quando se reveste de historicidade, necessariamente, deixa de ser. A história quando se reveste do presente, precisamente se torna uma história passada. Desse ponto de vista, o presente tem a prerrogativa de eclodir os anúncios da história, vitalizando a esperança humana no devir que, simultaneamente, se depara com a problemática da inapreensibilidade do tempo presente.

Para Vieira, haverá um presente que se converterá à eternidade; ora, o Quinto Império será a instância que superará o drama do tempo e fundirá em si mesmo os dois tempos em um eterno presente. Vieira conclama essa transformação em uma passagem na *História do Futuro*: “Agora as prometem com a voz, depois as mostrarão com o dedo. Mas este grande assunto fique para seu lugar. Só digo que, quando assim suceder, perderá esta nossa *História* gloriosamente o nome, e que deixará de ser *História do Futuro*, porque o será do presente” (2015c, p. 73).

Entretanto, a missão do devir não evitará que o sujeito se depare com diversos embates durante sua trajetória de vida. Vieira atenua as contradições do presente indicando que o sujeito para manter sua esperança viva na história terá a necessidade de se apropriar do “escudo da presciência”. A sondagem do futuro resultará na constância necessária que ele precisa para orientar seu raio de ação. Por outro lado, o escudo resistirá os golpes vindos das contradições e protegerá o militante dos laços da inconsistência:

Ao conhecimento antecedente dos futuros chamou discretamente São Gregório “escudo fortíssimo da presciência”, em que todas as adversidades e golpes do mundo se sustentam, se reparam e se rebatem: *Et nos tolerabilius mundi mala suscipimus, si contra haec per praescientiae clypeum munimur*. Que vem a ser esta nossa *História do Futuro* senão escudo da presciência, *praescientia*, *clypeus*? Armados com este escudo, que trabalhos ou perigos nos pode oferecer o mar, a terra e o mundo? E que golpes nos pode tirar com todas as forças de seu poder que não sustentemos nele com animosa constância? Quem haverá que debaixo deste escudo não empreenda as mais dificultosas conquistas, nem aceite as mais arriscadas batalhas e não vença e triunfe dos mais poderosos inimigos, se as empresas no mesmo escudo vão já resolutas, as batalhas vão já vencidas e os inimigos já triunfados? (VIEIRA, 2015c, p. 103).

Quer dizer, a sondagem do futuro como escudo da presciência vai instaurar a certeza e dissipar toda dúvida. Vieira não somente tinha certeza de que a história estava sendo conduzida pelo Ser divino rumo à sua regeneração, mas conclamou a que os portugueses tivessem convicção de que tal transformação correria de forma objetiva.

Portentosas foram antigamente aquelas façanhas, ó portugueses, com que descobristes novos mares e novas terras, e destes a conhecer o mundo ao mesmo mundo. Assim como líeis então aquelas vossas histórias, lede agora esta minha, que também é toda vossa. Vós descobristes ao mundo o que ele era, e eu vos descubro a vós o que haveis de ser. Em nada é segundo e menor este meu descobrimento, senão maior em tudo: maior gama, maior cabo, maior esperança, maior império (VIEIRA, 2015c, p. 74).

A ordem quinto imperial acontecerá manifestando o Ser divino na factualidade empírica do histórico. Segundo Paulo Borges, na obra *A Plenificação da História em Padre António Vieira*, o Quinto Império estará projetado na instância meta-histórica e deve vir a ser historial, ou seja, o Quinto Império excederá qualquer estrutura histórica, quer dizer, a julgar por aí, as causalidades históricas serão suspensas (2005, p. 76-77). Ainda de acordo com Paulo Borges, temos a seguinte argumentação:

Em conformidade com esta perspectiva, propomos que a estrutura e natureza essenciais da tematização vieirina do Quinto Império sejam lidas, em ordem à superabundância do Acto Redentor, segundo três registos: o tacteamento, a escuta e a perscrutação vigilante de um vir a ser cuja referência é irreduzível a qualquer sentido dado, quer na manifestação da história, quer na exegese do seu discurso textual, profético e narrativo; a proposta e a vivencia de um auto-conhecimento, individual e comunitário, que a todo o ser interpele e comprometa na assunção e consumação do dom de uma plenitude renovada; a proposta e a vivencia de uma acção, tendente à expressão num modo universal de organização dos entes, que responda às potencialidades decorrentes da redimensionada unidade ontológica da humanidade (BORGES, 2005, p. 37).

Para Antônio Vieira, o Quinto Império que se anuncia no futuro será entrelaçado com a comunidade terrena. De fato, o jesuíta intui, perspicazmente, que mesmo engendrado na estrutura transcendente e não cronologizável, sua implementação será realizada na transitividade da comunidade histórica. As suas manifestações temporais carregarão consigo o Infinito que transcenderá e dominará o próprio tempo. Na *História do Futuro*, Vieira expõe que: “[...] os meios da conservação ou ruína dos reinos a mão onipotente de Deus é a que os distribui, quando são, pois só Ele os pode determinar, antes que sejam (2015c, p. 81). Por aqui

se compreende que para o programa quinto imperial vieirino o dinamismo e sua estrutura será uma expressão simultaneamente fenomênica e intemporal.

4.3 QUINTO IMPÉRIO E PLENITUDE

Para o Padre Antônio Vieira, o Quinto Império será executado plenamente no plano global; a comunidade humana e a natureza serão fundidas em uma unidade mística, na *Defesa perante o Tribunal do Santo Ofício*, ele diz que: “O maior contrário que tem o Império consumado de Cristo é a sua mesma grandeza, a qual, como há de encher toda a terra e há de ter por balizas os horizontes do céu” (2015a, p. 294).

O pensamento de totalidade em Vieira está consubstanciado no evento da instauração do Quinto Império, que se legitimará em apoteose ontológica, a partir da apropriação temporal. Na *História do Futuro*, a direção teleológica para a plenitude será inevitável exatamente porque o Ser tem o domínio das causas primeiras e segundas: “pelo que respondemos negando a suposição; e por última confirmação da nossa *setentia* mostraremos por atos próprios de jurisdição e domínio como foi Cristo Rei e Senhor temporal do mundo, não só em ato primo (como diz a frase dos teólogos), senão em ato segundo” (2015b, p. 526). Ordenação ontológica do existente temporal e espiritual, o Quinto Império consumará o estado pleno de bem-aventurança no sentido de fundir a unidade, cujo centro de onde irradiará a conservação de todas as coisas será o Cristo:

Finalmente, é princípio geral e recebido de todos os teólogos que se deve conceber e admitir na soberana pessoa de Cristo todos aqueles atributos de poder, grandeza e majestade que sem implicação nem indecência se podem considerar nela, porque todos Lhe são infinitamente devidos: e tão fora está deste perigo o império e domínio temporal que admitimos em Cristo, que, antes da falta dele, se podem arguir conhecidos inconvenientes, e ainda alguma consequência indigna e de menos decoro. Porque o império espiritual de Cristo, por supremo e universal que seja, só tem poder e jurisdição indireta sobre as cousas e ações temporais enquanto estas se ordenam ou subordinam ao fim e conservação das espirituais; e no caso ou suposição em que Cristo somente fosse Rei espiritual, seguia-se (como doutamente infere o Padre Suárez) que, se Cristo quisesse mandar a um homem ou a um anjo uma ação meramente temporal alheia, ou servir-se de qualquer coisa temporal alheia (ainda que fosse para obrar um milagre), que o não poderia fazer livre e absolutamente a Seu arbítrio e sem licença do dono dela (se comodamente o pudesse fazer de outra sorte): *Indignum autem videtur* (conclui o grande Doutor) *haec et similia de Christi potestate sentire*. Sendo logo este sentimento indigno do poder e majestade de Cristo e da soberania de Sua Pessoa, necessariamente havemos de dizer e confessar, em boa teologia, que não é somente espiritual o Império e domínio que Cristo tem sobre o mundo, se não também temporal, e que

espiritual e temporalmente Lhe são todos os homens e todas as cousas sujeitas (VIEIRA, 2015c, p. 521-522).

O fato de o Quinto Império ser um projeto que se constituirá temporalmente, isso não implicará em ruptura com a ordem atemporal e transcendente: “O império e domínio espiritual é certo que de sua natureza não exclui nem implica com o temporal. De modo que um outro domínio bem pode, sem repugnância alguma, convir e ajustar-se no mesmo sujeito” (2015c, p. 469). Percebe-se, portanto, de maneira inequívoca, que Vieira não concebe uma dicotomia entre o mundo celeste e o terrestre. O seu testemunho demonstra uma unidade que permeia ontologicamente essas duas instancias. Ele acrescenta:

Não negamos, porém, nem podemos negar que este Reino e Império de Cristo e dos cristãos há de durar também, com o mesmo Cristo e com os mesmos cristãos, depois de bem-aventurados, por toda a eternidade no Céu; mas nem por isso há de deixar de ter na terra a grandeza que nestes textos lhe é profetizada e prometida. Antes a razão de haver de ter tanta grandeza no Céu é porque a terá primeiro na terra: na terra incoada mas perfeita, quanto sofre a terra, no Céu consumada e perfeitíssima, como se deve ao estado do Céu. E desta maneira se concilia e concorda facilmente a opinião de Tertuliano e Tedoreto com a verdade da nossa: e este é o mais ordinário sentir de todos os expositores de *Daniel*, os quais dizem que este Reino e Império de Cristo e dos cristãos há de ser incoado na terra e consumado no Céu, mas com tanta discrepância de tempos, como veremos em seu lugar, que agora só tratamos qual seja em comum o deste império (VIEIRA, 2015c, p. 465).

Da mesma forma, Antônio Vieira continua argumentando que o Quinto Império não terá uma dimensão exclusivamente supraterrena, tampouco será um organismo totalmente imanente, pois haverá uma substância espiritual adaptada às duas dimensões. No entanto, a realidade terreal será mediadora para a realização do Ser. Nessa mesma linha de pensamento, vale ressaltar o que disse José Eduardo Franco na obra *Vieira: vida e palavra*: “A esfera temporal deste império é subsidiária da espera espiritual e encontra-se a serviço desta a título meramente instrumental, de forma que dê eficácia ao processo de consumação universal e confira permanência no tempo” (2008, p.149). Ainda na *História do Futuro*, há uma passagem digna de menção:

Não fazem menos santo a Cristo nem querem fazer menos espiritual o mundo os que reconhecem em Cristo o domínio temporal dele. Porventura ofende a Deus enquanto Deus o ser Senhor e criador de todas as cousas corpóreas e o ter em Sua própria essência eminentemente as ideias de todas elas? Antes deixara de ser Deus se assim não fora. Pois o domínio soberano, que é perfeição em Deus Deus (digamo-lo assim), porque há de

ser menos decência em Deus Homem? Quando chamamos Império temporal ao de Cristo, não queremos dizer que é o seu Império sujeito às mudanças e inconstâncias do tempo, nem que receba a grandeza e majestade da pompa e aparato vão das cousas exteriores do mundo, a que o mesmo mundo, quando fala com mais siso, chama com razão “temporalidades”; e isto é só o que negam as Escrituras, isto o que não admitem os Padres e isto o que explicou o mesmo Cristo quando disse: *Regnum meum non est de hoc mundo*. Mas o Império que dão ou reconhecem em Cristo os que admitem e veneram Nele o nome de “temporal” é um domínio soberano e supremo sobre todos os homens, sobre todos os reis, sobre todas as cousas criadas, com poder de dispor delas a Seu arbítrio, dando e tirando reinos, fazendo e desfazendo leis, castigando e premiando, mandando com jurisdição tão própria e direta sobre todo o mundo, <não> como a que os reis particulares têm sobre seus vassallos e reinos, antes com muito maior, mais perfeito e mais excelente domínio, não dependente, como eles, de criaturas, mas absoluto soberano, sublime e independente de todos (VIEIRA, 2015c, p. 474-475).

E avançando o Quinto Império em suas especificações, podemos ressaltar que na sua plenitude haverá a fusão da humanidade e da totalidade no Infinito. Na verdade, o Ser conduzirá a instância terrena ao infinito. Para Antônio Vieira, o papel preponderante do Quinto Império será a elevação do cosmo à absoluta condição espiritual onde o Ser estará totalmente anexado, introduzido e aumentado na humanidade.

Desse modo, o Quinto Império canalizará a humanidade à sua original condição ontológica e as dimensões: atemporal (infinita) e temporal (finita), se fundirão reciprocamente no universal em que o Ser será plenamente tudo em todos, ao passo que seu desígnio escatológico será cumprido. A fisionomia e a estética ontológica que atravessarão a união entre os âmbitos celeste e terrestre no Quinto Império estabelecerão a unidade cosmológica na sua totalidade. A ordem temporal não será desprezada e tampouco a celestial será supervalorizada. Em Vieira, as tensões entre as realidades trans-terrena e terrena serão sanadas:

Porque nós não dizemos que o Reino e Império de Cristo não é espiritual, senão que é espiritual e temporal juntamente, conhecendo e tendo pela maior excelência deste felicíssimo Reino que, não só em quanto espiritual, senão ainda em quanto temporal, se ordena ao fim último e sobrenatural da bem-aventurança, pois esse mesmo Reino, e não outro, é o que há de ser eterno e glorioso no Céu, como dizem as palavras tão repetidas do nosso texto, e isto é ser Império de Cristo e dos cristãos, e nisto se distingue dos reinos meramente políticos e humanos, porque estes têm por fim a conservação e felicidade da terra, e o de Cristo e dos cristãos, a do Céu (VIEIRA, 2015c, p. 479).

Essas ponderações podem ser importantes para compreendermos que, para Vieira, a ideia de habitação corporal do Ser indica a união *hipostática* das duas naturezas. Essa fusão plena ocorrerá exatamente porque é inerente e essencial do

Ser a promoção e a ascensão da unidade cosmológica que legitimará Cristo como o soberano, rei e dominador do Quinto Império:

Porque aquele domínio supremo e universal de todas as cousas fundava-se imediatamente, como dissemos, na união hipostática, e era não só propriedade inseparável senão parte intrínseca dela; e assim como Cristo não podia renunciar nem abdicar de Si a própria natureza, assim (diz o Padre Vasquez) não podia renunciar nem demitir de Si o direito àquele soberano domínio (VIEIRA, 2015c, p. 523).

O processo de totalidade subsistirá na integração da natureza humana e da ordem física. Essa união terá repercussão universal, sincrônica e simultânea. A expansão do Quinto Império recuperará a plenitude na mordomia dos bens perdidos mediante os méritos do Filho que executará sem fragmentação a eficaz unidade de tudo e de todos. Na obra *Defesa perante o Tribunal do Santo Ofício*, Vieira deixa essa questão muito clara:

E Cristo não possuirá jamais inteiramente o Seu Império? Deu Deus inteiramente, por junto e de uma vez, o império a Adão e possuiu o mesmo Adão todo esse mundo e todo esse império enquanto o não quis perder; e ao Filho, que restaurou com Seu sangue, não se Lhe dará o mesmo império e o mesmo mundo por junto, senão por partes, de modo que nunca jamais o haja de possuir todo, nem lograr ou lograr-se de sua grandeza? (VIEIRA, 2015a, p. 307).

Vieira indica que o Quinto Império será governado por Cristo: “O império profetizado a que chamamos “quinto” é o Império de Cristo e dos cristãos. Esta conclusão é certa e indubitável [...]” (2015, p. 263). E na *História do Futuro*, o Quinto Império é descrito como sendo a instância onde habitará o Ser na totalidade ratificando a união das duas naturezas (divino-humana). Essas hipóstases, ou subsistências pessoais, garantem ontologicamente a igualdade de essência, embora os entes difiram na forma:

Primeiramente é Cristo Rei e universal Monarca do mundo por natureza, porque por meio da união da divindade à humanidade, a qual se inclui essencialmente na natureza de Cristo, sem algum outro concurso ou condição extrínseca da parte de Deus nem da parte dos homens, pertence a <o> mesmo Cristo enquanto homem o domínio e império universal de tudo o criado, e por ela fica constituído (ou por ela, sem ninguém o constituir), é Rei e Senhor e Monarca supremo de todos os reis, de todos os reinos e de todos os impérios do mundo. Por isso, Cristo no *Apocalipse* trazia o título de *Rex regnum e dominus dominantium* escrito, como diz o texto, *in femore*, que significa “a geração humana”, para mostrar que o ser Rei de todos os reis e Senhor de todos os senhores Lhe convinha e era Seu por Sua própria natureza. E por isso o nome que Lhe puseram na circuncisão foi de Jesus, que quer dizer “salvador”, e não o de Cristo, que quer <dizer> “ungido”, porque o ser ungido por Rei e universal Monarca do

mundo não Lhe pertencia por imposição divina ou humana, senão por natureza própria Sua, ou por ser quem era. Salvador por obediência, mas ungido por natureza. E assim como antigamente se faziam ou consagravam os reis pelo óleo que eram ungidos, assim a união hipostática em Cristo foi uma verdadeira e própria unção com que juntamente com o ser e a natureza recebeu o poder e a monarquia do mundo (VIEIRA, 2015c, p. 483-484).

A partir dos capítulos que compõem o *Livro 2*, Vieira se ocupa em examinar a ideia de que o Quinto Império será de Cristo e dos cristãos e aponta para o mistério da convergência entre as instâncias celestial e terrestre que, transplantados para a ordem imperial, desfrutarão da unidade e plenitude. Nessa direção, Cristo como Senhor do Império é ilustrado como uma pedra:

Primeiramente, aquela pedra que derrubou a estátua e desfez as quatro monarquias figuradas nos quatro metais, e que depois cresceu e a sua grandeza ocupou e encheu toda a terra, é Cristo, O qual em outros muitos lugares da Sagrada Escritura se chama “Pedra”. Ele foi a pedra que no deserto matou a sede aos filhos de Israel e os acompanhou até à terra da Promissão: *bibabant autem de conseqente eos Petra, Petra autem erat Chistus*, como diz São Paulo: Ele foi a pedra com que Davi derribou ao gigante, em significação de que por meio e virtude de Cristo havemos de vencer o mundo e o Demónio; Ele foi a pedra que viu Zacarias, e sobre ela sete olhos, *super lapidem unum septem oculi*, que são os sete dons do Espírito Santo, o qual se infundiu todo e descansou sobre Cristo; Ele foi a pedra sobre que adormeceu Jacó, quando se Lhe abriu o céu e viu a escada; Ele, a pedra sobre que sustentou os braços levantados de Moisés, quando venceu os exércitos de Amalec; ele finalmente, a pedra angular que uniu os dois povos, gentílicos e judaico; e a pedra fundamental e provada sobre que se fundaram na lei antiga a Igreja de Sião, e na nova, a do mesmo Cristo. Esta pedra pois foi a que, arrancada do monte, derrubou a estátua e desfez os quatro impérios dos assírios, persas, gregos e romanos, para fundar e levantar o seu sobre todos eles (VIEIRA, 2015c, p. 459-460).

E, um pouco mais além, Vieira estabelece um contraponto aos padres gregos, especialmente Teodoreto e aos latinos, especificamente Tertuliano. Ambos pressupunham que o Quinto Império seria instaurado no céu e não na terra. O argumento se justificava no fato de que na visão de Daniel, antes de a pedra (Cristo e seu Império) triunfar na história, todos os outros reinos já estavam destruídos e portanto, sem memória. Por esta razão, o Quinto Império, segundo os padres citados, será no céu, e para Antônio Vieira, o Quinto Império localizar-se-á na Terra³⁹. Esse conceito contrariava os fundamentos ortodoxos da Igreja:

³⁹ Na obra *Antônio Vieira: profecia e utopia*, Muraro deixa nítida a distinção que Vieira faz da localização do Quinto Império e dos seus benefícios: “Segundo as principais doutrinas do século XVII, que trataram da questão do paraíso, o estágio de bem-aventurança somente seria alcançado pelo ser humano após a morte, num espaço transcendente. Como se poderá anotar a seguir, Vieira afirma a possibilidade dos indivíduos alcançarem a felicidade neste mundo. Não limitava sua certeza à satisfação das necessidades materiais, mas estendia-se à possibilidade de se alcançar as delícias da beatitude” (2003, p. 239).

Contudo, a sentença comum dos santos, e recebida e seguida como carta de todos os expositores, é que este Reino e Império de Cristo e dos cristãos profetizado por Daniel (qualquer que haja de ser) é império da terra e na terra. E posto que os autores desta sentença mais a supõem que a provam, nós a provaremos e demonstraremos com os textos das mesmas visões. Daquela pedra que representava a Cristo e Seu império, diz Daniel, na primeira visão que cresceu e se fez um monte tão grande que ocupou e encheu toda a terra: *Lapis autem qui percusserat statuam factus est mons magnus et implevit universam terram*. Infiro agora assim: esta pedra e este Império de Cristo, que derribou os outros impérios, cresceu? Logo, não é Império do Céu, nem depois de acabado o mundo: porque o Reino e Império de Cristo, depois de acabado o mundo, de nenhum modo há de crescer nem pode crescer. Não há de crescer nem pode crescer no número dos homens, porque depois de acabado o mundo e depois do dia de Juízo, não há de haver mais homens que vão ao Céu; não há de crescer nem pode crescer na glória dos bem-aventurados, porque desde aquele ponto cada um há de receber por inteiro toda a glória devida a seus merecimentos, e como se acabou o tempo de mais merecer, assim se acabou também o tempo de mais alcançar. Logo, se o Reino de Cristo e dos cristãos há de crescer depois daquele tempo, e crescer a uma grandeza tão imensa, segue-se que esse crescimento há de ser neste mundo e não no outro (VIEIRA, 2015c, p. 464-465).

E aqui, é preciso destacar que Vieira estabelece um plano para a o futuro. No *Livro Sexto*, cujo título é: “Terra em que se há de fundar o dito Império enquanto temporal, e qual há de ser a cabeça dele”, o jesuíta lança mão de argumentos no sentido de provar que o Quinto Império será implantado em Portugal, que era província da Espanha:

QUESTÃO 1.^a Se o dito Império temporal há de ser na Europa ou em alguma das outras quatro partes do mundo. Responde-se que há de ser na Europa. QUESTÃO 2.^a Em que província da Europa se há de fundar o dito Império temporal de Cristo? Responde-se que em Espanha. QUESTÃO 3.^a Em que reino de Espanha se há de fundar o dito Império? Responde-se que em Lisboa (VIEIRA, 2015c, p. 578-579).

É preferível dizer que ao valorizar a questão temporal Vieira está estabelecendo uma visão positiva da história, nessa perspectiva, o ser humano alcançará na terra um tempo de total felicidade e paz. Vieira menciona a felicidade e as grandezas da quinta monarquia que serão usufruídas em uma escala global:

Havendo de tratar nesta terceira parte das grandezas e felicidades da quinta monarquia, começamos por sua extensão, não porque esta seja maior de suas grandezas, mas porque é o fundamento e como <que a> base, por melhor dizer, o sujeito de todas elas. A extensão ou se pode considerar quanto às terras ou quanto às nações. E em ambas estas considerações digo uma palavra que será a extensão desta nova monarquia do mundo. A Europa, a África, a América, e aquela quinta parte quase igual às três primeiras, que, por não estar bem descoberta, se chama “incógnita”, e quaisquer outras regiões (se ainda há outras) a nós desconhecidas, todas

serão sujeitas a esta monarquia: e todas as gentes que as habitam, ou bárbaras ou políticas, com suas repúblicas e em seus reinos com seus impérios, reconhecerão a este só Monarca (VIEIRA, 2015c, p. 532).

Falando de forma mais específica, o Quinto Império além de ser o lugar onde a felicidade e a paz serão experimentáveis plenamente, haverá o sucesso de muitas façanhas e renovações profundas em vários setores da vida. As mediações diplomáticas, as resoluções políticas, as renovações nas leis e nos costumes, dentre outras transformações que caracterizarão a nova ordem quinto imperial, para Vieira, não teve precedentes na história da humanidade:

Hão-de ler, nesta *História*, para exaltação da fé, para triunfo da Igreja, para glória de Cristo, para felicidade universal e paz do mundo, altos conselhos, animosas resoluções, religiosas empresas, heroicas façanhas, maravilhosas vitórias, portentosas conquistas, estranhas e espantosas mudanças de estados, de tempos, de gentes, de costumes, de governos, de leis; mas leis novas, governos novos, costumes novos, gentes novos, tempos novos, estados novos, conselhos e resoluções novas, empresas e façanhas novas, conquistas, vitórias, paz, triunfos e felicidades novas; e não só novas, porque serão futuras, mas porque não terão semelhança com elas nenhuma das passadas. Ouvirá o mundo o que nunca viu, lerá o que nunca ouviu, admirará o que nunca leu, e pasmará assombrado do que nunca imaginou (VIEIRA, 2015c, p. 67-68).

É preciso fazer uma ponderação no sentido de que o Quinto Império erradicará de uma vez por todas as distorções provocadas pelo mal, propiciando a possibilidade dos entes desfrutarem da plena liberdade. Eis aí a essência do Quinto Império, o que não significa dizer que os seres humanos terão uma vida absolutamente abstraída do passado. A sociedade continuará se organizando como antes e muitos hábitos serão preservados e outros ressignificados.

Como já foi citado, os conflitos serão mediados e distencionados pacificamente, uma parte do poder político será compartilhado com o imperador de Lisboa que terá a incumbência de estabelecer o caminho para a solução pacífica dos conflitos em cada Estado, de natureza que sempre prevalecerá a paz e a harmonia. Essa questão fica bem evidente na carta que Vieira escreve para o padre Jácome Iguazafigo, publicada na coletânea *Cartas e Papéis Vários*:

[...] Os restantes ficariam, como os outros reinos, sujeitos ao o Imperador universal, o qual decidiria as controvérsias com que hoje se destroem, e manteria o mundo na paz de Cristo, tão desejada pelos profetas, a qual por este modo viria a ter o seu inteiro cumprimento, segundo a ordem monárquica, com a Divina Providência a governa e dispõe tudo suavemente (VIEIRA, 2014b, p. 84).

O Quinto Império suplantar a efemeridade e a trivialidade, efeitos do pecado original, que ofuscou e arranhou o tempo, nessa condição, o tempo em todas as suas idades se tornou volúvel. No Império vieiriano, haverá um tempo que não será capturado pela ordem cronológica, mas que originará os tempos humanamente periodizáveis. A concretização do Quinto Império recuperará de uma vez por todas os regimes dos tempos, ele atrairá todo o potencial das contingências e das sucessões da história e do futuro.

Se a história também sofreu os reverses da trivialidade, ela será subsumida, no Quinto Império à infinitização da plenitude. A criatura e a criação terão a oportunidade de não ficar mais sujeitas ou condicionadas à lógica da finitude. Para Vieira, a finitude é estruturada na aparência e no vazio, prolonga-se inevitavelmente em toda ordem contingente, gerando distorções e improbidades. É no exato momento da plenitude imperial que o Ser converterá a tapeação engendrada pelas aparências em exuberância e novidade. Ainda na *História do Futuro*, Vieira destaca esse pensamento:

A segunda utilidade desta *História* e mais necessária aos tempos próximos e presentes é a paciência, constância e consolação nos trabalhos, perigos e calamidades com que há de ser afligido e purificado o mundo, antes que chegue a esperada felicidade. Quando o lavrador quer plantar de novo em mata brava, mete primeiro o machado, corta, derruba, queima, arranca, alimpa, cava, e depois planta e semeia. Quando o arquiteto quer fabricar de novo sobre o edifício velho e arruinado, também começa derrubando, desfazendo, arrasando e arrancando até os fundamentos, e depois sobre o novo alicerces levanta nova traça e novo edifício (VIEIRA, 2015c, p. 87-88).

De qualquer maneira, para Vieira, a abrangência do Quinto Império será cosmologicamente total, englobando também o futuro, uma dimensão que somente Deus conhece. Nesse caso, o ser humano será impelido a conduzir sua trajetória considerando uma esperança invencível. O Quinto Império será a resposta para qualquer desencanto e inquietação diante do temor que os seres humanos sentem diante do futuro. Há uma ponderação vieiriana sobre essa tensão: “O primeiro motivo e mui principal por que Deus costuma revelar as cousas futuras (ou sejam benefícios ou castigos) muito tempo antes de se conhecerem é para que conheçam clara e firmemente os homens que todas vêm dispensadas por Sua mão” (2015c, p. 80).

É interessante notar que no Quinto Império privilegiará somente a ordem futura, mas, segundo Antônio Vieira, existirá uma unidade *trans* e intramundana. Nessa particularidade, toda dicotomia ou fragmentação será solucionada, tendo em

vista que a plenitude aglutinará em torno de um só programa essencial a natureza, as ordens do tempo, os impérios e até a ordem política. Eis um trecho da coletânea *Escritos Políticos*, que ressalta essa proposição:

Deus criou o mundo em sete dias, e vemos que no governo do mesmo mundo, nas idades, nas vidas, nas doenças, nos dias críticos, nos anos climatéricos, observa sempre os períodos do mesmo seteno: e pois assim como Deus, no governo da natureza, observa a proporção dos tempos, assim é de crer que no governo dos impérios observa a proporção dos movimentos; o sol, os céus, as estrelas, os mares, todos se movem perpetuamente do oriente para o ocidente, por a roda, que os ignorantes chamam da Fortuna, e é verdadeiramente da Providência divina, correndo sempre os movimentos naturais do universo, desde o oriente para o ocaso; pede a proporção e harmonia do mesmo universo que também corram do oriente para o ocaso os movimentos políticos. Assim que não é totalmente violenta a força que muda e desfaz os impérios antigos, e cria e levanta os novos: mas essa mesma violência ou força tem muito de natural, pois segue os movimentos e peso de toda a natureza. No Oriente nasceu o primeiro império, no Ocidente há de parar o último (VIEIRA, 2016a, p. 186).

Portanto, o poder político no Quinto Império será exercido plena e harmoniosamente. Os reinos particulares terão jurisprudência própria, no entanto, todos eles estarão sob a ordem jurídica e suprema do Centro. Para Vieira, a unidade orgânica dos reinos terá elevo no Quinto Império. Isso não significa pressupor que não haverá tensões, mas sim, que o reconhecimento da superioridade da Quinta Monarquia será o caminho para a mediação dos conflitos e a consequente preservação da ordem. Vieira explica assim a questão na *História do Futuro*:

Não porque os outros reinos e repúblicas e impérios não hajam de ter a mesma superioridade que dantes sobre as terras e pessoas de sua jurisdição, mas porque essa superioridade há de ter <uma> nova sujeição que dantes não tinha, que é o reconhecimento da monarquia universal. Serão montes os demais reinos, mas montes debaixo de outro monte maior e mais alto que todos: como expressamente disse o profeta Isaías, no capítulo 2, número 1º (VIEIRA, 2015c, p. 533).

Assim, a efetivação plena do Quinto Império em escala global não trará transtornos para as nações, pois tudo estará corroborando para legitimar as operações da unidade. E não somente isto, mas o advento do Quinto Império terá como objetivo salvaguardar a humanidade de todas as improbidades e distorções advindas do pecado, das doenças, das catástrofes, das guerras, dentre outras coisas. Diante dessa perspectiva, Valmir Francisco Muraro na obra *Padre Antônio Vieira: retórica e utopia*, afirmou que:

O impacto transformador do advento do Quinto Império sobre as nações não seria traumático, pois as mudanças não se manifestariam nas aparências, mas na essência. As controvérsias entre os diferentes grupos

continuariam a existir, assim como as diferenças de cor ou nacionalidade. Todavia não seriam causas suficientemente fortes que pudessem provocar conflitos entre as nações. Ao rei de Portugal, Vigário Temporal do Quinto Império, investido de autoridade de Imperador do Mundo, caberia a missão de atuar como juiz das nações e como artífice da paz (MURARO, 2003, p. 270).

O pensamento de Antônio Vieira expressa uma Filosofia da História. A história tem uma origem e caminhará para uma universalidade, ou seja, para a plenitude. No *Sermão de Nossa Senhora da Conceição*, o padre se apropria da figura de Tubal⁴⁰ e expõe o significado do seu nome. Tubal foi considerado o patriarca dos portugueses. A palavra Tubal significa mundano ou sujeito de todo o mundo. Nesse sentido, Tubal é o primogênito de todo o mundo. Para Vieira, os portugueses eram vocacionados para governar toda à terra, e a partir dessa lógica, sustenta-se a premissa de que o mundo experimentará uma apoteose universal. Essa força universalizante impelirá o desbravamento e irromperá com qualquer condicionamento fronteiro, pois o mundo será a verdadeira nação do Quinto Império:

Até os Gentios souberam dizer que “para o homem de valor todo o mundo é pátria: *Omne solum forti pátria est*. E se há nação no mundo, para o qual o mesmo mundo seja pátria, somos nós. O primeiro fundador de Portugal, e pai de todos os Portugueses foi Tubal, que quer dizer *mundanus*, “Homem de todo o mundo”, e tal foi a bênção, ou herança que deixou a todos os seus filhos: uns na Europa, outros na África, outros na Ásia, outros nesta América, enfim todos divididos nas quatro partes do mundo, como Cidadãos do universo: para que nenhum Português cuide que basta para satisfazer à obrigação, e devoção que digo, só com estar fora, e longe de Portugal; pois em qualquer parte do mundo está na sua pátria (VIEIRA, 2015i, p. 349).

Durante o regime quinto imperial, o Sumo Pontífice e o Rei de Portugal dirigirão o Estado. Nesse sentido, haverá um movimento de convergência para a plena unidade entre a instância atemporal, temporal e sua duração se estenderá até o surgimento do Anticristo que será derrotado pelas forças do bem, seguido da instauração do Juízo Final e o estado de bem-aventurança eterna. No Quinto Império, a felicidade será plena: fenômeno existencial sem precedentes na história

⁴⁰ Tubal foi filho de Jafé e neto de Noé. Dois séculos depois do episódio do dilúvio ocuparam a região da Ibéria. Tanto Flavius Josephus como Fernão de Oliveira popularizaram o mito de Tubal. O primeiro, na obra, *De Antiquitate Judaica*, no século I a.C., o segundo, na obra *História de Portugal*. Para Vieira os descendentes de Tubal foram os pioneiros na arte marítima, fator preponderante que contribuiu para a conquista do mundo. Para uma análise mais aprofundada dessa temática ver, OLIVEIRA, Fernão de. *História de Portugal*. FRANCO, José Eduardo. In: *O mito de Portugal: a primeira História de Portugal e a sua função política*. Lisboa: Roma Editora e Fundação Maria Manuela e Vasco de Albuquerque d'Orey, 2000, p. 349-494.

da humanidade. Nos *Autos do Processo de Vieira na Inquisição*, há uma petição ao Tribunal do Santo Ofício de Coimbra que condensa bem essas questões:

Provará que as ditas matérias são outrossim muito notáveis e esquisitas, porque pretende ou pretendia mostrar ele suplicante que na Igreja de Deus há de haver um novo e felicíssimo estado mui diverso do presente e dos passados, [...] e há de haver neles maiores santos que os da lei Velha e mui semelhantes aos da primitiva Igreja que serão grandes zeladores e pregadores da lei de Cristo [...] e que então há de haver no mundo a paz universal prometida pelos Profetas no tempo do Messias a qual ainda não está cumprida senão incoadadamente. E que no tempo deste Império de Cristo há de haver no mundo um só Imperador a que obedeçam todos os Reis e todas as nações do mundo o qual há de ser vigário de Cristo no temporal assim como o Sumo Pontífice é vigário de Cristo no espiritual (o qual império espiritual então há de ser também perfeito e consumado), e que todo esse novo estado da Igreja há de durar por muitos anos e que a cabeça deste Império temporal há de ser Lisboa, e os Reis de Portugal os imperadores supremos: e que neste tempo há de florescer universalmente a Justiça, inocência e Santidade em todos os Estados, e se hão de salvar pela maior parte quase todos os homens, e se há de encher então o número dos Predestinados, o qual é muito maior do que comumente se cuida: conjeturando-se também o tempo em que estas coisas hão de suceder, e mostrando-se os meios e instrumentos por que se hão de conseguir (VIEIRA, 2015a, p. 181-182).

Como já foi exposto ao longo da nossa investigação, contudo, para ratificar: o Ser divino fará a proeza de operar o mistério enigmático, pois é oculto e simultaneamente escondido, da convergência para a unidade das realidades suprassensíveis e sensíveis. A inteligência sacral fundirá todas as ordens temporais: passado, presente e futuro e criará um mundo pleno e acabado, na verdade, “um mundo inteiro”. Vieira deixou evidente na *História do Futuro* que o Quinto Império será o âmbito onde brotará uma nova ordem ontológica e metafísica:

Este foi o mundo passado, este é o mundo presente e este será o mundo futuro; e destes três mundos unidos se formará (que assim o formou Deus) um mundo inteiro. Este é o sujeito da nossa *História*, e este império que prometemos do mundo. Tudo o que abraça o mar, tudo o que alumia o sol, tudo o que cobre e rodeia o céu será sujeito a este 5º Império, não por nome ou título fantástico, como todos os que até agora se chamam “impérios do mundo”, senão por domínio e sujeição verdadeira. Todos os reinos se unirão em um cetro, todas as cabeças obedecerão a uma suprema cabeça, todas as coroas se rematarão em uma só diadema, e esta será a penha da Cruz de Cristo (VIEIRA, 2015c, p. 78).

Finalmente, o Quinto Império vai inserir os entes totalmente no Ser e no Infinito e, dessa forma, o mundo passará pela redenção e pela infinitização da plenitude, reverberando, assim, a universalização e a consumação em todas as ordens temporais, ou seja, o tempo do Ser transcorrerá fluidamente no tempo

cronológico, propiciando a Ascensão cosmológica. Será um tempo onde não haverá subjugação, mas a promoção e disseminação plena da paz e da concórdia. No horizonte do Quinto Império, o processo de reconciliação do cosmo será materializado para transfigurar as mundividências entre os sujeitos humanos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentou o Quinto Império sistematicamente como o palco de recepção à regeneração cósmica. Com a fragmentação e a dualidade ocorridas no cosmo por conta do advento do pecado original, o Padre Antônio Vieira aponta que o tratado da Quinta Monarquia é a solução para a ascensão da humanidade, pois reúne as condições de implantar o *status* ontológico puro, fazendo a convergência do mundo sensível e suprasensível acontecer. Ao invés de focarmos em uma obra específica, enfatizamos a presença da temática no pensamento do Padre Antônio Vieira, tanto nos palácios como nas choupanas. A metáfora das choupanas é uma alusão as obras que responderam às demandas circunstanciais e imediatas que estavam atreladas ao contexto do Vieira (os sermões, as cartas, dentre outros). Já a metáfora dos palácios se refere a obra mais densa e rigorosa no que diz respeito ao seu aspecto metuculoso e investigativo (a obra profética que desembocou na síntese maior que é *A chave dos Profetas*, texto inacabado). É preciso pontuar que ao utilizar a expressão choupanas, Vieira não estava desprezando as obras que estão nessa categoria metafórica, especialmente os *Sermões*. As choupanas são atravessadas de temas ligados à doutrina moral. Nessa direção, compreendemos que houve uma valorização da experiência, da retórica e da história, ou seja, o ser humano foi destacado como parte da construção do processo histórico. Já a expressão palácios representa as obras de cunho profético onde o Padre Antônio Vieira se debruça na investigação da fisionomia do Reino espiritual e temporal de Cristo, visando compreender sua interferência na história. Os palácios têm como abordagem central o Quinto Império de Cristo na terra que será consumado estabelecendo uma nova ordem.

Assim, evidenciamos elementos metafísicos como sendo basilares da tessitura teórica do autor. Cremos que essa investigação não foi indolente com relação aos principais pontos necessários para a compreensão e problematização dos objetos propostos. Diante dessa empreitada, nossa escolha metodológica visou estabelecer uma coesão hermenêutica razoável no sentido de tratar o pensamento de Vieira, no que diz respeito à temática da unidade ontológica que unifica a totalidade de todas as coisas, de forma adequada.

Nessa mesma direção, o que procuramos discutir ao longo deste trabalho nos fez compreender que o conceito de temporalidade não subsiste sem o

fundamento teleológico e providencial, ou seja, o passado, o presente, o futuro e as demandas atemporais não são dimensões lançadas ao ermo da casualidade. Nessa complexidade que rege as determinações temporais, o Ser divino está orquestrando um projeto regenerador que visa, mediante a instância quinto imperial, conduzir todas as coisas ao ápice.

Nesse ponto, concluímos que o tempo vieiriano possui materialidade, pressuposto que o colocou em rota de colisão com a ortodoxia católica. Tal imperativo material incidirá inevitavelmente na implantação do Quinto Império na terra. E, assim, o tempo não pode ser um mero alongamento da alma, assim como o passado não pode ser apenas recordação. Para o Padre Antônio Vieira, o passado é o elo mediante no qual o futuro, que não pode ser mera expressão do desejo, será inscrito a partir do instante do presente. Mas, além desse projeto finalístico, se evidenciará os decretos divinos na história por meio da implantação do Quinto Império, o qual será estabelecido por meio de uma nação-instrumento que constituirá majoritariamente o domínio cosmológico na perspectiva de restaurar a comunhão não somente das ordens sensíveis e suprassensíveis, mas do divino-humano,

É preciso lembrar que as análises vieirinas lidam com objetos simbólicos, tipológicos e enigmáticos, cujo significado oculto exige um esforço hermenêutico, portanto. Vieira se colocou como intérprete dos comunicados do Ser que só podem ser captáveis com a aproximação dos eventos profetizados. Nessa empreitada hermenêutica e exegética, Vieira estabeleceu uma dialética, considerando que a retórica concordaria com o projeto do Ser divino adequado ao intelecto humano. Nesse âmbito, o sujeito humano reunirá todas as condições para conhecer a realidade e para apreender o exato instante do presente que está escondido atrás do enigma da aparência e vislumbrar as marcas do divino no mundo sensível e suprassensível. E, especificando mais essa questão, aludimos que a ordem transcendente lança mão dos seres materialmente delineados e põe neles Suas qualidades. É nesse sentido que a instância da realidade carrega consigo comunicados metafísicos e transcendentais.

Compreendemos que o Padre Antônio Vieira concebia a relevância da participação humana na construção da história e do futuro. Isso ficou muito evidente quando vimos também que o ser humano é um sujeito de vontade, portanto, responsável pelas suas decisões. Vieira ressaltou a importância do livre arbítrio

como um elemento que dignifica o ser humano e o conecta ao divino e o próximo. Esse aspecto é interessante, pois eleva o potencial humano acima das injunções históricas. Se o ser humano tem liberdade, a história pode passar pelo processo de transformação e aperfeiçoamento. Como vimos, o aprimoramento da humanidade resultará na sua transformação plena. Vimos que a riqueza desse melhoramento, que desafia o futuro e a liberdade, recoloca a humanidade diante de parâmetros otimistas com relação ao devir. Verificamos que, para Vieira, essa esperança tem como âncora a soberania do próprio Ser que governa a criatura e a criação para efeitos redentivos. Por aí também se pôde aludir que o sentido da história diz respeito ao desfecho histórico pessoal e ao desfecho da humanidade. Assim sendo, na história do gênero humano, o sujeito redescobre o seu *telos* final. Por esta razão, o Padre Antônio Vieira lançou mão da premissa fundamental de que os eventos da história aludem à definição dos aspectos salvacionistas da humanidade.

Estimulado pelo governo do Ser divino, vimos que o Padre Antônio Vieira incorporou em suas análises a natureza como um dos elementos que será objeto da convergência para a unidade cosmológica. Essencialmente sacral, Deus estabeleceu variações dos seus sinais na natureza que, de quando em quando, comunica aos homens Sua voz. É nesse sentido que Vieira lançou mão da teoria da influência dos astros no mundo sensível (Terra). Embora apreciasse as novidades que foram frutos da Revolução Científica, o jesuíta não abria mão da concepção de uma Filosofia Natural sagrada, que tem sua orientação no universo contingente, cuja lógica exhibe a presença oculta e enigmática do Ser. Todas essas ponderações foram aludidas nesse trabalho, que incluiu, logicamente, a exposição da estrutura do cosmo vieiriano. Certamente, devemos mencionar que a disposição para a unidade, ou seja, da ruptura à convergência das ordens suprassensíveis e sensíveis, significou uma passagem fundamental pela ordem social e política.

Nessa mesma direção, demonstramos que em Vieira é possível abstrair uma Filosofia Política. Vimos que a concepção de Estado deveria incorporar as demandas do povo e que o rei, assim como os súditos, têm direitos e deveres. O Estado é acatado como um organismo, sendo o rei a cabeça e os súditos o corpo, devendo ocupar suas posições naturais para a preservação e a manutenção do bem comum. Nessa estrutura, onde a vontade comum é efetivada, as operações do Ser se realizam na nação; porém, o Padre Antônio Vieira não valorizou inflexivelmente o particularismo nacional. Para ele, a instauração e a autonomia do Quinto Império

seriam uma evidência histórica da tarefa universalizadora da providência divina em direção à constituição da totalidade.

Podemos concluir que nossa dissertação demonstrou que o mistério da redenção cósmica que terá, dentre outras características, a materialização da finitude, reservará a total superação de toda improbidade e trivialidade do tempo dualizado pelo pecado. Essa transformação gozará da plenitude de acordo com o tempo *kairológico* de Deus. Por outro lado, concluímos que o Quinto Império unificará todos os entes em uma cadeia equânime, em que as hierarquias serão dissipadas. A discórdia que fomenta o desequilíbrio da boa ordem natural das coisas será extirpada e a ordem quinto imperial haverá de instaurar a paz global e o fortalecimento do bem comum.

REFERÊNCIAS

ABRÃO, Maria. **Lembra-te do futuro**: a teologia de António Vieira à luz da História do Futuro. São Paulo: Edições Loyola; Recife: Universidade Católica de Pernambuco UNICAP, 2012.

Actas do Congresso Internacional do Terceiro Centenário da Morte de Pe. António Vieira. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa/Companhia de Jesus, 1999, 3 vols.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Tradução de Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

AGOSTINHO, S. O Homem e o Tempo. 10. ed. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1981.

AQUINO, Tomás de. **Suma de Teologia**. São Paulo - SP, Ed. Loyola, 2005.

ARISTOTÉLES. **Metafísica**, vols. I, II, III, 2ª edição. Ensaio introdutório, tradução do texto grego, sumário e comentários de Giovanni Reale. Tradução portuguesa Marcelo Perine. São Paulo. Edições Loyola. 2002.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: Edipro, 2006.

AZEVEDO, J. Lúcio. **História de Antônio Vieira**, t. I. São Paulo: Alameda, 2008.

BESSELAAR, José Van Den. **Antônio Vieira**: O Homem, a Obra, as Ideias. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1981.

BESSELAAR, José Van Den. **Antônio Vieira**: profecia e polêmica. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

BESSELAAR, José Van Den. **O Sebastianismo**: História Sumária. Lisboa: ICLP, 1987.

BORGES, Paulo. **A Plenificação da História em Padre António Vieira**. Estudo sobre a Ideia de Quinto Império na Defesa Perante o Tribunal do Santo Ofício. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1995.

CALAFATE, Pedro. **A Mundividência de Antônio Vieira**. História do Pensamento Filosófico Português. Lisboa: Caminho, 2001.

CALAFATE, Pedro. Introdução ao volume I da obra profética, VIEIRA. *In*: VIEIRA, António. **História do Futuro e voz de Deus ao mundo, a Portugal e a Baía**. Obra completa, t. III, v. I. São Paulo: Edições Loyola, 2015. p. 29-47.

CAROLINO, Luís Miguel. **Ciência, astrologia e sociedade**: a teoria da influência celeste em Portugal (1593-1755) /. (Textos universitários de ciências sociais e humanas). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian: Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2003.

CARVALHO, M. S. **O Curso Aristotélico Jesuíta Conimbricense**. Coimbra: Ed: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018.

CERQUEIRA, L. A. **Scientia Media e a Moderna Concepção De Liberdade**: um estudo de filosofia brasileira. Síntese (Belo Horizonte. 1974), v. 38, 2011.

COMAY, Joan. **Quem é Quem no Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: Imâgo, 1998.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada; tradução Maria Lucia Machado; tradução de notas Heloísa Jahn. – São Paulo: Companhia das Letras. 2009.

FARIA, Ernesto. **Dicionário Escolar Latino-português**. Rio de Janeiro: FAE/MEC, 1962.

FISCHER, Alexander. **O Texto do Antigo Testamento** – Edição reformulada da Introdução à Bíblia Hebraica de Ernest Wurthwin. Trad. Vilson Scholz. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

FONSECA, Pedro da. *Commentariorum. In: libros Metaphysicorum Aristotelis Stagiritae*. Hildesheim (reimp.), 1964.

FRANCA S.J., Leonel. **O método pedagógico dos jesuítas**: o “Ratio Studiorum”: Introdução e Tradução. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1952.

FRANCO, José Eduardo. Projeto de cidadania do futuro: Quinto Império como possibilidade de um Mundo Novo segundo Vieira. *In: AZEVEDO, Silva Maria; RIBEIRO, Vanessa Costa (org.). Vieira: vida e palavra*. São Paulo: Edições Loyola, 2008, p. 128-155.

FRANCO, José Eduardo. **O mito de Portugal**: A Primeira História de Portugal e a sua Função Política. Lisboa: Roma Editora e Fundação Maria Manuela e Vasco de Albuquerque d'Orey, 2000.

FRANCO, José Eduardo; PEREIRA, Paulo Silva. **Revisitar Vieira no século XXI**: Cultura política e atualidade. 2 v. 1º v. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020.

GILSON, Étienne. **O espírito da filosofia medieval**. Tradução Eduardo Brandão. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2020.

GRANT, Edward. **História da filosofia natural**: do mundo antigo ao século XIX. Tradução Tiago Attore. São Paulo: Madras, 2009.

HANSEN, João Adolfo. **Ler e ver: pressupostos da representação colonial**. Versão eletrônica disponível em http://us.geocities.com/ail_br/lerverpressupostos.htm?20069. Texto impresso em: Veredas. Porto: v. 3-I, 2000, p. 75-90. Acesso em: 23 novembro de 2022.

HANSEN, João Adolfo. Francisco Suárez e Antônio Vieira: metafísica, teologia-política católica e ação missionária no Brasil e no Maranhão e Grão Pará. *Revista Labor Histórico*, Rio de Janeiro, 5 (2): 395-410, jul. | dez. 2019.

HELENA, Avelar. **Vícios e virtudes na teoria e na prática astrológica medieval: exemplos portugueses da dinastia de Avis (século XV)**, e-Spania [Online], 22 | outubro 2015, posto online no dia 31 outubro 2015, URL: disponível em <http://journals.openedition.org/e-spania/24859>; DOI: <https://doi.org/10.4000/e-spania.24859>. Acesso em: 28 setembro 2021.

HERMANN, Jacqueline. **No reino do desejado: a construção do sebastianismo em Portugal (séculos XV e XVII)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HERMANN, Jaqueline. **1580-1600: o sonho da salvação**. Coord. Laura de Mello e Souza, Lília Mortiz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HOOYKAAS, R. **A religião e o desenvolvimento da ciência moderna**. Tradução de Fernando Dídimo Vieira. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1988.

KANTOROWICZ, Ernst H. **Os dois corpos do rei: um estudo sobre teologia política medieval**. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LE GOFF, J.; SCHMITT. **Dicionário temático do Ocidente medieval**. 2 vols; tradução coordenada por Hilário Franco Júnior. São Paulo: editora Unesp, 2017.

LEITE, Serafim. O curso de Filosofia e as tentativas para se criar a universidade no Brasil no século XVII. *Revista Verbum*. Rio de Janeiro, v.5, n. 2, p.108-143, abr/mai/jun 1948.

LINS, Ivan. **Aspectos do padre Antônio Vieira**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.

LOYOLA, I. **Exercícios Espirituais** (3.a ed.). Braga: Livraria AI, 1999.

LUND, Christopher. Antônio Vieira e Manasseh bem Israel: uma aproximação de dois hermeneutas. *In: Atas do Terceiro Centenário da morte de padre Antônio Vieira Congresso Internacional (t. III)*. Braga: Universidade Católica Portuguesa/Província Portuguesa da Companhia de Jesus), 1999, p. 1125-1129.

LUTERO, Martinho. Debates e Controvérsias, II. *In: Obras Selecionadas*, v. IV. Rio Grande do Sul: Sinodal, 1993.

MARIA, A. Barroco: a retórica imagética. *In: Actas do Terceiro Centenário da Morte do Padre Antônio Vieira: Congresso Internacional (t. I)*. Braga: Universidade Católica Portuguesa/Província Portuguesa da Companhia de Jesus), 1999, p. 233-243.

MARTINS, António Manuel. Liberdade e Autonomia em Fonseca. *Revista Mediaevalia, Textos e Estudos*. Porto: Fund. Eng. António de Almeida, 1995.

McGRADE, A.S. **Filosofia Medieval**. Tradução de André Oides. Aparecida SP: Ideias e Letras, 2008.

MICELI, Paulo. **História Moderna**. – 1. Ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

MOLINA, Luis de. **Concordia liberi arbitrii cum gratiae donis, divina praescientia, providentia, praedestinatione et reprobatione (1588)**. Edição Latino. Whitefish, Montana: Kessinger Publishing, 2010.

MURARO, Valmir Francisco. **Padre Antônio Vieira: retórica e utopia**, - Florianópolis: Insular, 2003.

PÉCORA, Alcir. O bom e o boçal ou o selvagem americano entre calvinistas franceses e católicos ibéricos. **Remate de Males**: revista Campinas, UNICAMP, n.12, p. 35-44, 1992.

LORASCHI, Celso. Igreja - sociedade - profecia. **Encontros Teológicos**: revista da FACASC e do ITESC, Florianópolis, ano 29, n. 3, p. 79-94, 2014.

PECORA, Alcir. **Teatro do Sacramento**: a unidade teológico-retórico-política dos sermões Antonio Vieira. 2ª edição. – Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: Editora da USP, 2008.

PIMENTEL, Manuel Cândido. **De chronos a kairós**: Caminhos filosóficos do Padre Antônio Vieira. – Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2008.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Atena, 1956.

PLATÃO. Timeu-Crítias. **Tradução do grego, introdução, notas e índices**: Rodolfo Lopes Editor: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos – Edição: 1ª/2011.

ROBERT G. Clouse, RICHARD V. Pierard e EDWIN M. Yamauchi. **Dois reinos**: A Igreja e a Cultura interagindo ao longo dos séculos. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003.

ROSSATTO, Noeli Dutra. **Joaquim de Fiore**: trindade e nova era. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

SARAIVA, Antonio José. **O Discurso Engenhoso**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

SARANYANA, Josep-Ignasi. **A Filosofia Medieval**: das origens patrísticas à escolástica barroca. Tradução de Fernando Salles. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência 'Raimundo Lúlio' (Ramon Llull), 2006.

SEVCENKO, Nicolau. **O Renascimento**. 6ª. ed. São Paulo: Atual, 1988.

SUÁREZ, Francisco. **Defesa da fé Católica** (edição compilada) / tradução de Luiz Astorga, edição de Renan Santos. Porto Alegre: Concreta, 2015.

VAINFAS, Ronaldo. **Antônio Vieira: Jesuíta do rei**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

VALLADARES, Rafael. **A independência de Portugal: Guerra e Restauração 1640-1680**. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2006.

VIEIRA, António. A Chave dos Profetas, *In Obra completa*, t. III, v. V. São Paulo: Edições Loyola, 2014a.

VIEIRA, António. Carta e Papéis Vários, *In Obra Completa*, t. I, v. V. São Paulo: Edições Loyola, 2014b.

VIEIRA, António. Cartas da missão: cartas da prisão, *In Obra Completa*, t. I, v. II. São Paulo: Loyola, 2014c.

VIEIRA, António. Cartas de Lisboa: Cartas da Baía, *In Obra Completa*, t. I, v. IV. São Paulo: Loyola, 2014d.

VIEIRA, António. Sermões do Advento, do Natal e da Epifania, *In Obra Completa*, t. II, v. I. São Paulo: Edições Loyola, 2014e.

VIEIRA, António. Autos do Processo de Vieira na Inquisição, *In Obra Completa*, t. III, V. IV. São Paulo: Edições Loyola, 2015a.

VIEIRA, António. Defesa perante o tribunal do Santo Ofício, *In Obra completa*, t. III, v. II. São Paulo: Edições Loyola, 2015b.

VIEIRA, António. História do Futuro e voz de Deus ao mundo, a Portugal e a Baía, *In Obra completa*, t. III, v. I. São Paulo: Edições Loyola, 2015c.

VIEIRA, António. Sermão da Sexagésima e Sermões da Quaresma, *In Obra completa*, t. II, v. II. São Paulo: Edições Loyola, 2015d.

VIEIRA, António. Sermões da Páscoa e do Pentecoste, *In Obra completa*, t. II, v. V. São Paulo: Edições Loyola, 2015e.

VIEIRA, António. Sermões da Quaresma e da Semana Santa, *In Obra completa*, t. II, v. IV. São Paulo: Edições Loyola, 2015f.

VIEIRA, António. Sermões da quaresma, *In Obra completa*, t. II, v. III. São Paulo: Edições Loyola, 2015g.

VIEIRA, António. Sermões de Incidência Política, *In Obra completa*, t. II, v. XIII. São Paulo: Edições Loyola, 2015h.

VIEIRA, António. Sermões de Nossa Senhora, *In Obra Completa*, t. II, v. VII. São Paulo: Edições Loyola, 2015i.

VIEIRA, António. Sermões do Rosário: Maria Rosa Mística I, *In Obra Completa*, t. II, v. IX. São Paulo: Edições Loyola, 2015j.

VIEIRA, António. Sermões do Rosário: Maria Rosa Mística II, *In Obra Completa*, t. II, v. IX. São Paulo: Edições Loyola, 2015k.

VIEIRA, António. Sermões Eucarísticos, *In Obra completa*: t. II, v. VI. São Paulo: Edições Loyola, 2015l.

VIEIRA, António. Sermões Fúnebres, *In Obra Completa*, t. II, v. XIV. São Paulo: Edições Loyola, 2015m.

VIEIRA, António. Sermões Hagiográficos I, *In Obra Completa*, t. II, v. XI. São Paulo: Edições Loyola, 2015n.

VIEIRA, António. Sermões Hagiográficos II, *In Obra Completa*, t. II, v. XI. São Paulo: Edições Loyola, 2015o.

VIEIRA, António. Escritos políticos, *In Obra Completa*, t. IV, v. I. São Paulo: Edições Loyola, 2016a.